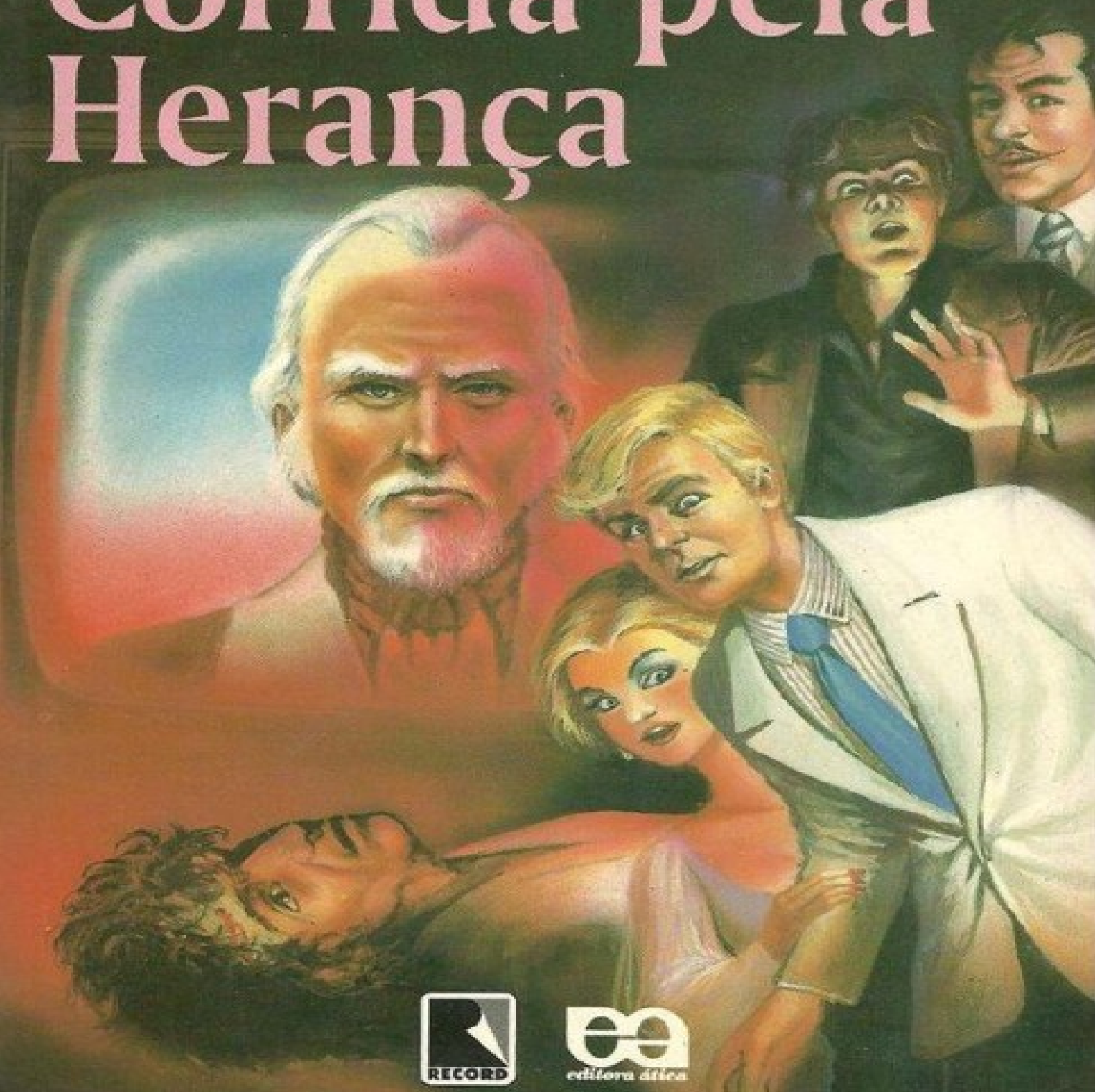


Sidney Sheldon

Um dos Autores Mais Lidos do Mundo

Corrida pela Herança





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sidney Sheldon

CORRIDA PELA HERANÇA

Tradução de
PINHEIRO DE LEMOS

4ª EDIÇÃO



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S548c Sheldon, Sidney, 1917-
4ª ed. Corrida pela herança / Sidney Sheldon;
tradução de Pinheiro de Lemos. – 4ª ed. – Rio de
Janeiro: Record, São Paulo: Ática (Distribuidor),
1997.

Tradução de: The money tree

I. Literatura infanto-juvenil. I. Lemos, A. B.
Pinheiro de (Alfredo Barcelos Pinheiro de),
1938- . II. Título.

94-0694 CDD – 028.5
808.899282
CDU – 087.5
82.93

Título original norte-americano
THE MONEY TREE

Copyright © 1994, 1993 by Sheldon Literary Trust
Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução, através
de quaisquer meios, no todo ou em parte.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Direitos exclusivos de distribuição no Brasil adquiridos pela
EDITORA ÁTICA S.A.

Rua Barão de Iguape, 110 – 01507-900 São Paulo, SP
Caixa Postal 8656 – Tel.: 278-9322

Impresso no Brasil



CORRIDA PELA HERANÇA



Os Desafortunados Herdeiros de um Milionário

Receber como herança uma grande fortuna não é nem um pouco fácil. Não basta ser parente de defunto milionário. Muito menos se quem morre é o magnata Samuel Stone, um avarento que faria o Tio Patinhas morrer de inveja.

Stone tem quatro herdeiros: a bela e vaidosa viúva, um jovem e ganancioso sobrinho, um

advogado dos mais interesseiros e um primo bondoso, que pretende transformar a imensa herança em obras de caridade.

Quem quiser pôr as mãos nas riquezas do milionário a partir de agora irá precisar de esperteza e coragem. Através de gravações em videocassete, criadas pelo próprio morto, os pretendentes terão de decifrar estranhos e complicados enigmas. Começa aí uma agitada e emocionante caça ao tesouro.

Com todos os perigos que isso implica, é claro... E sem falar na concorrência nem sempre leal dos adversários, Afinal, cada um quer mesmo é ficar com toda a herança.

Corrida pela Herança, de Sidney Sheldon, é um raro entretenimento. Uma grande aventura onde bandidos, espiões, ursos e fantasmas são apenas algumas das surpresas que o consagrado autor de *Juízo Final* e *Escrito nas Estrelas* reservou para seu público. Entre neste divertido labirinto de emoções e descubra quem será o verdadeiro dono da fortuna de Samuel Stone.

Capítulo Um

Esta é a história de um homem chamado Samuel Stone, tão rico e poderoso que se recusa a morrer. Bem, esta não é toda a verdade, A verdade é que seu corpo está morto e enterrado, mas seu espírito permanece vivo. Isto é, vivo numa fita de vídeo.

Nossa história começa com a gananciosa família de Samuel Stone na leitura do testamento. Todos se mostravam excitados, como não podia deixar de ser, porque Samuel Stone deixou uma fortuna de cem milhões de dólares, e mal podiam esperar para pôr as mãos no dinheiro!

Na sala de estar da mansão Stone estavam a viúva de Samuel, seu sobrinho, seu advogado, um mordomo, uma criada e um primo distante, chamado David.

David é um rapaz decente, que dirige uma fundação de caridade, e espera receber algum dinheiro para dar aos pobres.

Como detestava caridade, Samuel Stone só deu cem mil dólares à fundação.

— Não darei um centavo aos pobres — declarou a viúva de Stone. — Comprarei as joias mais caras do mundo, um iate, um castelo na França... e isso é só o começo.

O advogado de Samuel Stone comentou:

— Sam prometeu que eu receberia uma grande parte de seu patrimônio. Afinal, fui seu

advogado por muitos anos.

— Ei, espere um pouco!—protestou o sobrinho. — Você nem é da família! Tenho direito à maior parte do dinheiro!

David foi o único a se manter calado.

— Quando vamos ouvir a leitura do testamento? — indagou a viúva de Stone. — Tenho um encontro marcado com meu joalheiro.

— Não será exatamente uma leitura—informou o advogado ao grupo. — Seu falecido marido deixou o testamento gravado numa fita de vídeo.

— Como? Nunca ouvi falar de uma coisa assim!

— Posso lhe assegurar que é perfeitamente legal — garantiu o advogado. — Agora, por favor, queiram todos ocupar seus lugares.

Ele disse a cada um onde sentar. Depois, acenou com a cabeça para o mordomo, que ligou o aparelho de televisão. O rosto de Samuel Stone apareceu na tela. E um rosto de aparência mesquinha, o que é bastante apropriado, porque Samuel Stone foi em vida um homem mesquinho. Como logo descobriremos, não se tornou muito melhor na morte.

— Minha querida família, sou obrigado a deixar para trás, quer eu goste ou não, cem milhões de dólares do dinheiro que ganhei com tanto esforço. Poderia deixar para obras de caridade, mas como todos sabem muito bem, detesto caridade.

O sobrinho de Stone exclamou, na maior felicidade:

— Isso significa que ele vai deixar para nós! Estamos ricos!

— Ele vai deixar para mim — disse a viúva.

O advogado de Stone interveio:

— Ei, espere um pouco! Tenho direito a...

A figura na tela da televisão gritou:

— Calem-se todos! Não comecem a discutir, enquanto eu não acabar. Vamos iniciar pelos criados.

Seus olhos se viraram para o lugar em que o mordomo sentava.

— Você esteve comigo por vinte e cinco anos.

O mordomo ficou radiante.

— Sim, senhor.

— Não creio que jamais tenha existido um mordomo como você.

— É muita bondade sua dizer isso, senhor.

Samuel Stone amarrou a cara.

— Nesses vinte e cinco anos, calculo que você bebeu mil garrafas do meu melhor *scotch*, fumou cerca de mil e quinhentos dos meus melhores charutos e me trapaceou em dezenas de milhares de dólares em contas de compras adulteradas.

O mordomo olhava fixamente para a tela.

— Não, senhor... eu...

— Vai querer discutir com um morto?

— Não, senhor.

— Ainda bem. Estou lhe dando dez mil dólares em dinheiro, desde que continue na casa.

O mordomo sorriu.

— Obrigado, senhor.

O rosto na tela virou-se para o lugar em que sentava a jovem e bela criada,

— Olá, Maria. Ela corou.

— Olá, Sr. Stone.

Samuel Stone sorria para ela.

— Você ainda é bastante nova aqui. Não teve tempo de fazer muita coisa. Mas o que fez, minha cara, fez muito bem.

Estou lhe deixando dez mil dólares, desde que continue a trabalhar na casa.

— Obrigada, Sr. Stone.

A figura na tela virou-se para contemplar o resto do grupo.

— Aos demais herdeiros, estou deixando cem dólares por semana.

Houve um momento de silêncio atordoado. A viúva de Stone olhava espantada para a tela.

— Mas não pode fazer isso! E os cem milhões de dólares?

— Provavelmente vão me perguntar sobre os cem milhões de dólares — disse Samuel Stone. — Muito bem, terão de ser espertos para encontrá-los. As únicas diversões que tive na vida foram ganhar dinheiro e solucionar enigmas. A cada semana, eu lhes darei pistas para a

descoberta de uma fortuna. Numa semana, pode ser um tesouro afundado. Na semana seguinte, podem ser dez milhões de dólares em barras de ouro.

A viúva de Stone empalideceu de fúria.

— Não pode fazer isso! — gritou ela para a tela de televisão.

— Posso, sim — respondeu Samuel Stone.

Era como se ele estivesse na sala com os outros e soubesse tudo o que iriam dizer.

— A única coisa em que insisto é que todos vivam nesta casa, juntos, onde poderão vigiar uns aos outros. — Samuel Stone sorriu. Um sorriso sinistro. — Isto é tudo, por enquanto.

Tornarei a vê-los na próxima semana. Cuidem bem de Oliver.

Á tela ficou escura. Instalou-se o pandemônio na sala.

— O homem está louco!

— Não é legal!

O advogado levantou a mão,

— Um momento, por favor. Lamento dizer que é legal e que sua vontade prevalece. Temos de fazer à sua maneira, ou não recebemos nenhum dinheiro.

— Aquele velho safado! - exclamou a viúva de Samuel Stone.

— Ele vai se haver comigo por isso!

— Como? — indagou o sobrinho de Stone. - Ele já está morto.

E nós também — resmungou a viúva de Stone. — Jamais encontraremos o dinheiro.

Esperem um instante! — interrompeu David. — Quem é Oliver?

— É o papagaio de Sam.

David pensou um pouco.

— Essa deve ser a primeira pista.

O grupo se tornou logo excitado.

— Mas é isso mesmo! Pode ser uma pista! Foi a única coisa que ele disse que podia ser uma pista!

David ficou observando, enquanto todos corriam para a gaiola de Oliver.

— Olá — disse o sobrinho. — Louro quer um pouco de alpiste?

O papagaio protestou:

— Isso é para passarinhos. Vão embora. Não vou falar! Não vou falar!

A viúva de Stone insistiu:

— Você nos dá a pista, e lhe daremos uma porção de coisas gostosas para comer.

O papagaio gritou, estridente:

— Vá embora, talhador!

Por que ele a chamou de talhador? — perguntou o sobrinho.

David sugeriu:

— Pode ser uma pista.

O papagaio gritou de novo:

— Pista, pista, Michael Angel!

— Isso não faz o menor sentido — murmurou o advogado.

David se tornou de repente muito excitado.

— Faz, sim! Juntem tudo. Um talhador pode ser um escultor, e Michael Angel pode ser Michelangelo.

— É isso! Samuel possuía um Michelangelo. Deve valer milhões.

— Onde está? — perguntou o sobrinho.

— Em Los Angeles, No Museu do Condado.

Começou a corrida para descobrir a primeira parte da fortuna de Samuel Stone. Todos entraram em seus carros e partiram a toda velocidade, cada um querendo ser o primeiro a reivindicar a estátua. Sonhavam com o que fariam com o dinheiro, quando o conseguissem. Com exceção de David Seu único interesse era dar o dinheiro à Fundação de Caridade Samuel Stone, para ajudar os pobres.

O advogado foi o primeiro a alcançar o curador do museu.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — perguntou o curador.

— Pode, sim. Creio que o Sr. Stone tem uma estátua aqui, de Michelangelo.

— É verdade.

— Sou seu advogado. Vim buscá-la.

A viúva de Samuel Stone chegou neste momento.

— Espere um pouco! — protestou ela. — Essa estátua me pertence. Quero que a ponha num engradado e...

— O sobrinho de Stone apareceu.

— Meu tio queria que eu ficasse com a estátua. — Ele virou-se para o curador. — Eu a levarei.

Sinto muito — disse o curador —, mas nenhum de vocês pode levar a estátua.

Todos o fitaram aturdidos.

— Por que não?

— Porque está em exposição. Ninguém pode retirá-la por uma semana.

A viúva de Stone ficou consternada.

— Uma semana? Não posso esperar todo esse tempo!

— Lamento, mas essas são as regras do museu. As obras devem permanecer aqui até o final da exposição.

Todos trocaram olhares frustrados.

Meu caro leitor, você achou que eles iam desistir? Não!

Não! Lembre-se de que estamos falando de pessoas muito gananciosas.

Cada um pensou num plano... num plano para roubar a estátua.

Como nenhum deles estava disposto a partilhar a fortuna com os outros, cada um pensou num plano diferente.

Naquela noite, o advogado arrombou o museu, atravessou a exposição, na ponta dos pés, até a estátua de Michelangelo.

Quando a alcançou, afagou-a gentilmente, murmurando:

— Dez milhões de dólares, e é tudo meu!

Mas no instante em que ele pegou a estátua, o alarme disparou e a sala ficou toda iluminada. Ele virou-se. O curador e dois guardas armados estavam parados na porta.

— O que faz aqui? — perguntou o curador.

— Eu... eu só queria dar outra olhada na estátua.

— A esta hora da noite? Volte quando o museu estiver aberto.

O advogado acenou com a cabeça.

— Está bem.

Eles ficaram observando, enquanto o advogado se retirava, apressado.

— Fiquem de olho nessa estátua — determinou o curador.

Na manhã seguinte, a viúva de Samuel Stone entrou no museu, empurrando um vulto envolto por uma manta, numa cadeira de rodas. David se encontrava ali, conversando com o curador.

— Bom dia — disse David.

A viúva de Stone acenou com a cabeça.

— Bom dia. Estou levando um amigo para ver a estátua. Ele é um grande admirador de arte.

A viúva desapareceu na sala ao lado, onde a estátua era exposta. Quando chegou à estátua, ela olhou ao redor, para se certificar de que ninguém a via, e depois tirou a manta que cobria a cadeira de rodas. Não havia ninguém ali, apenas um chapéu no topo, sapatos por baixo e algumas roupas de homem no assento.

Ela pegou a camisa e começou a vestir a estátua. Ao terminar, transferiu-a para a cadeira de rodas, cobriu-a com a manta, puxou o chapéu sobre o rosto.

Eu consegui, pensou a viúva, triunfante. *Sou mais esperta que todos os outros. A estátua é minha.* Ela começou a empurrar a cadeira de rodas para a saída. Ao passar por David e o curador, a viúva sorriu e disse:

— Tenham um bom dia.

David respondeu, muito amável:

— Você também.

Ele puxou a manta e expôs a estátua na cadeira. O curador ficou espantado.

— Mas... mas o que pensa que está fazendo?

— Acho que ela tentava levar a estátua para respirar um pouco de ar fresco — comentou David.

O curador disse à viúva:

— Madame, sugiro que a senhora saia para respirar um pouco de ar fresco. A estátua fica.

O ganancioso sobrinho de Samuel Stone também tinha seu plano, que quase deu certo.

Contratou um helicóptero para sobrevoar o telhado do museu, na noite seguinte. O helicóptero pairou sobre uma claraboia de vidro.

— Aqui está ótimo — disse o sobrinho. — Pode me baixar.

O piloto baixou-o pela claraboia com uma corda. Ao chegar lá embaixo, o sobrinho olhou ao redor, com a maior atenção. Não havia ninguém à vista. Ele passou os braços pela estátua e deu dois puxões na corda, o sinal para que o piloto o levantasse.

Lentamente, ele foi içado pelo ar, segurando a estátua.

Eu consegui!, pensou o sobrinho. *É toda minha. Fui mais esperto do que os outros.*

Ele e a estátua saíram do prédio do museu. Lá embaixo havia um caminhão à espera para transportar a estátua.

— Pode baixar! — gritou o sobrinho, cheio de satisfação. — Eu consegui! Vamos levar a estátua!

Infelizmente, para ele, David e o curador haviam observado toda a operação. David tomara o lugar do motorista ao volante do caminhão.

— Vamos embora! — gritou David.

Ele manobrou o caminhão até a entrada de serviço do museu. A estátua retornou ao lugar a que pertencia.

Havia uma reunião em andamento. Embora todos se odiassem, tinham chegado à conclusão de que, se queriam a estátua, precisavam trabalhar juntos.

— Já sei o que devemos fazer — anunciou a viúva de Stone.

— Pegaremos a estátua e dividiremos o dinheiro em partes iguais.

Só David fora excluído da reunião.

— Ele é honesto demais — disse a viúva de Stone. — Se pegar o dinheiro, vai entregar tudo a obras de caridade. Seria um lamentável desperdício.

Os outros concordaram.

— Não precisamos dele — assegurou o sobrinho. — Ficaremos com todo o dinheiro para nós.

— Como vamos tirar a estátua do museu? — indagou a viúva.

— Tenho um plano — declarou o advogado. — Não pode falhar.

Os outros dois escutaram, ansiosos, enquanto ele relatava o que deveriam fazer. Ao final, o

sobrinho sorriu e disse:

— É maravilhoso! Você tem toda razão, não pode falhar.

David conversava com o curador do museu.

— Estou muito preocupado — disse ele. — Tenho certeza de que eles não desistiram. Ainda planejam roubar a estátua.

— Como poderiam, se está bem vigiada e...?

— Isso não é suficiente — afirmou David. — Mas tenho uma ideia.

David explicou sua ideia- O curador ficou horrorizado.

— Fala sério?

— Claro que sim.

No último dia da exposição, a viúva, o sobrinho e o advogado entraram no museu, carregando várias bolsas e malas. Foram até a estátua de Michelangelo. Assim que ficaram a sós, abriram as bolsas e malas, tiraram partes diferentes de uma estátua pré-fabricada e as montaram — braços, pernas, tronco e cabeça.

Ao acabarem, tinham uma estátua que era quase idêntica ao verdadeiro Michelangelo.

Agora — disse o advogado —, vem a parte mais esperta.

O grupo pegou pedaços de argila nas bolsas e grudou na estátua autêntica, acrescentando rugas, tomando o nariz mais comprido, os lábios mais grossos, até que a estátua parecia falsificada. Depois, trocaram as estátuas de lugar.

O curador entrou na sala, deu uma olhada, espantado, e gritou:

O que estão fazendo?

Nada — respondeu a viúva, com uma cara de inocente. — Achamos que o museu bem que poderia querer outra estátua. E viemos doá-la.

O curador examinou a estátua cheia de rugas, lábios grossos e nariz comprido, antes de dizer:

— Levem essa coisa horrível daqui!

Ele não podia imaginar que se referia à estátua autêntica.

— Tem certeza de que quer que a levemos?

— Certeza absoluta.

O advogado piscou para os outros.

— Vamos embora.

O sobrinho ajudou-o a levantar a estátua. O grupo deixou o museu com o verdadeiro Michelangelo.

— Conseguimos! — exclamou a viúva, exultante. — Dez milhões de dólares, e é tudo nosso! Nós o enganamos!

Eles saíram, e desta vez David não se encontrava ali para detê-los. Largaram a estátua no topo dos degraus do museu, a fim de descansarem por um momento.

— Dez milhões de dólares! — repetiu a viúva. — Poderei comprar meu iate.

O sobrinho:

— Comprarei um apartamento em Paris.

E o advogado acrescentou:

— Comprarei um prédio novo para o meu escritório.

Um menino dobrou a esquina de patins. Ninguém lhe prestou qualquer atenção quando ele sentou num banco e tirou os patins.

— Muito bem — disse a viúva —, vamos tirar a estátua daqui antes que descubram o que fizemos.

O sobrinho balançou a cabeça.

— Tem toda razão,

O advogado e o sobrinho levantaram a pesada estátua.

Começaram a descer a escadaria, o sobrinho pisou num dos patins e voou pelos degraus, largando a estátua.

E ele e o advogado caíram sentados no chão, enquanto a estátua se espatifava em uma centena de pedaços.

— Santo Deus! — exclamou a viúva. — Vejam o que fizeram!

Dez milhões de dólares perdidos!

Nenhum deles pensou na beleza da estátua que pensavam ter destruído.

David chegou bem a tempo de ver o que acontecera. Passou por eles, entrou no museu. Foi para a sala do curador, onde se encontrava a verdadeira estátua de Michelangelo. O curador

sorriu.

— Você tinha toda razão. Se eu não mandasse fazer uma cópia, como sugeriu, a estátua estaria quebrada em cem pedaços.

Segundo minhas instruções, devo entregá-la ao primeiro herdeiro que a reivindicar, depois que a exposição terminar. — Ele olhou para o relógio. — A exposição acabou... agora...

— Eu a reivindico—disse David.

O curador acenou com a cabeça.



— É sua. Conversei com os diretores do museu. Estão muito interessados em comprar a estátua. Autorizaram-me a oferecer até dez milhões de dólares,

David sorriu.

— Negócio fechado.

— Como deseja o cheque?

David sussurrou:

— Pode preenchê-lo a favor da Fundação de Caridade Samuel Stone.

O curador fitou David com surpresa.

— Por que está sussurrando?

David apontou para o céu.

— Não quero que ele me escute.

É desnecessário dizer que os outros ficaram furiosos quando souberam o que acontecera. Indignaram-se por David ter entregado todo o dinheiro a obras de caridade.

— Não deixaremos que isso aconteça de novo—juraram eles.

— Na próxima vez, pegaremos todo o dinheiro para nós.

Na semana seguinte, todos se reuniam outra vez na sala de estar da mansão, para dar início à segunda caça ao tesouro. O mordomo ligou a televisão. O rosto de Samuel Stone apareceu.

— Bom dia — disse ele.

— Bom dia — responderam todos, automaticamente.

Os olhos de Samuel Stone correram pela sala.

— Tenho certeza de que, a esta altura, um de vocês já encontrou a estátua. Meu palpite é de que a ganância prevaleceu, e todos se uniram.

Os olhos se deslocaram para David.

— Menos você, David. Espero que não tenha sido quem a encontrou. Eu detestaria pensar que o dinheiro foi desperdiçado com pequenos órfãos sujos.

David deu de ombros. Os olhos de Samuel Stone tornaram a se deslocar pelo grupo.

— Muito bem, estão prontos para a próxima pista? Há outros dez milhões de dólares esperando por vocês.

Todos se inclinaram para a frente, na maior ansiedade.

— Aqui está a pista...

Capítulo Dois

Atenção! Todo cuidado é pouco! Senhores, verifiquem suas carteiras, para se certificarem de que todo o seu dinheiro continua ali. Senhores, vejam se suas joias não foram roubadas.

Estão prestes a se descobrirem em companhia de um bando de ladrões.

O local é a linda mansão de Samuel Stone. Um dos homens mais ricos do mundo, que morreu há duas semanas. Deixou uma bela viúva, um sobrinho e um advogado com a esperança de herdarem seu dinheiro. Todos querem tanto a sua fortuna que se sentem dispostos até a matar para consegui-la.

O único decente no grupo é um jovem chamado David. Ele dirige a Fundação de Caridade Samuel Stone. Se conseguir o dinheiro, tenciona usá-lo para ajudar os pobres e desabrigados.

Quando a família se reunira aqui, na semana anterior, para a leitura do testamento, o advogado mandara que todos sentassem diante do enorme aparelho de televisão, na biblioteca. O mordomo ligara o aparelho e Samuel Stone surgira na tela.

— Sei que todos estão atrás do meu dinheiro — dissera o morto. — Só que terão de descobrir onde encontrá-lo. Sempre gostei de enigmas, e apresentarei um a cada semana, indicando onde está minha fortuna.

Na semana passada, o tesouro fora uma escultura de Michelangelo. David a conseguira e o dinheiro fora para a caridade. Os outros ficaram furiosos com ele. Não acreditavam e ajudar os pobres. Só acreditavam em ajudar a si mesmos.

Agora, no início de nossa nova aventura, todos sentavam outra vez diante da televisão, preparados para ouvirem as pistas para a próxima caça ao tesouro. Viam Samuel Stone na tela da televisão.

— Muito bem, seus gananciosos — trovejou a voz —, prestem muita atenção e vejam se são bastante espertos para solucionarem este enigma. Aqui estão algumas pistas. Há alguma coisa escorregadia como peixe, e é uma pena que

Diamond Jim Brady não esteja aqui para ajuda-los. Todos vocês são mortais. Nenhum de

você é um Deus. E isso é tudo o que vou dizer. Espero que ninguém descubra.

A mensagem acabou. O mordomo desligou o aparelho.

Todos se entreolharam, aturdidos. O advogado foi o primeiro a falar:

— Isso é tudo?

A jovem e bela viúva acrescentou:

— Mas onde estão as pistas? Ele não nos disse nada!

O sobrinho comentou:

— É impossível! Nunca encontraremos o tesouro!

David interveio:

— Vamos analisar o que ele disse.

Todos saíram para o terraço, onde havia uma enorme piscina. Num lado da piscina havia uma estátua de Netuno, despejando água pela boca para a piscina.

O mordomo serviu drinques, enquanto todos sentavam, discutindo as palavras de Stone.

— Não temos muita coisa em que nos basearmos — admitiu David. — Portanto, vamos examinar o pouco que ele disse com o maior cuidado.

— Não há nada para analisar — protestou a viúva, em tom áspero.

O sobrinho lembrou:

— O próprio tio Samuel lembrou que toda a coisa é escorregadia como um peixe.

— Será que não percebem? — ressaltou David. — Isso deve ser uma pista. Tem algo a ver com peixe.

— E o que me diz de Diamond Jim Brandy? — indagou o advogado. — Quem era ele?

David pensou por um momento.

— Diamond Jim Brady foi um homem que viveu por volta de 1900. Era um jogador famoso e costumava sair com uma porção de lindas mulheres.

— Isso não chega a ser uma grande pista — murmurou a viúva.

— Há mais uma coisa de que me lembro — informou David.

— Ele tinha um apetite imenso. Costumava comer seis bifês e duas dúzias de ostras numa refeição.

O sobrinho disse:

— E quem se importa com o que ele comia? Isso não nos ajuda em nada.

— Espere um pouco! — exclamou David. — é essa a nossa pista! O que encontramos em ostras?

Todos responderam ao mesmo tempo: Pérolas!

Isso mesmo. E é onde entra a parte do peixe. Creio que devemos procurar por uma pérola muito valiosa.

— Concordo — disse o advogado. — Agora, tudo o que temos a fazer é encontrá-la.

A linda e jovem viúva propôs:

— Nossa melhor oportunidade e de todos trabalharmos juntos... todos por um e um por todos.

— Tem toda razão — concordaram os outros.

A verdade é que eles não tinham a menor intenção de cooperarem uns com os outros. Cada um queria o tesouro só para si. O mordomo, que servia o almoço, interveio na conversa:

— Com licença, mas não pude deixar de ouvir. O Sr. Stone tinha uma criada que se chamava Pérola. Será que ela não poderia prestar alguma ajuda na descoberta do tesouro?

Todos compreenderam no mesmo instante que essa era a pista que procuravam.

— Claro que não — mentiu a viúva. — Não vejo como ela poderia ajudar.

— De jeito nenhum! — acrescentou o sobrinho. — Que ideia mais absurda!

— Não há a menor possibilidade — arrematou o advogado.

— Como uma criada poderia saber alguma coisa a respeito?

David não disse nada.

Naquela noite, quando pensava que todos os demais dormiam, a linda e jovem viúva foi na ponta dos pés até a biblioteca de Samuel Stone e procurou em sua escrivaninha.

Havia uma porção de papéis ali, mas lá fundo ela encontrou um caderno de telefones, onde constava o endereço de Pérola, a antiga criada. Ela anotou-o e voltou para a cama.

Uma hora depois, o advogado entrou na biblioteca e fez a mesma coisa.

Alguns minutos mais tarde, foi a vez do sobrinho.

E o último foi David.

A viúva levantou-se cedo na manhã seguinte e correu para a casa de Pérola, a antiga criada de Samuel Stone. Não chegava a ser uma casa propriamente dita, era mais uma choupana, num bairro muito pobre.

Pérola era uma negra idosa, na casa dos setenta anos, os cabelos brancos, uma expressão de tristeza. Tinha todo o direito de parecer triste. A vida a tratara muito mal. E passara a maior parte de sua vida trabalhando para Samuel Stone, que poderia ganhar, com a maior facilidade, um concurso do homem mais sovina do mundo.

Pérola fora devotada a ele, que a recompensara com um salário ínfimo, maltratava-a a todo instante, e ao final a despedira, quando ela ficara doente. Agora, ela sentava sozinha em sua choupana, sem dinheiro e sem emprego.

A viúva de Samuel Stone passou pela porta e foi logo dizendo:

— Você deve ser Pérola. Sou a viúva de Samuel Stone.

O nome deixou Pérola toda arrepiada. Trouxe uma porção de lembranças ruins.

— Não fiz nada — murmurou ela. — Deixe-me em paz.

A viúva correu os olhos pela pequena choupana.

— Deixá-la em paz? Eu nem sonharia com isso. Vim até aqui para ajuda-la.

Pérola fitou-a, desconfiada.

— Por que haveria de querer me ajudar?

— Porque soube que meu marido a tratava muito mal. Quero compensá-la por tudo o que sofreu.

— É mesmo?

— É sim. Como pode viver desta maneira? Este lugar é horrível. A primeira coisa que vamos fazer é providenciar um bom apartamento para você.

— Não tenho condições de pagar um apartamento.

— Mas eu tenho. Vai se mudar esta tarde.

A viúva sabia direitinho o que estava fazendo. Queria transferir Pérola para um lugar em que os outros não pudessem encontrá-la.

Naquela tarde, Pérola mudou-se para um bom apartamento em outro bairro. Era mobiliado com lindos móveis antigos. Os cômodos eram grandes, com bastante claridade.

— É muita gentileza sua fazer isso por mim — disse Pérola.

A viúva respondeu:

— É um prazer. Mas, agora, gostaria que fizesse uma coisa por mim.

— Claro. Qualquer coisa que eu puder. Deseja que eu faça uma faxina em sua casa?

— De jeito nenhum! Trabalhou para meu marido antes do nosso casamento. Costumava ter longas conversas com o Sr. Stone?

Pérola fitou-a com total incredulidade.

— Longas conversas? Ele só falava comigo para reclamar aos berros!

A viúva não desistiu. Sabia que, de alguma forma, Pérola tinha a chave para o tesouro.

— Ele deve ter dito *alguma coisa a você*... por exemplo, sobre um tesouro escondido?

E Pérola pensou: *Esta mulher é louca. Como eu poderia saber qualquer coisa sobre um tesouro escondido?*

O sobrinho foi o próximo a encontrar Pérola. Foi muito fácil. Sem que a viúva soubesse, Pérola deixara no endereço antigo a informação sobre onde poderiam localizá-la. A viúva já se retirara quando o sobrinho chegou ao novo apartamento.

— Você é Pérola — disse ele. — Meu tio me falou muito bem de você.

A verdade, é claro, era que o tio nunca lhe mencionara Pérola.

— Falou bem de mim?

Era difícil para Pérola acreditar nisso.

— Isso mesmo — assegurou o sobrinho. Ele olhou ao redor.

— É um ótimo apartamento.

— Foi a Sra. Stone quem me deu — informou Pérola.

Essa não!, pensou o sobrinho. Ela estava tentando subornar Pérola!

— O inverno está chegando — disse ele. — Você tem um casaco de pele, Pérola?

Pérola se mostrou espantada.

— *Eu?* Um casaco de pele? Claro que não!

— Pois tem agora — disse o sobrinho, feliz. Vamos até o centro, e lhe comprarei um casaco de visom.

Ele também é louco, pensou Pérola. Por que alguém ia me dar de presente um casaco de

pele?

Uma hora depois, Pérola usava o mais lindo casaco de pele que já vira.

Não sei como agradecer — disse ela ao sobrinho.

— Sabe, sim. Conte-me tudo o que o Sr. Stone lhe disse.

— Sobre o quê?

— Você sabe. O tesouro. Pode me contar. Não direi a ninguém.

Pérola franziu o rosto.

— Que tesouro?

— Ora, Pérola, não brinque comigo. Ele informou a você onde escondeu parte do tesouro.

Pérola sacudiu a cabeça

Juro que não tenho a menor ideia do que o senhor está falando.

O sobrinho foi embora, frustrado.

Quem encontrou Pérola em seguida foi o advogado. Ela usava seu novo casaco de pele quando o advogado entrou no apartamento.

— É um lindo apartamento — comentou ele. — E um casaco maravilhoso.

— A Sra. Stone me deu o apartamento e o sobrinho me deu o casaco.

Então é esse o jogo deles, pensou o advogado. Pois três pessoas podem entrar nesse jogo.

— Você tem um carro, Pérola?

— *Eu?* Um carro? Só ando de ônibus.

— Não vai andar mais - declarou o advogado, - Gostaria de ter um belo Rolls Royce?

Pérola arregalou os olhos. Será que o mundo inteiro enlouquecera? Num único dia, ela ganhara um apartamento novo, um casaco de pele e agora um Rolls Royce.

— Eu bem que gostaria — murmurou ela.

Naquela tarde, Pérola se tornou a orgulhosa proprietária de um Rolls Royce novinho em folha. O advogado esfregou as mãos.

— Agora, vamos tratar de negócios. Onde está o tesouro do Sr. Stone?

Lá vamos nós outra vez, pensou Pérola.

— Senhor Advogado, não tenho a menor ideia do que está falando. O Sr. Stone nunca me

disse nada sobre qualquer tesouro.

— Ele disse, sim!

— Pode estar certo de que se eu soubesse alguma coisa sobre um tesouro já o teria apanhado para mim mesma. Aquele homem tornou a minha vida miserável

O advogado sentiu um aperto no coração. *E comprei um Rolls Royce para ela!*, pensou ele, amargurado.

David foi o próximo a aparecer. Ao contrário dos outros, porém, David foi franco com ela. Não tentou suborná-la.

— Pérola, achamos que você pode ter uma pista sobre o lugar em que o Sr. Stone escondeu um tesouro. Sabe alguma coisa a respeito?

Pérola gostou do rapaz. Parecia muito decente.

— Gostaria de poder ajudá-lo, mas o Sr. Stone só me falava para dizer "cale a boca" ou "saia daqui".

David acreditou. Parecia não haver mais qualquer pista.

O grupo voltou a se reunir no terraço. Ficaram olhando para a estátua de Netuno, esguichando água na piscina.

— Não adianta—disse a viúva. — Pérola não sabe de nada.

— Acho que estamos no caminho errado — anunciou David.

— Deveríamos procurar por uma pérola de verdade, não por uma mulher. Uma que seja bastante valiosa.

— Mas é isso mesmo! —exclamou o sobrinho. — De onde vêm as melhores pérolas?

— As maiores são das costas da Austrália, Índia, golfo da Califórnia, e nas proximidades de St. Thomas, nas índias Ocidentais, no Caribe — respondeu David.

O sobrinho ficou muito excitado.

— Tio Samuel tinha uma casa em algum desses lugares?

Todos se viraram para o advogado, que revelou:

— Ele tinha uma casa nas índias Ocidentais.

E todos compreenderam que era esse o paradeiro do tesouro! Ficaram muito animados, mas ninguém deixou transparecer.

— Provavelmente não significa nada — disse a viúva.

— Tenho certeza de que não há nenhuma relação com o tesouro — acrescentou o sobrinho.

— Tem toda razão—concordou o advogado. — Não passa de uma coincidência.

Todos mentiam.

Naquela noite, a viúva fretou um avião para levá-la às índias Ocidentais. O sobrinho, o advogado e David seguiram em aviões separados. Cada um tentava alcançar o tesouro antes dos outros.

Ao chegarem à ilha de St. Thomas, foram direto para a linda casa na praia que pertencera a Samuel Stone. Tinham certeza de que a pérola fora escondida em algum ponto do mar, nas proximidades da casa.

Todos alugaram equipamento de mergulho e entraram na água, à procura da pérola rara. A viúva não estava acostumada a isso, e se sentiu apavorada.

Nadaram por toda parte, debaixo d'água, esbarrando uns nos outros, procurando sob pedras, ansiosos em descobrirem o esconderijo em que Samuel Stone deixara seu tesouro. Eram águas infestadas de tubarões e raias, e todos ficaram em pânico.

Depois de muita busca, tiveram de admitir a derrota. Não havia o menor sinal de uma pérola escondida.

— É uma pena comentou David. — Parece que não vamos conseguir encontrar esse tesouro.

Todos se vestiram e voltaram para os Estados Unidos.

Sentaram outra vez à beira da piscina, discutindo seu fracasso.

— Ele não nos deu nenhuma pista genuína — queixou-se a viúva. — Era um velho mesquinho quando estava vivo, e assim continua depois de morto.

— Pois acho que as pistas existem, apenas não fomos bastante espertos para percebê-las — disse David.

O advogado indagou:

— O que há para perceber? Ele mencionou Diamond Jim Brady e alguma coisa escorregadia como peixe. Que pistas são essas? Se eu o tivesse na minha frente agora, seria capaz de matá-lo.

— Eu deveria processá-lo — disse a viúva. — Só casei porque ele prometeu que me daria todo o seu dinheiro.

— Ele também me prometeu muito dinheiro — acrescentou o sobrinho.

David era o único que sentia pena de Samuel Stone.

— Ele não era tão mau assim.

— Não se atreva a defendê-lo! — protestou a viúva.

E uma vergonha que todos só se interessem, pelo dinheiro, pensou David.

Ele também se interessava, mas não para si mesmo. Pensou mais uma vez nas pistas fornecidas pelo velho. Era evidente que tinham alguma relação com o mar e com uma pérola. Mas por que ele mencionara um Deus?



Um mar e um Deus. Quem era o Deus do mar? Netuno!

David levantou o rosto e descobriu-se a contemplar a estátua de Netuno, na extremidade da piscina.

É isso!, pensou ele, excitado. *A pérola deve estar escondida na estátua. Encontrava-se aqui o tempo todo, enquanto saíamos pelo mundo à sua procura.*

Os outros mantinham-se tão ocupados a discutir entre si que nem mesmo perceberam quando David se encaminhou para a estátua e examinou-a. Era de ferro e parecia inteiramente lisa, exceto pelo umbigo. Havia ali uma pequena aba de metal que ninguém notara antes.

David levantou-a e, ali, numa pequena cavidade, estava a maior pérola que ele já vira. Levantou-a devagar, estendeu a mão.

— Encontrei! — gritou David.

Todos se viraram, aturdidos. David se aproximou, com a pérola na mão,

— Não é uma beleza? — murmurou ele.

— E minha! — berrou a viúva. — Estava na minha propriedade!

— E a mim que pertence! — protestou o sobrinho.

— Esperem um pouco! — interveio o advogado. — Vamos partilhá-la. Vai render o suficiente para todos.

E uma boa ideia — concordou a viúva. — Dividiremos o dinheiro entre nós... não é mesmo, David?

Mas David balançou a cabeça.

— Sinto muito. Vai tudo para a Fundação Samuel Stone, a fim de ajudar os pobres.

Todos protestaram, discutiram muito, mas não adiantou.

David já tomara sua decisão.

Pensaram nos problemas que haviam enfrentado, no dinheiro gasto com Pérola, no apartamento, casaco de pele e Rolls Royce, na viagem inútil à ilha de St. Thomas, no perigo dos tubarões e raias, e tudo por nada.

— Na próxima vez encontraremos o tesouro — juraram eles.

Na segunda-feira seguinte, o grupo retornou à biblioteca para ouvir a próxima pista. O mordomo ligou a televisão. A imagem de Samuel Stone apareceu na tela.

— Aqui está a próxima pista — disse ele. — Sou um homem que venceu por seus próprios esforços. Não enriqueci lendo livros. Não apostem em livros para lhes dar uma educação.

A tela ficou escura.

Estavam prontos para iniciar a nova caça ao tesouro.

Capítulo Três

Samuel Stone deixou uma fortuna de cem milhões de dólares, mas era um velho mesquinho, e em vez de entregá-la direto aos parentes, decidiu promover uma caça ao tesouro, para que a encontrassem. No testamento, anunciou que a viúva, o sobrinho e o advogado viveriam juntos em sua casa, enquanto tentavam descobrir o tesouro. Fez isso porque era sádico e sabia que eles se odiavam. A única outra pessoa incluída foi David, um rapaz decente que cuidava da Fundação Samuel Stone, uma organização de caridade, empenhada em ajudar os pobres.

Toda segunda-feira, o grupo se reunia na biblioteca de Stone e ligava a televisão. O rosto de Samuel Stone apareceu.

— Espero que não tenham encontrado o último tesouro — disse ele. — Nenhum de vocês merece coisa alguma do meu dinheiro. É uma pena que não pudesse levá-lo comigo. Se houvesse um meio, eu o teria encontrado.

Todos prestavam a maior atenção, os olhos fixados na tela.

— Muito bem — acrescentou Samuel Stone. — Aqui estão as pistas. Sou um homem que venceu sozinho. Esqueçam a escola.

Não apostem em livros para obterem uma educação.

E a figura sumiu da tela.

Todos se entreolharam, espantados.

— Que tipo de pista é essa? — indagou a viúva. — Ele não disse nada!

— Talvez espere que voltemos à escola—sugeriu o sobrinho.

— Claro que não era a isso que ele se referia — protestou o advogado.

— Mas o que ele quis dizer?—insistiu a viúva. — Não apostem em livros. Quem apostaria em livros?

— Esperem um pouco! — exclamou David. — Acho que é essa a pista.

— Como assim?

— Não apostem em livros. Em inglês, livros é books e significar bookie.

A viúva ficou perplexa.

— O que é um bookie?

O sobrinho, que era um jogador, explicou:

Bookie é o jargão para bookmaker, alguém que banca apostas em corridas de cavalos e outras competições esportivas. Acho que ele se referia a um bookie. Tio Samuel costumava

jogar?

O advogado acenou com a cabeça.

— Jogava, sim, e apostava muito dinheiro.

— Então deve ser isso! — gritou a viúva, exultante. — Algum bookmaker tem a pista para o tesouro!

O advogado era o único que conhecia o nome do bookmaker. Levantou-se sem demora e disse:

— Acho que vou subir agora e tirar um cochilo.

— Não vai, não! — protestaram todos, no mesmo instante.

— Você sabe com quem ele apostava. Queremos o nome.

Estamos todos juntos nisso.

O advogado suspirou.

— Está bem, mas devo dar um aviso. Essas pessoas que bancam apostas têm uma péssima reputação. Podem se mostrar um tanto rudes. É preciso tomar muito cuidado.

— Não se preocupe com isso — declarou a viúva. — Com quem Samuel apostava? Tony Carnera.

O escritório de Tony Carnera ficava num pequeno prédio no centro da cidade e só se podia chegar a ele passando por três guarda-costas, que revistavam cada visitante, em busca de armas. Carnera era um bandido. Comandava a maioria das atividades criminosas na cidade e todos diziam que era um assassino. Não havia quem não tivesse medo dele.

Ficou bastante surpreso quando um advogado apareceu à sua procura, na manhã seguinte, e anunciou:

— Sr. Carnera, sou advogado do falecido Samuel Stone.

Creio que ele costumava apostar com o senhor.

— Apostava mesmo. E daí?

Pensei que talvez pudéssemos fazer um pequeno negócio juntos.

— Que tipo de negócio?

O advogado explicou, com o maior cuidado:

— Sr. Carnera, ambos sabemos que o Sr. Stone deixou um tesouro em suas mãos. Pertence à

família, e ele quer que o recebamos.

— Não sei do que está falando — disse Carnera.

— Tenho certeza de que sabe. É um tesouro muito valioso.

— Ele entregou seu cartão ao bandido. — Por que não pensa a respeito e depois me telefona? Providenciarei para que receba uma boa parte.

O advogado se retirou. Tony Carnera olhou para o cartão, pensativo, imaginando o que estaria acontecendo.

Uma hora depois, o sobrinho de Samuel Stone apareceu.

— Bom dia, Sr. Carnera. — Ele olhou ao redor. — Tem um escritório muito agradável.

— Isso não importa. O que você quer?

— Soube que meu tio fazia muitas apostas com o senhor.

— E daí? Ele já morreu.

— Mas seu dinheiro não. Ele deixou uma fortuna. E queria que ficasse conosco.

— O que veio me pedir?

— Ele deixou uma pista que leva ao senhor. Achamos que está de posse de algum tesouro que pertencia a meu tio, e nós os queremos.

Carnera balançou a cabeça.

— Não sei nada sobre qualquer tesouro.

— Creio que sabe, sim, Sr. Carnera. Se for esperto vai entregá-lo a nós. Providenciarei para que seja bem recompensado. — Ele escreveu seu telefone num cartão e entregou ao bandido. — Espero receber notícias suas.

Meia hora depois, David entrou na sala para falar com Carnera.

— Veio me perguntar sobre o tesouro? — indagou Carnera.

— Isso mesmo — respondeu David. — Já verifiquei, e sei que é o único bookie com quem Samuel Stone apostava. Ele deixou uma pista indicando que está envolvido com um tesouro dele.

A esta altura, o bandido já começara a desconfiar que havia muito dinheiro em algum lugar, e queria a sua parte. Respondeu cauteloso:

— Talvez eu saiba alguma coisa sobre esse tesouro, vou ganhar se entregá-lo a você?

— Eu lhe darei dez por cento do total.

Tony Carnera quase soltou uma gargalhada. Não tinha a menor intenção de ficar com apenas dez por cento. Queria tudo!

— Muito bem, deixe-me pensar a respeito — disse ele. — Eu o procurarei depois.

David entregou seu cartão.

Assim que David foi embora, Carnera pensou: *Então, o velho Stone deixou uma grana alta escondida em algum lugar.*

Bem, vou me apossar de tudo, e os outros que se danem! Um dos seus homens entrou na sala neste momento e informou:

— A Sra. Samuel Stone está lá fora e deseja lhe falar.

Tony continuou sentado em silêncio por um momento, pensando: *Agora é a viúva que me procura. Aposto que ela sabe onde está o tesouro.*

— Mande-a entrar—disse ele.

A viúva de Samuel Stone entrou na sala. Era jovem e bonita, tinha um corpo atraente. Fora dançarina numa casa noturna, fazendo espetáculos de strip-tease, até conhecer Samuel Stone.

Ele se apaixonara por seu corpo e ela se apaixonara pelo dinheiro dele. Um casamento perfeito.

— Sou a Sra. Samuel Stone.

Carnera contemplou-a com uma expressão aprovadora.

— É um prazer conhecê-la, Sra. Stone.

— Creio que tinha negócios em comum com meu marido.

— Pode-se dizer assim,

— Tenho motivos para acreditar que talvez saiba onde se encontra uma parte de sua fortuna... uma fortuna que me pertence.

E foi nesse instante que Tony Carnera teve uma ideia brilhante.

— Para ser franco, sei, sim.

— Eu sabia! — exclamou a viúva. — Onde está?

— Posso levá-la até lá.

— Foi enterrado em algum lugar?

— De certa forma, é isso mesmo.

— Podemos ir agora?

— Claro. Vou pegar meu casaco, e partiremos logo.

Trinta minutos depois, seguiam de carro pelo litoral de Nova Jersey. Era uma região desolada, com poucos carros e nenhum pedestre.

— E tão longe assim? — indagou a viúva.

— Não — respondeu Carnera. - Fica logo à frente.

Dois guarda-costas sentavam no banco traseiro. Tony Carnera lhes relatara seu plano e os dois acharam que era sensacional. O chefe era tão esperto! Aproximaram-se de uma casa, numa praia deserta, e Carnera anunciou:

— Chegamos.

— É aqui que o tesouro está? — perguntou a viúva, muito excitada.

— É, sim.

A viúva, Tony Carnera e os dois capangas entraram na casa.

Ela olhou ao redor, ansiosa.

— Onde está o tesouro?

Tony Carnera a fitava.

— Estou olhando para o tesouro.

— Onde?

— Você é o tesouro, maninha.

— Como assim?

Se há tanto dinheiro dando sopa por aí, alguém vai se dispor a pagar uma fortuna para tê-la de volta. Você foi sequestrada.

A viúva empalideceu.

— *Sequestrada*? Não pode fazer isso comigo!

— Acabei de fazer. Ficaré aqui até que paguem um milhão de dólares pelo seu resgate. Sei que isso é uma ninharia para a família Stone. — Ele virou-se para um dos seus homens. — Pode amarrá-la.

A viúva gritou e se debateu, mas foi em vão. Em dois minutos estava amarrada numa cadeira.

— Vamos mantê-la aqui até pagarem o resgate, — Carnera soltou uma risada.—Acho que encontrei o tesouro, no final das contas, não é mesmo?

O pedido de resgate foi entregue na mansão de Samuel no início da manhã seguinte. Dizia:

"A Quem Possa Interessar: A viúva de Samuel Stone foi sequestrada e está em nosso poder. Se a quiserem de volta viva, terão de pagar um milhão de dólares de resgate, em notas de pouco valor e sem qualquer marca. Telefonarei à uma hora da tarde para informar como o dinheiro deverá ser entregue."

O envelope foi aberto pelo sobrinho, que leu o bilhete três vezes. Mal podia acreditar. Sua tia fora sequestrada! Isso significava que ela saía de cena. Ele e os outros podiam encontrar o tesouro, e não precisariam lhe dar nenhuma parte.

O sobrinho não falou a ninguém sobre o pedido de resgate. Receava que alguém se mostrasse bastante tolo para tentar salvá-la. E foi se postar ao lado do telefone, até que tocou, à uma hora da tarde em ponto. Atendeu no mesmo instante.

— Alô?

Uma voz ríspida perguntou:

— E da residência de Samuel Stone?

— Isso mesmo.

— Receberam meu bilhete?

— Recebemos.

— Estão prontos para pagar?

— Não — respondeu o sobrinho.

A voz no outro lado da linha reagiu com surpresa:

— Como?

— Você me ouviu. Pode ficar com ela.

E o sobrinho bateu o telefone e soltou uma gargalhada.

— Quem era?

O sobrinho levantou os olhos, sobressaltado. O advogado o fitava. *Mas que droga!*, pensou o sobrinho. *Agora tenho de lhe contar que a viúva de tio Samuel foi sequestrada, e ele vai*

querer pagar o resgate. Mas não havia alternativa,

— Tenho uma péssima notícia—disse o sobrinho. — Alguém sequestrou a viúva de tio Samuel.

O advogado sorriu.

— Mas isso é maravilhoso! Significa que não precisaremos dividir com ela quando encontrarmos o tesouro.

— É isso mesmo! — exclamou o sobrinho. — Será todo nosso! O advogado acrescentou:

— E melhor não contarmos nada a David. Ele é um tolo sentimental. Vai querer pagar o resgate e salvá-la.

Enquanto isso, na casa na praia, a viúva dizia a Tony Carnera:

— Mas que história é essa de que não querem pagar meu resgate? Isso é ridículo!

— Não se preocupe — respondeu Carnera. — Eles acabarão pagando.

— Tem certeza?

— Absoluta. Vou mandar um de seus dedos para eles, depois uma orelha. Enviarei pelo correio pedacinhos de você, até que concordem em pagar.

A viúva ficou chocada.

— Não pode fazer isso!

O bandido aproximou-se da cadeira em que ela se encontrava amarrada.

— Quem disse que não posso? Explicarei o que vou fazer.

Darei sete dias para que me entreguem um milhão de dólares. E depois começarei a dar um jeito em você.

Não ousaria me fazer algum mal! Sou a viúva de Samuel Stone!

— Se eu não receber o dinheiro, pode ter certeza de que vai se juntar a ele — prometeu Carnera.

Tony Carnera deu outro telefonema. Foi o advogado quem atendeu desta vez.

— É da residência de Samuel Stone?

— É, sim.

— Estamos com a viúva de Stone, e se quiserem vê-la de volta viva, terão de pagar um resgate de um milhão de dólares. Darei sete dias para que providenciem o dinheiro.

— Quem está falando?



— Isso não importa, espertinho. Vão pagar ou não?

— Claro que sim. — O advogado não tinha a menor intenção de pagar. — Só preciso de um pouco de tempo para levantar o dinheiro.

— Pois só terá sete dias. Não se esqueça.

O advogado desligou, com um sorriso radiante, Isso lhes proporcionaria sete dias para tentarem encontrar o tesouro sem a viúva. Depois disso, poderiam fazer o que quis essem com ela.

Um dos capangas se encontrava na sala junto com a viúva, amarrada numa cadeira. Contemplou-a com admiração. Era uma mulher bonita e ele gostava de mulheres bonitas. Não queria que ficasse assustada.

— Ninguém vai machucá-la — assegurou ele. — Não precisa ter medo.

— Medo?—gritou ela. — De vocês? Não passam de um bando de amadores!

— Como assim?

— Acha que me manterão amarrada numa cadeira durante sete dias? Desamarre as cordas e deixe-me andar um pouco.

— Não posso fazer isso, dona.

— Pois é melhor fazer. Preciso ir ao banheiro.

— Está bem.

O guarda-costas foi até a cadeira e desamarrou a viúva. Ela se levantou, massageou os braços e pernas, tentando restaurar a circulação.

— Vocês não passam de bandidos miseráveis! — berrou a viúva.

Ele observou-a entrar no banheiro. Ao sair, dez minutos depois, a viúva disse:

— Estou com fome. O que temos para comer?

— Temos alguns alimentos enlatados na despensa.

— Enlatados? Você está louco? Não como alimentos enlatados. Quero caviar e champanhe.

— Não temos nenhum.

— Então vá comprar!

O homem não sabia o que fazer. Telefonou para o chefe.

— Sr. Carnera, nossa hóspede quer caviar e champanhe.

Tony Carnera pensou a respeito por um momento.

— Tudo bem- Mande comprar. Vamos mantê-la feliz.

O caviar e o champanhe chegaram uma hora depois.

— Aqui está — anunciou o capanga, feliz. — Bom apetite.

— É o tipo errado de caviar e o champanhe não é de um ano bom — protestou a viúva. — De qualquer forma, mudei de ideia. Quero um filé.

Mandaram buscar o filé. Quando chegou, a viúva disse que estava passado demais e resolveu que preferia galinha. Já começava a levar os bandidos à loucura.

David ficou preocupado pela ausência da viúva na casa naquela noite. O testamento de Samuel Stone determinava que todos deviam permanecer juntos.

— Onde está a viúva? — perguntou ele.

O sobrinho e o advogado trocaram um olhar.

— Não vão responder? Onde ela está?

— Foi sequestrada — confessou o sobrinho.

— O quê?!

— Recebemos um pedido de resgate de um milhão de dólares.

— Isso é terrível! — exclamou David. — Vocês vão pagar, não é?

— Claro — mentiu o advogado. — Eles nos deram um prazo de oito dias.

O sobrinho olhou para ele, fez menção de corrigi-lo, e depois compreendeu qual era a intenção do advogado. Ao final de oito dias, a viúva morreria e o tesouro seria todo deles.

— Talvez devêssemos chamar a polícia — sugeriu David.

— Não! — protestaram os dois. — É a última coisa queremos fazer.

Na manhã seguinte, na casa na praia, a viúva disse:

— Não esperam que eu fique com este vestido velho durante todo o tempo, não é? Quero uma roupa bonita para usar.

— Não podemos buscar vestidos em sua casa — respondeu o guarda-costas —, ou eles vão descobrir onde você está.

— Pois então comprem roupas novas!

O homem telefonou para Tony Carnera.

— Lamento incomodá-lo, chefe. Ela quer roupas novas.

— Quem ela pensa que é? - gritou Carnera. — Tem de se lembrar que é nossa prisioneira!

— Ela armou a maior confusão.

— Está bem. Descubra qual é o seu tamanho, e mandarei alguém comprar algumas roupas.

O segundo guarda-costas apareceu na casa na praia duas horas depois, levando alguns

vestidos.

— Tome aqui — disse ele à viúva.

— São da cor errada — protestou ela. — Leve tudo isso de volta. Quero uma roupa azul, num tom bem claro, e sapatos para combinar.

Os dois guardas trocaram um olhar.

— Pois não, madame,

David se preocupava cada vez mais com a viúva. Três dias haviam transcorrido e não houvera nenhum contato adicional dos sequestradores. Ao mesmo tempo, ele pensava na pista fornecida por Samuel Stone: *Não apostem em livros para lhes dar uma educação*. Talvez houvesse um outro significado além de *bookie*. E, no entanto, Samuel Stone costumava fazer ai com um bookmaker.

Na casa na praia, a viúva declarou:

— Afinal, que tipo de lugar é este? Nem ao menos tem uma televisão!

Não podemos pegar nenhuma emissora aqui — explicou o guarda, — Teríamos de estender um cabo novo.

— Pois então façam isso! — gritou a viúva. — Quero ver televisão!

— Sr. Carnera, agora ela quer uma televisão.

— Essa mulher está me levando à loucura — resmungou Tony Carnera. — Muito bem, providencie a televisão.

Na manhã seguinte, uma equipe de técnicos foi estender um cabo, para que a casa na praia pudesse ter televisão.

— Agora não tem mais problema — disse o guarda à viúva.

— Aqui está a televisão para a senhora assistir.

— E preto-e-branco — protestou ela. — Quero uma TV em cores.

Durante os três dias seguintes, a viúva deixou todos os bandidos no maior nervosismo. Nada lhe convinha. Não parava de se queixar. Ao final, eles não suportavam mais nem o som de sua voz. Tony Carnera foi conversar com ela, suplicou para que se comportasse.

— Comportar-me? Como posso me comportar quando vocês me servem uma comida intragável?

— Sra. Stone, a comida que mando para cá é dos melhores restaurantes.

— Está sempre fria quando chega aqui.

— Compramos vestidos novos.

— Não gosto deles.

— Providenciamos todos os artigos de maquilagem.

— Não são da minha marca predileta.

Era sempre errado tudo o que eles faziam.

— Estou ansioso para mandá-la embora daqui o mais depressa possível — disse Carnera a seus capangas. — Essa mulher está me deixando maluco.

Ele tornou a telefonar para a casa de Samuel Stone. O sobrinho atendeu.

— O tempo de vocês se esgotou — disse Carnera. — Vou ou não receber o milhão de dólares?

O sobrinho riu.

— Não pagaríamos nem dez centavos por essa mulher! Pode ficar com ela! E bom proveito!

Ele desligou. Tony Carnera olhava para o telefone com uma expressão furiosa. Não queriam pagar o resgate, hem?

Pois teriam uma lição. Cuidaria para que fossem punidos. E qual foi a pior punição que ele pôde imaginar? Mandar a viúva de volta!

Quando a viúva chegou em casa, naquela noite, David foi o único que se mostrou satisfeito com seu regresso, sã e salva. O advogado e o sobrinho se mostraram atordoados.

— Como conseguiu escapar? — perguntaram eles.

— Não foi graças a vocês! — gritou a viúva. — Não queriam pagar o resgate!

Nós bem que queríamos, mas...

— Não mintam para mim! Já descobriram o tesouro?

— Ainda não. Nem sabemos por onde começar a procurar.

Os quatro se encontravam reunidos na biblioteca.

— Talvez houvesse outro bookie — sugeriu o sobrinho. — Podemos procurar no caderno de telefones de tio Samuel.

Mas David examinava os livros nas prateleiras. Encontrou por trás deles um original de Shakespeare que valia dois milhões de dólares. Mostrou aos outros, dizendo: Encontrei! Deve

ser isto!

Todos se levantaram de um pulo.

— *Nós* encontramos, David! Vamos partilhar a descoberta!

— Nada disso — respondeu David, decidido. — O dinheiro vai para obras de caridade, e não há nada que vocês possam fazer.

Na segunda-feira seguinte, o grupo tornou a sentar diante do aparelho de televisão, a fim de ouvir a pista para a nova caça ao tesouro.

Capítulo Quatro

Era a manhã de segunda-feira, o dia em que todos iam à biblioteca para ligar a televisão e ouvir Samuel Stone apresentar as novas pistas para sua fabulosa fortuna.

Ele poderia ter deixado o dinheiro para os parentes sem maiores dificuldades, mas era um sádico, e queria fazê-los sofrer. Por isso, transformara seu testamento numa caça ao tesouro.

Estavam na sala a viúva, o sobrinho, o advogado e David, o jovem que cuidava da Fundação Samuel Stone, que distribuía dinheiro para obras de caridade. A única pessoa decente na sala era David. Os outros seriam capazes de matar para se apoderarem da fortuna de Samuel Stone.

O mordomo entrou e foi ligar a televisão. O rosto de Samuel Stone apareceu na tela e sua voz disse:

— Creio que todos voltaram a se reunir aqui, a fim de tentarem encontrar mais uma parte do meu dinheiro. Quero que saibam que nenhum de vocês merece ficar com coisa alguma.

Muito bem, vamos verificar até que ponto são espertos. Estou morto, mas vou assombrá-los. Acreditam em fantasmas? Pois eu acredito, e há uma casa mal-assombrada em algum lugar.

Quando a encontrarem, quero que passem uma noite lá. Um de vocês pode se tornar mais rico por isso.

Ele soltou uma risada insidiosa e desapareceu da tela. O mordomo desligou o aparelho.

— Mas o que é isso? — gritou a viúva. — Que tipo de pista pode ser?

— Uma casa mal-assombrada? — disse o advogado. — Temos de passar a noite numa casa

mal-assombrada?

— Nem mesmo sabemos onde fica — comentou o sobrinho.

— De qualquer forma, não acredito em fantasmas e também não acredito em casas mal-assombradas.

— Mas parece que Samuel Stone acreditava — lembrou o advogado.

— O que você acha, David? É alguma piada?

— O Sr. Samuel Stone não era um homem de piadas. Não sei se há ou não uma casa mal-assombrada, mas o fato é que ele acreditava nisso. E, aparentemente, há um tesouro ali.

— Como vamos descobri-la? — indagou a viúva.

David virou-se para o advogado.

— Tem uma lista das propriedades que pertenciam a Samuel Stone?

— Sabe se alguma é mal-assombrada?

— Não. A simples ideia é absurda.

— Mesmo assim, eu gostaria de ter uma lista dessas propriedades.

— E eu também — disse a viúva.

— E eu também — acrescentou o sobrinho.

Eles não tinham a menor ideia do que fariam com a lista, mas não queriam que David levasse qualquer vantagem.

— Terão a lista dentro de uma hora — prometeu o advogado.

David ficou espantado ao examinar a lista. Samuel Stone possuía prédios de escritórios, hotéis, campos de golfe, academias de ginástica, prédios de apartamento. Só havia três casas. Qual seria mal-assombrada? David telefonou para um amigo, que era repórter.

— Sei que é uma pergunta estranha — disse ele —, mas sabe por acaso se há alguma coisa estranha em qualquer destas casas?

David leu o endereço da primeira.

— Não — respondeu o repórter. — Nunca ouvi falar.

David leu o segundo endereço.

— Também nunca ouvi falar.

David leu o terceiro.

— Ei, espere um pouco! — exclamou o repórter. — Tenho a impressão de que há alguma coisa relacionada com essa casa...

Ah, lembrei agora! Uma família foi assassinada ali, há alguns anos. Dizem que é mal-assombrada.

David sentiu um súbito excitamento.

— Muito obrigado.

Se qualquer dos outros obtivesse essa informação, não a partilharia com David. Mas ele era um homem honrado, e achou que era seu dever comunicar aos outros que descobrira a casa mal-assombrada. Todos ficaram emocionados quando ele deu a notícia.

— Sei o que planejam fazer - advertiu David. — Cada um pretende ir até lá sozinho e encontrar o tesouro. Mas Samuel Stone disse que devemos ir todos e passar a noite ali.

— Claro, David — disse a viúva. — Nem sonharíamos em enganá-lo. Foi muito esperto de sua parte descobrir a casa. — Ela riu. — Mesmo que não seja realmente mal-assombrada.

— Claro que não é — garantiu o advogado. — Não existem casas mal-assombradas.

Os advogados nunca acreditam em qualquer coisa que não possam ver em preto e branco, e mesmo assim ainda continuam a não acreditar.

— Quando iremos ver essa casa? — perguntou a viúva.

— Vamos agora mesmo — propôs o sobrinho. — Quanto mais cedo chegarmos lá, mais cedo descobriremos o tesouro.

Todos concordaram.

— Esta noite, às sete horas, quando começar a escurecer, vamos nos encontrar na casa e procurar pelo tesouro.

Todos acenaram com a cabeça em aprovação. David deu o endereço.

A viúva não tinha a menor intenção de esperar até o escurecer. Queria chegar lá na frente dos outros, encontrar o tesouro e ir embora.

O sobrinho e o advogado tiveram a mesma ideia, e assim todos se encontraram antes da hora na casa supostamente mal-assombrada.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou a viúva.

— O mesmo que você — respondeu o sobrinho.

— E eu também — arrematou o advogado. — Todos procuramos pela mesma coisa. Vamos descobrir o tesouro antes que David chegue.

A casa era velha, em péssimo estado. Fora abandonada desde os assassinatos ali ocorridos. Ninguém queria viver num lugar assim.

— É um lugar muito esquisito — murmurou a viúva. — Há teias de aranha por toda parte.

Ela limpou uma de seu rosto.

— Tenho uma ideia — anunciou o advogado. — Vocês procuram aqui embaixo, e eu revistarei lá em cima.

— Nada disso — protestou a viúva. — Ficaremos todos juntos.

Começaram por baixo, examinando cada buraco. Não tinham a menor ideia do que procuravam, mas sabiam que reconheceriam no instante em que vissem. Só podia ser alguma coisa muito valiosa.

Abriram armários, procuraram embaixo dos tapetes, mas nada conseguiram encontrar no primeiro andar.

— Vamos tentar lá em cima — sugeriu o sobrinho.

Os três subiram, puseram-se a revistar os quartos.

Afastaram móveis e cortinas, reviraram tudo. Mas nada encontraram.

— Só pode ser uma piada — insistiu a viúva. — Vamos sair daqui.

— Não podemos — respondeu o advogado. — A proposta é passarmos a noite aqui. E David chegará em breve. Ele é muito esperto. Talvez descubra o tesouro.

Os três desceram, sentaram na sala de estar, ficaram esperando por David. Ele chegou pontualmente às sete horas e não se surpreendeu ao encontrá-los já ali. Previa mesmo que tentariam enganá-lo.

— Já revistamos tudo — informou o advogado a David — e não encontramos coisa alguma.

— Talvez só se possa ver à noite — comentou David.

— Mas isso é ridículo! — protestou a viúva. — Não quero passar a noite nesta casa velha.

— Se quer receber uma parte do tesouro, é o que terá de fazer.

— Está bem, está bem...

Mas a viúva não se sentia muito satisfeita com a perspectiva.

Começou a escurecer.

— Estou com fome — anunciou o sobrinho. — Vou sair e comprar alguma coisa para comer.

— Não pode — disse o advogado. — Tem de permanecer na casa até o amanhecer.

A viúva não estava muito feliz com a ideia de passar a noite naquela casa velha e sinistra. Não acreditava de jeito nenhum que fosse mal-assombrada, mas queria dormir no conforto de sua própria cama, em casa, com seus lençóis de seda. A viúva adora viver bem.

— Está certo — concordou ela. — Passarei a noite aqui. Mas irei embora assim que amanhecer.

Havia quatro quartos na casa, e cada um escolheu o seu. A viúva, como não podia deixar de ser, instalou-se no maior.

— Afinal — explicou ela —, fui casada com Samuel Stone.

Todos pegaram no sono. A viúva sonhou com o que faria com o dinheiro do marido. Sonhou que estava num enorme iate, navegando pelos mares do Sul.

O advogado sonhou que se encontrava num vasto escritório de advocacia, com os mais caros móveis antigos.

O sobrinho sonhou que possuía uma *villa* no sul da França, cercado por lindas garotas de biquíni.

David sonhou que distribuía o dinheiro para os desabrigados.

Começou às duas horas da madrugada. Como um ruído fraco, vibrando pela casa. E foi se tornando mais alto, como o ressoar de tambores... ameaçador e assustador.

O barulho despertou o grupo, um a um. A viúva sentou na cama e pensou: *Alguém deve ter ligado a televisão.*

O sobrinho também sentou na cama e pensou: *Há uma festa na casa ao lado. Talvez eu possa participar.*

O advogado pensou: Esses vizinhos barulhentos deviam ser presos.

E David pensou: Santo Deus! Índios!

Todos se levantaram. Não precisaram se vestir, porque haviam deitado inteiramente vestidos. Encontraram-se no patamar do segundo andar.

— O que está acontecendo? — perguntou a viúva.

— Não há motivos para ficarmos alarmados — assegurou David.

E foi nesse momento que todos ouviram um grito.

— O que foi isso? — indagou o sobrinho.

— Não sei — respondeu David. — É melhor descobrimos.

Ele apertou o interruptor para acender a luz. Nada aconteceu. Continuaram no escuro.



— Não há eletricidade! — exclamou o sobrinho.

— É muito estranho — murmurou David. — Funcionava até pouco tempo atrás. Alguém

deve ter cortado a corrente.

No escuro, a casa era assustadora. Um vento frio soprava pelo corredor, e todos sentiram calafrios. Havia estranhos ruídos lá embaixo, como morcegos voando de um lado para outro.

— Não gosto disso — balbuciou a viúva, estremecendo. — Talvez devêssemos sair daqui.

— E renunciar ao tesouro? — indagou o sobrinho. — De jeito nenhum! Eu vou ficar.

— Todos vamos ficar — acrescentou o advogado.

— Não há motivo para ter medo — repetiu David.

Mas a verdade é que todos começavam a ficar apavorados.

Resolveram descer, um a um, deixando David seguir na frente.

— Eu gostaria de ter uma lanterna agora — disse David.

E, nesse momento, todas as luzes se acenderam. Eles pararam, surpresos.

— A eletricidade voltou a funcionar — murmurou a viúva.

E nesse momento todas as luzes se apagaram de novo, voltara a ficar no escuro. O sobrinho sugeriu:

— Alguém está brincando com as luzes.

— O que significa que há mais alguém na casa — declarou a viúva. — Não somos os únicos!

Outro grito assustador ressoou pela casa e uma voz disse:

— Vão embora! Vão embora! Vão embora!

A viúva se apavorou.

— Vamos sair daqui! — espere um pouco — disse o advogado. — estão tentando nos assustar.

— E estão conseguindo — balbuciou a viúva. — Já estou apavorada.

O som de tambores recomeçou, ainda mais alto do que antes.

— Sabe por que dizem que esta casa é mal-assombrada? — perguntou o advogado a David.

— Sei, sim, Há muitos e muitos anos, os índios sepultavam seus mortos aqui. A história é de que não querem que as sepulturas de seus ancestrais sejam perturbadas.

— Esses tambores são de índios? — indagou o sobrinho. — A casa é assombrada por

índios? Provavelmente estão armados de arco e flecha, e vão acabar atirando na gente.

Todos se agruparam em torno de David, aterrorizados.

— Vamos ser racionais — disse David. — Fantasmas não podem fazer mal a ninguém.

E nesse instante uma luminária foi arremessada pelo ar, errando-os por um triz.

— Socorro — gritou a viúva.

— Vamos permanecer juntos, e nada nos acontecerá — acrescentou David. — Precisamos descobrir o tesouro antes do amanhecer.

— Não tenho mais certeza se quero encontrá-lo — declarou a viúva. — Quero voltar para casa. Não me agrada ser atacada por índios mortos.

David estava perplexo. Havia alguma coisa errada, mas ele não sabia o que exatamente. Tinha o pressentimento de que alguém tentava impedi-los de encontrar o tesouro.

— Venham comigo — disse ele.

Foram avançando pelos cômodos do primeiro andar.

Alguma coisa quebrou contra a parede, perto deles, e todos soltaram gritos involuntários. O advogado murmurou:

— Não gosto disso nem um pouco. Talvez seja melhor sairmos daqui.

— De jeito nenhum! — insistiu o sobrinho, obstinado.

Ele ainda se lembrava do sonho de uma *villa* no sul da França, cercado por lindas garotas.

— David entrou primeiro na cozinha.

— Para onde estamos indo? — perguntou a viúva.

— O som dos tambores parecer vir do porão — explicou David. — Acho que devemos investigar o que tem lá embaixo.

— Por que você não vai sozinho? — sugeriu a viúva. — Esperaremos aqui.

— Nada disso! — interveio o sobrinho. — Ficaremos todos juntos. David ficará com o todo o tesouro, se o encontrar primeiro.

David percebeu como todos se sentiam apavorados e teve pena deles.

— Tenho uma proposta. Se eu encontrar o tesouro primeiro, dividirei com vocês. O que acham?

Todos concordaram que era uma boa ideia. Agora, só precisavam descobrir o tesouro sem

serem mortos pelos fantasmas dos índios. Avançaram pela cozinha no escuro. E, subitamente ouviram o som de passos correndo. Todos ficaram paralisados.

— Há mais alguém nesta casa! — exclamou o sobrinho.

— Sabemos disso – murmurou o advogado. — Fantasmas.

Mas David não acreditava em fantasmas.

— Vamos continuar — determinou ele.

Seguiram pela cozinha, Tateando no escuro, com o maior cuidado. A cozinha era enorme. Podiam divisar seus contornos ao pálido luar. Havia uma escada descendo para o porão.

— Não vamos descer por aí, não é? — balbuciou a viúva.

— Temos de descer, se queremos encontrar o tesouro — insistiu David.

Podiam ouvir agora o som de tambores no porão, cada vez mais alto.

— Eu não vou descer! — gritou a viúva. — Não gosto de índios mortos!

— Está bem — disse David. — esperem aqui. Descerei sozinho.

Eles observaram David abrir a porta de acesso ao porão.

Estava muito escuro lá embaixo. Ele gostaria de ter uma lanterna ou uma vela. Não dava para ver coisa alguma.

Começou a descer pelos degraus, Tateando cauteloso. O som de tambores ressoava em seus ouvidos. Ao chegar ao fundo da escada, sentiu um objeto duro e frio preso no corrimão. Uma lanterna! Uma lanterna mantida ali para emergências. E isto, sem dúvida, é uma emergência, pensou David.

Ele pegou a lanterna, acendeu-a. E soltou um murmúrio de espanto pelo que viu. Um homenzinho, vestido de jeans e camisa esporte, agachava-se ao lado de um toca-discos, de onde saía o som dos tambores.

Ele levantou os olhos, assustado, quando o fecho da lanterna o iluminou.

— Quem é você? — perguntou David.

O homenzinho passou a língua pelos lábios.

— Eu vivo aqui.

— Não vive, não! protestou David. — Tentou nos afugentar. Por quê?

— Não esperava que alguém aparecesse por aqui.

E, subitamente, David compreendeu o que estava acontecendo.

— Onde estão os artefatos índios? — indagou ele.

— Por baixo do porão — respondeu o homenzinho. — Acabo de descobri-los.

— E tencionava vendê-los.

O homenzinho acenou com a cabeça.

— Isso mesmo.

— Tudo bem — disse David. — Agora saia daqui.

David foi até a caixa de fusíveis em que o estranho estivera mexendo, endireitou tudo, e todas as luzes da casa tornaram a se acender.

— Não vai me prender, nem fazer nada contra mim? — perguntou o homenzinho.

— Não — respondeu David. — Só quero que não volte aqui.

Ele observou o homenzinho se retirar apressado pela porta do porão.

— O que está acontecendo — Indagou o advogado.

— É muito simples — explicou David. — Há de fato um cemitério índio aqui. Fica sob o porão. Está cheio de artefatos valiosos. Alguém descobriu-os, e pretendia vendê-los. Vamos dar uma olhada.

Havia uma porta para uma adega por baixo do porão, e todos desceram. O chão se achava coberto de valiosos mementos do passado. Havia potes e utensílios antigos, arcos e flechas, e todas as coisas que os índios usavam num passado distante.

— Isto pode valer uma fortuna! — exclamou a viúva.

E a predição foi confirmada.

Venderam os artefatos índios a um museu por dez milhões de dólares. David cumpriu sua palavra e dividiu o dinheiro com os outros. Entregou sua parte à Fundação Samuel Stone para os desabrigados.

Os outros demonstraram a maior alegria ao receberem o dinheiro.

— Mas isso é apenas uma pequena parte da fortuna do meu marido — queixou-se a viúva. — Vamos descobrir o resto.

Mal podiam esperar até a manhã da segunda-feira, quando receberiam a pista para o tesouro seguinte.

Capítulo Cinco

Estão Prontos para continuarem a acompanhar as aventuras do nosso grupo trapaceiro? —Trapaceiro! é uma palavra gentil demais para essa gente. Há a viúva de Samuel, seu sobrinho, seu advogado e David, o único decente no bando, que dirige a Fundação Samuel Stone.

Um dos homens mais ricos do mundo, Samuel Stone está morto, mas não esquecido. Cuidou para não ser esquecido ao gravar seu testamento para ser mostrado na televisão. Toda segunda-feira, os herdeiros sentam na biblioteca, diante do aparelho, e escutam as pistas fornecidas pelo velho para a descoberta de sua fortuna.

Naquela segunda-feira, os quatro voltaram a se reunir, cada um esperando encontrar o tesouro antes dos outros, para não dividir com ninguém.

O mordomo ligou a televisão e o rosto de Samuel Stone apareceu na tela.

— Muito bem, imagino que todos estão aqui, espreitando como abutres, prestes a se lançarem sobre o meu dinheiro — disse a voz. — Tornarei as coisas mais difíceis para vocês.

Terão de ser muito espertos para descobrirem esta.

Os olhos se viraram para o lugar em que David sentava.

— O único inteligente aqui é David. Seu problema é não ser bastante egoísta. Ele acredita em caridade, e se há uma coisa que eu detesto é desperdiçar meu dinheiro com os pobres.

Agora vamos começar.

A figura na tela da televisão inclinou-se para a frente.

— A vida é curta. Descobri isso. Portanto, não deixem que nada os barre de se divertirem... mesmo que seja ilegal. — Ele balançou a cabeça. — é isso aí. Essa é a única pista para esta semana. Tratem de procurar!

O mordomo desligou a televisão. A viúva olhava aturdida para o aparelho.

— É isso aí? — murmurou ela. — Mas que tipo de pista é essa? Não revela coisa alguma!

— Tem de significar algo — comentou David.

— Ele só falou em barre e diversão — disse o sobrinho, subitamente excitado. — Barre pode ser uma referência a algum bar em que o tesouro foi escondido.

— É bem possível – concordou o advogado.

— Quantos bares existem nas proximidades? — perguntou David.

— Quatro — respondeu o sobrinho. — Vamos verifica-los para saber se o tio esteve em algum.

— Não é muita coisa – ressaltou o advogado.

— Mas é tudo o que temos — declarou a viúva.

— Tenho uma proposta — anunciou David. — Para ganhar tempo, por que cada um não vai a um bar diferente? E depois nos encontramos para relatar o que descobrimos.

— Boa ideia — concordaram todos.

A viúva ficou preocupada. Não lhe agradava o fato de David ser tão honesto.

— David, se encontrar o tesouro primeiro, promete que vai dividi-lo conosco?

David hesitou. O que realmente queria, se por acaso encontrasse o tesouro, era dar todo o dinheiro aos desabrigados e pobres.

— Está bem — acabou respondendo. — Se eu o encontrar, dividirei com vocês.

— E se nós encontrarmos, dividiremos com você.

É claro que a viúva estava mentindo.

Naquela noite, às dez horas, todos seguiram para bares diferentes.

A viúva foi a primeira a entrar num bar. Não gostava de beber. Seu plano era sentar a uma mesa e ficar observando tudo, para tentar descobrir alguma coisa. O bar era pequeno e sujo.

Ela se perguntou por que o marido frequentaria um lugar assim. Sabia que Samuel Stone não tomava bebidas alcoólicas, por causa de sua úlcera.

Uma garçonete de aparência mesquinha lançou-lhe um olhar furioso e depois se agastou. A viúva olhou ao redor. Havia meia dúzia de pessoas no bar, conversando e rindo. Por trás do balcão, havia um bartender enorme, de cara amarrada. A viúva especulou se ele teria algum conhecimento do tesouro. Talvez ele seja a chave para o tesouro, pensou ela.

Levantou-se, foi até o balcão e sentou num banco.

— O que vai querer? — perguntou o homem.

A viúva decidiu que deveria pedir um drinque para se mostrar cordial.

— Quero um scotch.

Ela observou o homem servir o uísque, pôr o copo na sua frente.

— São dois dólares.

A viúva largou o dinheiro no balcão.

— Nunca esteve aqui antes — comentou o homem.

— Não, mas meu marido vinha aqui com frequência.

Ela esperava estar certa.

— E mesmo?

— É, sim. Seu nome era Samuel Stone.

O rosto do *bartender* se iluminou.

— Samuel Stone? Ouvi direito?

A viúva ficou excitada por constatar que o homem conhecia seu marido. Ele devolveu os dois dólares.

— Seus drinques são todos por conta da casa. Beba a vontade!

Ela fitou-o em silêncio por um minuto, depois tomou um gole do uísque.

— Termine logo seu drink—insistiu o *bartender*. — Afinal, isso merece uma comemoração.

Ela bebeu tudo. O gosto era horrível

— Então seu marido era o velho Samuel Stone...

Ele tornou a encher o copo com uísque.

— Beba.

— Não... não quero... — começou a protestar a viúva.

— Ora, é uma honra para mim!

A viúva não queria ofendê-lo. Tomou o segundo copo. Já se sentia tonta, nauseada.

— Conheceu meu marido muito bem?

O homem a fitava fixamente.

— Não, claro que não. Nunca o encontrei, mas lia a seu respeito em todas as revistas. Era um homem famoso. Por isso é uma grande honra ter sua esposa aqui.

A viúva ficou aturdida.

— Está querendo dizer que meu marido nunca veio aqui?

— Isso mesmo. Quase todos os nossos fregueses são motoristas de caminhão.

A viúva levantou-se, cambaleando. Teve de se segurar no balcão para não cair.

— Você está bem? — perguntou o *bartender*.

— Claro que estou. Pensou que eu ia desmaiar, ou qualquer coisa assim?

E ela desmaiou.

Enquanto isso acontecia, o sobrinho entrava num bar diferente, a alguns quarteirões dali. Era grande, estava lotado, as pessoas pareciam se divertir.

Várias moças atraentes trabalhavam no bar, como recepcionistas. Uma delas se aproximou da mesa do sobrinho, sorrindo.

— Gostaria de companhia?

O sobrinho adorava mulheres bonitas.

— Claro. Sente-se.

A moça sentou.

— Estou com sede — disse ela.

— O que quer beber?

— Champanhe.

Ele pediu duas taças de champanhe. A garçonete avisou:

— São trinta dólares.

O sobrinho ficou espantado.

— Trinta dólares por duas taças de champanhe?

— Não se esqueça de que esse preço inclui a minha companhia. — A linda recepcionista pôs a mão em seu joelho. — E posso ser uma companhia muito agradável.

O sobrinho pagou os trinta dólares.

— Costuma frequentar bares? — perguntou a jovem.

— Estou aqui a negócios — explicou o sobrinho.

— É o que todo mundo vem fazer aqui.

— Não... falo sério. Acho que meu tio vinha sempre aqui.

— Quem é seu tio?

— O nome dele era Samuel Stone.

A moça fitou-o nos olhos, espantada.

— Refere-se ao bilionário que morreu há poucas semanas?

Vi a foto dele nos jornais.

— Ele costumava frequentar este bar?

— Não. E se algum dia aparecesse por aqui, pode ter certeza de que eu saberia.

Ela percebeu a expressão de desapontamento do sobrinho e acrescentou:

— Nós dois poderíamos nos divertir...

O sobrinho levantou-se.

— Desculpe, mais tenho de voltar para casa.

— É uma pena. Mas pelo menos deixe-me lhe dar um abraço.

A jovem recepcionista deu um abraço apertado no sobrinho.

Ao chegar em casa, ele descobriu que sua carteira desaparecera.

O advogado foi a um terceiro bar. Não estava interessado em beber, nem em conversar com alguma recepcionista. Foi ao assunto, Procurou o dono do bar e disse:

— Sou advogado de Samuel Stone. Por acaso o Sr. Stone esteve alguma vez neste bar?

O homem estudou-o em silêncio por um momento, antes de responder:

— Não. Por que pergunta?

— Não é da sua conta — declarou o advogado, ríspido. — Tem certeza de que ele nunca esteve aqui?

— Absoluta. Vi muitas fotos dele para saber como se parece.

— Obrigado.

O advogado virou as costas ao dono e deixou o bar.

David não teve melhor sorte. O dono do bar que ele visitou nunca sequer ouvira falar de Samuel Stone.

O grupo voltou a se reunir na casa e cada um apresentou seu relatório. A viúva ainda continuava um pouco embriagada.

Meu marido nos deu uma pista errada — disse ela. — Ele nunca entrou num bar. Para início de conversa nem bebia.

— Espere um pouco—interveio David. — O que foi mesmo que ele disse? A vida é curta... não deixem que nada os barre de se divertirem... mesmo que seja ilegal...

David pensou por um momento. Ilegal... e barre podia ser uma referência a barras, não a bares. Ele virou-se para o advogado.

— Samuel Stone foi preso alguma vez?

É uma informação confidencial. Não estou autorizado a...

— Ele já morreu — interrompeu-o David. — Não vai fazer qualquer diferença agora. Ele foi preso alguma vez?

— Foi, sim. Acabara de voltar de uma viagem à Europa. Eu não deveria revelar, mas já que ele está morto, como ressaltou, não há mal algum. Já ouviu falar do selo Penny Black?

— Não — respondeu David.

— É um dos selos mais valiosos do mundo. Vale dez milhões de dólares. Foi o primeiro selo postal adesivo que já se fez, e data de 1840.

— E o que isso tem a ver com meu marido? — perguntou a viúva.

— Seu marido roubou esse selo e o contrabandeou para o nosso país — informou o advogado. — A caminho de casa, vindo do aeroporto, avançou um sinal vermelho e bateu em outro carro. Foi preso e passou a noite na cadeia. Na manhã seguinte, quando o tirei de lá com o pagamento da fiança, ele me contou que tivera de esconder o selo, porque tinha medo de que o encontrassem em seu poder.

— Então ainda está escondido na cadeia! — exclamou David, excitado.

— É bem possível — concordou o advogado.

— Dez milhões de dólares! — gritou a viúva. — Vamos encontrá-lo!

— Como entraremos na cadeia? — indagou o sobrinho. — Não cometemos nenhum crime. Não podemos aparecer por lá e pedir para nos deixarem dar uma olhada.

— Tem razão — disse o advogado. — Acho que devemos esquecer essa história.

— Concordo plenamente — acrescentou a viúva.

— É isso mesmo — arrematou o sobrinho.

David foi o único que não disse nada. Sabia o que eles planejavam fazer, e estava certo.

Uma hora depois, a viúva encontrou um guarda parado na rua e declarou:

— Não gosto de guardas.

E começou a bater nele com a bolsa.

— Quem você pensa que é? — disse o guarda. — Venha comigo

Ele levou-a para a cadeia.

O sobrinho parou um carro da polícia e anunciou:

— Acho que vocês deveriam saber que acabei de assaltar um banco.

O advogado esperou que um guarda aparecesse, pegou uma pedra e quebrou a vitrine de uma joalheria.

David, fingindo estar embriagado, foi andando pelo meio de uma rua movimentada, com os carros buzinando, até que finalmente uma radiopatrulha se aproximou e o deteve.

Foram metidos em celas separadas.

Estamos agora por trás de barras de ferro, pensou David.

Tudo o que temos de fazer é encontrar o selo.

Havia apenas quatro celas na cadeia, e cada pessoa do grupo ficara em uma. David gritou através das barras:

— Procurem em qualquer esconderijo em suas celas! Tem de estar em algum lugar por aqui!

Eles começaram a revistar suas celas. Em cada cela havia apenas um catre, um vaso sanitário e uma pia. Os quatro quase desmontaram as celas — levantaram os colchões, tiraram as cobertas, abriram os travesseiros. Não tiveram sorte. Ao descobrir o que eles tinham feito, o carcereiro berrou:

— Mas o que é isso? Não estão em suas casas! Tratem de se comportar!

O advogado gritou para os outros, através das barras:

— Não adianta! Acho que teremos de desistir! Vou conversar com o diretor!

Duas horas depois, o advogado acertara a saída de todos sob fiança. Podiam ir embora, O diretor chamou todos à sua sala e disse:

— Não sei o que deu em vocês, mas há algo muito estranho em tudo isso. Pelo que sei, todos estão de alguma forma ligados a Samuel Stone.

— É verdade—confirmou David.

— Lembro quando ele passou uma noite aqui. Era um sujeito durão. E vulgar, ainda por cima.

— Samuel sempre foi vulgar—comentou a viúva.

O diretor abriu a gaveta de sua mesa e tirou uma carta.

— Ele me entregou esta carta para remeter, mas só pôs um selo de um centavo. Acho que ele esperava que ele esperava que eu pagasse a diferença. Pois se enganou.

— Posso ver essa carta? — pediu David.

— Claro.

O diretor entregou-a. O envelope estava endereçado a Samuel Stone, em sua casa, e no canto havia o precioso selo

Penny Black, que valia dez milhões de dólares. David quase tremia de excitação.

— Pode deixar que eu despacho a carta — disse ele.

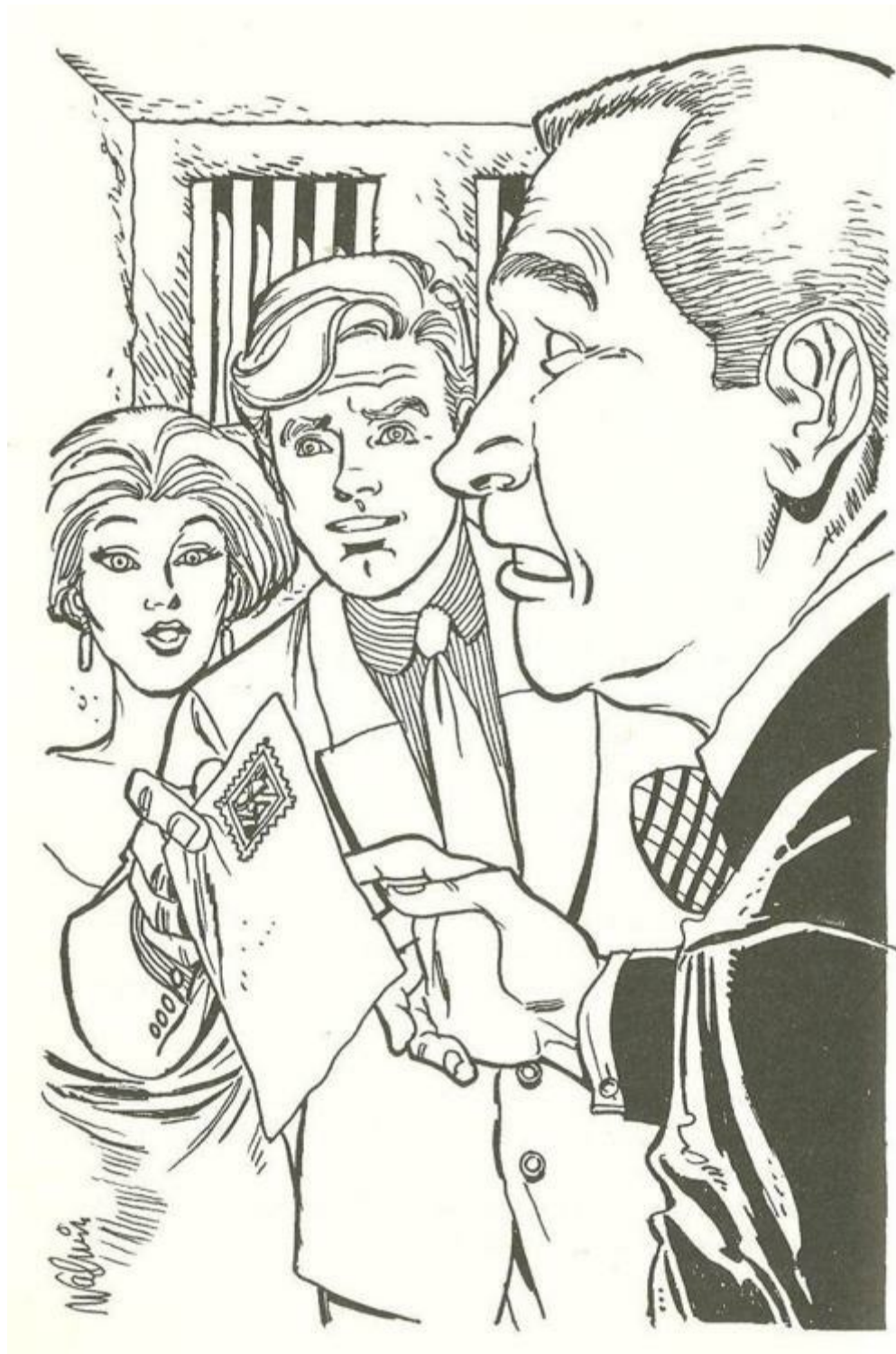
— Não, eu mando! — gritou a viúva.

Ela arrancou a carta de David. O sobrinho interveio:

— Eu é que farei isso!

Ele tirou a carta da viúva. O diretor observava-os, perplexo.

Por que todos se mostravam tão ansiosos em remeter aquela carta?



— O que tem nesse envelope? — perguntou ele.

— Nada — respondeu o advogado.

O diretor ficou desconfiado.

— Devolvam-me essa carta.

Todos ficaram observando, horrorizados, enquanto o diretor pegava o envelope. Ele abriu-o, deu uma espiada lá dentro. Só havia um pedaço de papel em branco.

— Por que Samuel Stone enviaria para si mesmo um pedaço de papel em branco?

— Ele era excêntrico — sugeriu David.

— Excêntrico? — repetiu o diretor. — Ele devia era ser louco!

— Posso ficar com a carta? — perguntou a viúva, insinuante. — Por motivos sentimentais.

O diretor deu de ombros.

— Claro.

Ele entregou o envelope à viúva.

— Obrigada.

Ela estava com os dez milhões de dólares em suas mãos.

— Podemos ir embora agora? — indagou o advogado.

— Podem, sim, e nunca mais quero ver nenhum de vocês aqui. Fui informado de que desmontaram suas celas.

— Pedimos desculpas por isso — disse David.

Saíram da cadeia para o sol forte lá fora.

Voltaram a casa, no maior entusiasmo.

— Ainda há muita coisa da fortuna de Samuel a descobrir — comentou a viúva.

— Mas pelo menos já temos estes dez milhões de dólares — disse o advogado. — Vamos ligar para um colecionador de selos e nos certificar de que o Penny Black vale mesmo dez milhões de dólares.

Todos se agruparam em torno do advogado, enquanto ele dava o telefonema. Depois de se apresentar, ele explicou: Tenho um selo Penny Black, e queria saber se está interessado em comprá-lo.

Todos puderam ouvir a voz excitada no outro lado da linha.

— Tem mesmo? Pagarei qualquer coisa por esse selo!

— Qualquer coisa? — murmurou o advogado. — E quanto isso significa em dólares?

— Quinze milhões de dólares o deixariam satisfeito?

— Quinze milhões? Claro que sim!

— Há vinte anos que venho procurando por esse selo.

Pois pode vir buscá-lo aqui. — O advogado forneceu o endereço. — Basta trazer o

dinheiro.

Depois que ele desligou, todos se entreolharam, na maior alegria.

— Quinze milhões de dólares! — exclamou a viúva. — A primeira coisa que farei com minha parte será comprar roupas e peles no valor de milhares de dólares. Também terei um iate com lindos marujos.

— Acho que vou comprar um avião e contratar lindas mulheres para piloto e co-piloto — disse o sobrinho.

E o advogado acrescentou:

— Eu vou comprar imóveis.

Todos se viraram para David.

— O que você vai fazer?

— Vou devolver o dinheiro—respondeu David.

— O quê? Está querendo dizer que é bastante tolo para devolver sua parte do dinheiro?

— Não apenas a minha parte — anunciou David. Todo o dinheiro.

Os outros ficaram aturdidos.

— Mas do que você está falando?

David virou-se para o advogado.

— Você disse que o selo era roubado.

— E verdade.

— Então não nos pertence. Tem de ser devolvido ao legítimo dono.

— Não pode fazer isso!—protestou a viúva.— O selo é nosso!

— Vai voltar a quem pertence — insistiu David.

— E se não quisermos devolver? — indagou o sobrinho.

— Neste caso, terei de voltar à cadeia para ter uma conversinha com o diretor — declarou David. — Imagino que há uma longa sentença de prisão para quem negocia propriedade roubada. Vocês irão para a cadeia.

— Ele tem razão. — O advogado lançou um olhar furioso para David. — Samuel Stone estava certo. Você é honesto demais.

E, assim, o famoso selo Penny Black foi devolvido a seu dono, e os parentes de Samuel Stone perderam quinze milhões de dólares.

O dono do selo, no entanto, não se mostrou ingrato. Enviou para a viúva um cheque de cem dólares.

Capítulo Seis

Era a manhã de segunda-feira. O grupo aguardava ansioso toda segunda-feira, ao mesmo tempo em que temia aquele momento. Sentiam a ansiedade por que receberiam outra pista para a fortuna de Samuel Stone e receavam porque teriam de vê-lo mais uma vez na televisão, escarnecendo deles.

Sentaram na biblioteca, esperando o mordomo entrar para inserir uma nova fita no vídeo.

— Espero que a pista desta semana seja mais fácil do que a última — comentou a viúva.

— Descobrimos o selo, não é mesmo? — disse o sobrinho.

— É verdade, mas David nos obrigou a devolver — resmungou o advogado.

— Tenho certeza de que todos se sentem melhor porque fizeram o que era certo — declarou David.

Nenhum deles se sentia melhor por terem feito a coisa certa. Apenas se sentiam mais pobres.

O mordomo entrou na sala, trazendo a nova gravação.

— Estão prontos? — perguntou ele.

— Estamos.

— Então vamos começar.

Ele inseriu a fita, ligou a televisão. O rosto de Samuel Stone apareceu na tela.

— Bom dia — disse ele. — Espero que todos estejam passando bem. Tenho algumas pistas interessantes para vocês hoje.

— Aposto que sim — murmurou o sobrinho.

— Talvez não adivinhem esta. Aqui está a primeira pista.

Alguém consegue viver sem Yor?

O grupo se entreolhou.

— Yor? Quem é Yor?

Eles balançaram a cabeça. Ninguém conhecia nenhum Yor.

— Talvez possamos encontrar o nome na lista telefônica — sugeriu a viúva.

— Não tentem procurar na lista telefônica — disse Samuel Stone. — Yor não é um lindo nome? Experimentem cantá-lo. Mas devem cantar no tom certo.

O advogado limpou a garganta e cantou:

— Yor...

A viúva experimentou, a voz mais alta: — Yor...

O sobrinho entoou:

— Yor...

Samuel Stone sacudiu a cabeça.

— Chegaram perto, mas foi uma barba rente, como se costuma dizer. Nunca seriam aceitos num quarteto de barbearia.

— O rosto na tela sorriu. — Muito bem, isto é o final de suas pistas. Boa sorte!

A televisão ficou escura.

— O final das pistas? — gritou a viúva.

— Que pistas? — indagou o sobrinho. — Estamos procurando por um cantor chamado Yor?

David permanecera em silêncio, com uma expressão pensativa.

— Esperem um pouco — disse ele. — Acho que sei o que a pista significa.

Todos se viram para ele.

— Vamos voltar ao que Samuel Stone disse. — Alguém consegue viver sem Yor?

— O que isso significa? — perguntou a viúva.

— Se pronunciarmos as duas últimas palavras juntas, o que tempo *Semyor*. E se falarem depressa, torna-se *señor*, que significa homem em espanhol.

Todos fitavam, espantados.

— Vamos dar um passo à frente — continuou ele. — Stone disse que podíamos cantar. Isso

pode significar uma ópera. E ele falou em barbearia. Há uma ópera chamada *O Barbeiro de Sevilha*. E ele tem a chave para o tesouro.

— Tem toda razão! — exclamou o advogado. — É exatamente o que estamos procurando! Um homem em Sevilha com o nome de barbeiro em inglês, que é Barber. E só pode ser um homem, porque Samuel usou a palavra — Señor.

Agora que sabiam o que as pistas significam, a ganância voltou a dominá-los.

— Você pode estar errado, David — sugeriu a viúva.

O sobrinho concordou:

— Não creio que seja isso.

— Nem eu — arrematou o advogado.

David sorriu interiormente. Sabia o que aconteceria em seguida, sem a menor sombra de dúvida. Todos iriam para Sevilha, à procura de um homem chamado Barber.

David estava absolutamente certo. A viúva, o sobrinho e o advogado voaram para a Espanha naquela mesma noite, em aviões diferentes. Cada um queria chegar lá na frente dos outros. David também embarcou num avião. Mas se encontrasse o tesouro, queria entregá-lo à Fundação Samuel Stone, para ajudar os pobres.

Sevilha é uma linda cidade espanhola, com igrejas e monumentos antigos, datando do século X. É uma das cidades mais aprazíveis do mundo. Mas ninguém do grupo tinha o menor interesse que não fosse a caça ao tesouro.

A viúva foi a primeira a chegar. Procurou na lista telefônica.

Havia quatro pessoas com o nome de —Barber.

Ela decidiu tentar a sorte com o primeiro. Pegou um táxi e foi para o endereço indicado na lista telefônica. Era um restaurante. Um cartaz na janela dizia PRECISA-SE DE GARÇONETE. A viúva entrou. Foi cumprimentada por um homem de meia-idade, usando um avental.

— Señor Barber? — perguntou a viúva.

— Pois não?

A viúva sabia que precisava ser cautelosa. Não podia perguntar direto pelo tesouro.

— Suponho que veio tratar do emprego de garçom — acrescentou o homem.

Ela já ia dizer —Claro que não! —, mas mudou de ideia.

Trabalhar ali seria uma maneira perfeita de conhecer melhor o Señor Barber, e assim poder interrogá-lo sobre o tesouro de Samuel Stone.

— É verdade — disse ela, insinuante. — É por isso que estou aqui.

— Ótimo. Pode começar a trabalhar imediatamente.

Os fregueses começavam a entrar no restaurante, ocupando quase todas as mesas.

— Encontrará um uniforme de garçoneiro na cozinha — informou o Señor Barber.

A viúva pôs-se a trabalhar. Nunca servira mesas em toda a sua vida, e detestou. Os fregueses eram grosseiros. A viúva anotava errado os pedidos, e gritavam com ela, insultavam-na. E antes da tarde terminar, ela sentia uma terrível dor de cabeça.

Não posso continuar assim, pensou a viúva. Morrerei se bancar a garçoneiro por mais um dia. Ela foi falar com o Señor Barber.

— Devo ser honesta. Não sou realmente uma garçoneiro.

— Foi o que os fregueses me disseram. Quem é você, afinal?

— Sou a viúva de Samuel Stone. Ele deixou com você a chave para uma parte de sua fortuna e eu vim busca-la.

— Samuel Stone? Nunca ouvi falar.

Ela procurara o Señor Barber errado.

O advogado chegou a Sevilha ao final da tarde. Procurou na lista telefônica e decidiu tentar o segundo Señor Barber relacionado ali. Descobriu que o endereço era de uma academia de ginástica.

O advogado entrou, e foi recebido por um homem enorme e calvo.

— Veio fazer ginástica?

O advogado não tinha a menor intenção de fazer ginástica, mas não queria deixar o Señor Barber desconfiado.

Se eu lhe disser que gostaria de fazer alguns exercícios, pensou o advogado, passaremos a nos conhecer melhor, e depois poderei interroga-lo sobre Samuel Stone.

— Isso mesmo — disse ele. — Gostaria muito de fazer um pouco de ginástica.

— Muito bem. Tire suas roupas. Vai encontrar um traje de ginástica no armário.

— Está certo.

O advogado trocou de roupa, foi par o imenso ginásio.

Havia diversos aparelhos de ginástica ali. O Señor Barber pegou um haltere grande, estendeu para o advogado.

— Tome aqui. Veja se consegue levantar isto.

Era tão pesado que quase derrubou o advogado no chão. O Señor Barber avaliou-o de alto a baixo.

— Está em péssima forma. Teremos de melhorar sua condição física o mais depressa possível.

Pelo resto da tarde, o advogado empenhou-se nos exercícios — levantou pesos, correu numa esteira rolante, fez flexões — até que se sentia tão cansado e dolorido que mal podia se mexer. Finalmente, seu tempo terminou.

— Foi muito bom — disse o Señor Barber. — Estarei à sua espera amanhã de manhã, às nove horas.

O advogado sabia que não seria capaz de suportar mais uma hora sequer de exercícios, e resolveu ser franco:

— Não vim aqui para fazer ginástica.

O Señor Barber se mostrou perplexo.

— Não? Então por que veio aqui?

— Queria conversar com você sobre seu velho amigo, Samuel Stone.

— Meu velho amigo quem?

— Samuel Stone.

— Não conheço nenhum Samuel Stone.

O advogado ficou chocado. Procurara o Señor Barber errado.

O sobrinho foi o terceiro a chegar. Escolheu o terceiro Señor Barber na lista telefônica e isso o levou a uma *estancia*, uma fazenda onde treinavam toureiros.

O sobrinho entrou na casa principal e foi recebido por um espanhol moreno.

— Buenos dias — disse o homem. — Em que posso servi-lo?

— Vim falar com o Señor Barber.

— Pois não. Acompanhe-me, por favor.

Ele levou o sobrinho a um escritório grande. Um homem bonito, de cabelos escuros, estava sentado por trás da mesa.

— Señor Barber, este cavalheiro deseja lhe falar.

O Señor Barber levantou-se, estendendo a mão.

— Seja bem-vindo. Presumo que veio aqui para receber aulas de tourada.

Aulas de tourada? Claro que não! Era a última coisa do mundo pela qual o sobrinho poderia se interessar naquele momento, mas queria conquistar a confiança do Señor Barber, a fim de obter informações sobre a fortuna de Samuel Stone.

E a maneira de conquistar sua confiança é passar a conhecê-lo tão bem que ele confiará em mim, pensou o sobrinho. Não há mal nenhum em tomar algumas aulas de tourada.

— É esse mesmo o motivo da minha presença aqui — confirmou o sobrinho.

— Ótimo. Tenho certeza de que vai gostar. Há muitos discípulos de grande valor aqui.

— Fico contente em saber disso. Quando começamos?

— Podemos começar imediatamente. Eu o levarei à praça de touros.

Saíram para o sol forte lá fora. A praça de touros era enorme. O Señor Barber conduziu o sobrinho para uma casa menor ao lado.

— Pode trocar de roupa aqui. Encontrará lá dentro alguns trajes de toureiro.

O sobrinho sentiu-se ridículo ao terminar de trocar de roupa. Já vira imagens de toureiros no cinema e televisão, mas jamais imaginara que um dia se vestiria assim.

O Señor Barber olhou para ele, acenou com a cabeça em aprovação.

— Ficou muito bem — disse ele. — E agora vamos lutar com os touros.

O sobrinho esperava começar com filhotes de touro.

Animais que pudesse afagar na cabeça. Em vez disso, descobriu-se a enfrentar um monstro enorme, que poderia matá-lo com a maior facilidade. Entrou em pânico. As coisas não corriam como planejava.

Podia ver os touros no cercado, prontos para atacarem pela vasta arena.

— Está pronto? — perguntou o Señor Barber.

— Estou! Não!

Ele recebeu uma capa vermelha.

— Não se preocupe. Todo mundo sente medo na primeira vez.

O Señor Barber gesticulou para alguém, um portão foi aberto, e o primeiro touro entrou na arena.

— Basta sacudir a capa diante do touro e depois sair do caminho.

— Não posso! — balbuciou o sobrinho.

O touro começou a avançar em sua direção.

— Socorro!

O Señor Barber correu para o seu lado. Pegou a capa, estendeu-a para o lado e touro passou por eles em disparada.

— Está vendo como é fácil? — disse ele. — Agora tente de novo.

— Não! — gritou o sobrinho.

O touro tornava a avançar. O sobrinho saiu correndo da arena a toda velocidade. O Señor Barber foi atrás dele.

— Você é uma desgraça para esta escola. Quem lhe disse que podia ser toureiro?

— Ninguém — respondeu o sobrinho, ofegante. — Vim aqui para lhe perguntar sobre a fortuna de meu tio.

— Seu tio? E quem é seu tio?

— Samuel Stone. Está guardando um tesouro dele.

O Señor Barber franziu o rosto.

— Nunca ouvi falar desse tal de Samuel Stone.

O sobrinho ficou aturdido.

— Ele nunca lhe falou do seu tesouro?

— Já disse que não conheço o homem.

O sobrinho sentia-se frustrado. Procurara o Señor Barber errado.

David foi o último do grupo a chegar a Sevilha. Também procurou na lista telefônica e decidiu começar pelo quarto Señor Barber.

O endereço era de um serviço de acompanhantes. David entrou, foi recebido por um homem baixo e gordo.

— Estou procurando pelo Señor Barber — anunciou David.

O homem sorriu.

— Sou o Señor Barber, a seu dispor.

— Ótimo. Pode me prestar uma grande ajuda.

— Prometo que sim — declarou o homem. — Que tipo de garota prefere... alta, baixa, loura, morena?

— Mas do que está falando?

— Acredite que sei muito bem do que estou falando. Este é o melhor serviço de acompanhantes de toda a Espanha. Nossas garotas o farão muito feliz.

— Não estou procurando por uma garota — explicou David.

O Señor Barber balançou a cabeça.

— Entendo. Neste caso, temos homens que o farão muito feliz.

Espere um pouco — disse David. — Acho que entendeu tudo errado. Não estou à procura de uma garota, nem de um homem.

Vim em busca de informações.

O Señor Barber ficou desconfiado.

— Que tipo de informações?

— Sobre Samuel Stone. Você tem a chave para uma parte de sua fortuna.

— Como é mesmo do nome?

— Samuel Stone.

O Señor Barber deu de ombros.

— Nunca ouvi falar.

— Tem certeza?

— Absoluta.

David se encontrava num beco sem saída.

Os quatro se encontraram no aeroporto, quando iam pegar um avião para voltarem. Estavam muito desanimados. Os outros culpavam David pelo que acontecera.

— Você e suas pistas! — exclamou a viúva, furiosa. — Viemos até a Espanha por nada. E

os pés estão me matando de ter trabalhado como garçonne durante o dia inteiro.

— E tenho o corpo todo dolorido de tanto fazer ginástica — acrescentou o advogado.

O Sobrinho se lamentou:

— E eu quase fui morto por um touro!

— Sinto muito — disse David. — Teremos de escutar aquela fita de novo.

Estavam sentados na biblioteca, e um deles disse ao mordomo:

— Gostaria que nos mostrasse de novo a última fita.

— Não sei se posso — protestou o mordomo. — A ordem que o Sr. Stone me deu, antes de morrer, foi mostrar uma fita para você a cada segunda-feira. Ele não disse nada sobre repetir uma fita.

— Não se preocupe — interveio a viúva. — Assumirei plena responsabilidade.

— Está certo. Vou buscar a fita.

Ficaram esperando que o mordomo voltasse com a fita.

— De que adianta escutar tudo de novo? — indagou o sobrinho. — Já ouvimos uma vez, e vejamos em que nos metemos, uma viagem inútil a Espanha!

— Talvez haja alguma coisa que não percebemos — insistiu David.

O mordomo voltou. Todos observaram quando ele inseriu a fita no aparelho.

— Agora, vamos prestar o máximo de atenção — disse David.

O rosto de Samuel Stone apareceu na televisão.

— Alguém conseguir viver sem Yor?... Yor não é um lindo nome?... Experimentem cantá-lo... uma barba rente... quarteto de barbearia...

A gravação terminou, a tela ficou escura.

— De que adiantou ouvir de novo? — indagou a viúva. — Não abemos mais do que antes.

David mantinha-se imóvel, com uma expressão de concentração.

— Já sei! — exclamou ele de repente. — Seguimos a pista errada.

— Como assim? — perguntou o advogado.

David levantou-se excitado.

— Ele nos lançou na pista errada. Queria que pensássemos na ópera O Barbeiro de Sevilha

e fôssemos até a Espanha. Mas a verdadeira pista é —barba rente!!|. Onde se consegue uma barba rente? Com um barbeiro. Tempos de procurar o barbeiro de Samuel Stone!

— Sensacional! — exclamou o advogado. Ele virou-se para a viúva. — Quem é o barbeiro de seu marido.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não sei.

— Alguém deve saber!

Chamaram o mordomo.

— Sabe onde o Sr. Stone cortava o cabelo?

— Não. Ele mesmo guiava o carro quando ia até lá, e nunca mencionou o nome de seu barbeiro.

Os quatro se entreolharam, frustrados.

— Não se preocupem — disse o sobrinho. — Não deve ser tão difícil assim encontrá-lo. Deixem-me procurar na lista telefônica.

— Iremos todos juntos — decidiu a viúva.

Ela não queria que o sobrinho levasse qualquer vantagem.

Todos observaram-no abrir as páginas na seção em que estavam relacionadas as barbearias. Havia centenas.

— Isso é terrível! — murmurou o advogado. — Nunca descobriremos a certa!

— Vamos dividir os nomes — sugeriu David. — Cada um ficará com uma lista, e começaremos a telefonar.

— Boa ideia.

Já se encaminhavam para salas diferentes, em que havia telefones, quando a viúva chamou:

— Espere um instante, David! Vamos fazer um acordo.

Quem encontrar a barbearia certa, dividirá o tesouro com os outros. Combinado?

— Combinado — respondeu o sobrinho.

— Claro — acrescentou o advogado.

— Eu concordo — disse David.

— E eu também — arrematou a viúva.

Exceto por David, todos estavam mentindo. Cada um queria o tesouro só para si. Em salas separadas, começaram a telefonar.

— Barbearia Acme.

— Podia me informar se Samuel Stone era freguês dai?

— Não, não era.

— Barbearia Metropolitana.

— Eu gostaria de uma informação. Vocês tinham um freguês chamado Samuel Stone?

— Não.

— Barbearia Diamond.

— Um homem chamado Samuel Stone era freguês de vocês?

E assim continuou. Ligaram para dezenas de barbearias, por toda a cidade. E a resposta era sempre —não. Até que...

O sobrinho dava o trigésimo telefonema e já se sentia desanimado.

— Barbearia West Side.

— Nunca tiveram um freguês chamado Samuel Stone, não é mesmo?

— Claro que tivemos. Pobre Sr. Stone! Nós o conhecíamos muito bem.

O sobrinho sentiu seu coração cantar. Encontrara a barbearia certa!

— Muito obrigado.

Ele anotou o endereço, guardou o papel no bolso. Não tinha a menor intenção de partilhar a notícia com os outros.

Em vez disso, esgueirou-se pela porta dos fundos e partiu em seu carro.

A viúva continuava ao telefone, ligando pra barbearias, quando olhou pela janela e avistou o sobrinho saindo em seu carro. Compreendeu no mesmo instante o que estava acontecendo. O sobrinho descobrira a barbearia certa!

Ela encaminhou-se apressada para seu carro, a fim de segui-lo. Não tinha a menor intenção de partilhar a fortuna com os outros.

O advogado falava ao telefone quando divisou a viúva indo para seu carro, e compreendeu no mesmo instante o que estava acontecendo. Levantou-se para segui-la.

David viu o advogado sair e pensou: *eles já saem onde fica a barbearia!* E David seguiu o advogado.

Os quatro chegaram a barbearia, um de cada vez. Entraram apressados.

— Quem é o dono? — perguntou o sobrinho.

— Sou eu — respondeu um homem idoso, de cabelos grisalhos.

— Cuidava dos cabelos de Samuel Stone?

O barbeiro sorriu.

— Fui ser barbeiro por trinta anos. — Ele virou o rosto quando os outros entraram. — Já esperava por vocês. O Sr. Stone me deu uma chave para guardar e disse que deveria lhes entregar quando viessem buscar.

Ele abriu a gaveta, tirou uma chave de um cofre particular num banco. Tinha uma etiqueta que dizia: FIRST NATIONAL BANK.

— Levarei essa chave — disse a viúva.

— Cheguei aqui primeiro! — gritou o sobrinho.

— Vamos todos juntos — propôs o advogado.

E foi o que fizeram.

Entraram no First National Bank, abriram o cofre particular e encontraram títulos no valor de dez milhões de dólares.

Dividiram o dinheiro. Cada um sonhava com o que faria com a sua parte.

— O que vai fazer com seu dinheiro, David? — perguntou a viúva.

Mas ela já sabia a resposta. O pobre idiota daria sua parte a obras de caridade.

Capítulo Sete

Era a manhã de sábado. Agora, meu caro leitor, como já sabe, se prestou a devida atenção, o velho Samuel Stone aparecia na televisão toda segunda-feira, a fim de fornecer aos herdeiros pistas para sua fortuna.

Naquela semana em particular, o sobrinho decidiu que não ia esperar. Tinha uma ideia

brilhante, que lhe proporcionaria uma grande vantagem sobre os outros. *Sou um gênio*, disse ele a si mesmo. *Um gênio extraordinário!*

Sábado era o dia do mordomo fazer compras. Assim que o sobrinho o viu sair de casa, foi até seu quarto e procurou pela fita que seria exibida na segunda-feira. Encontro-a escondida numa gaveta da escrivaninha.

Pegou-a e pensou: *Agora terei as pistas do tio antes dos outros. Poderei ficar com o tesouro só para mim.*

Ele levou a fita para a biblioteca e fechou a porta, para que ninguém mais visse o que estava fazendo. Pôs a fita no vídeo e ligou a televisão. O rosto de Samuel Stone apareceu na tela.

— Muito bem, acho que estão prontos para a próxima pista — disse ele.

— Claro que estou! — exclamou o sobrinho.

Ele não conseguia ficar parado, de tanto entusiasmo.

— Esta é uma boa época do ano — disse Samuel Stone. — O tempo deve estar agradável. Ah, mas que linda manhã.

— Isso é uma pista? — murmurou o sobrinho. — Ah, mas que linda manhã é o início de uma canção de um musical chamado *Oklahoma*. Mas o que isso tem a ver com...?

A voz de Samuel Stone continuou:

— Aqui está um enigma para vocês. O que uma banana, um coco e um carro têm em comum? Este é um enigma digno de um Sherlock.

O sobrinho sentiu um aperto no coração. *Que tipo de enigma absurdo é esse?* Ele foi até a televisão e disse:

— Dê-me outra pista, tio.

Mas gravação terminara. Não havia mais pistas.

Mas que droga!, pensou o sobrinho. *Esta é impossível. Nem mesmo David poderia adivinhá-la.* Não fazia sentido. Oklahoma, um coco, uma banana e um carro. Não adiantava. O sobrinho estava empacado.

Com o maior cuidado, olhando ao redor para se certificar de que ninguém o observava, ele levou a fita de volta ao quarto do mordomo, tornou a guardá-la na escrivaninha. Sabia o que havia na fita que os outros só assistiriam na segunda-feira seguinte, mas de adiantava? Não entendia o que as pistas significavam.

O sobrinho foi para a sala de jantar, onde a viúva, o advogado e David almoçavam.

— Onde você estava? — perguntou a viúva. — Atrasou-se para o almoço.

— Estava lendo — mentiu o sobrinho, sentando à mesa. — O que temos para almoçar?

— Pode escolher entre galinha e peixe.

— Acho que vou comer peixe.

Ele serviu-se de uma travessa grande. Ouviram o telefone tocar na biblioteca. Continuou a tocar.

— Por que o mordomo não atende? — indagou o advogado.

— Ele foi fazer compras — explicou o sobrinho. — Vou atender.

Ele entrou na biblioteca e pegou o fone.

— Alô?

Uma voz de homem disse:

— Eu gostaria de falar com o Sr. Samuel Stone, por favor.

— Lamento informar que o Sr. Stone morreu há algumas semanas.

— O quê?!

A voz parecia chocada.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Meu negócio era com o Sr. Stone. Estou ligando de Oklahoma.

Oklahoma! A mente do sobrinho disparou subitamente.

— Como disse mesmo que era seu nome?

— Não disse. É Holmes. Joe Holmes.

Os pensamentos do sobrinho estavam em turbilhão. *Holmes de Oklahoma*. Só podia ser uma referência a Sherlock Holmes.

— E qual é o seu negócio?

— Samuel e eu trabalhamos com petróleo.

E o enigma se tornou claro de repente. *O que uma banana, um coco e um carro têm em comum? O coco e a banana dão óleo, e um carro usa óleo.*

— Acabo de descobrir um novo campo petrolífero. Samuel Stone e eu estamos juntos nisso.

Metade pertence a ele.

O sobrinho sentiu-se tão excitado que mal conseguia falar.

— Quanto vale? — perguntou ele.

— Em torno de vinte milhões. Dez milhões para ele e dez milhões para mim.

O sobrinho pensou: Não para ele, mas para mim. E ficarei com tudo sozinho.

Ele mal podia esperar para ver as caras que os outros fariam ao descobrirem que fora mais esperto.

— Onde fica esse novo campo petrolífero? — indagou o sobrinho.

Holmes hesitou.

— Prefiro não dizer pelo telefone. Incomoda-se se eu for até aí para conversarmos?

— Claro que não. Quando pode chegar aqui?

— Amanhã de manhã. Como está o tempo por aí? Preciso levar um casaco?

O sobrinho olhou pela janela. Nevava lá fora.

— Está frio. É melhor trazer um casaco. Irei busca-lo no aeroporto. Como poderei reconhecê-lo?

— Sou baixo, tenho apenas um metro e sessenta. E sou careca. Até amanhã.

Estarei à sua espera, e dos dez milhões de dólares, pensou o sobrinho, feliz.

No início da manhã seguinte, o sobrinho saiu de casa sem fazer barulho, antes dos outros acordarem. *Como pude ser tão brilhante?*, pensou ele. *Primeiro, assisti à fita antes dos outros, depois resolvi o enigma e ainda descobri o Sr. Holmes.*

A verdade é que fora o Sr. Holmes quem o descobrira. Mas o sobrinho não estava muito interessado na verdade. Ele seguiu para o aeroporto, a fim de receber o Sr. Holmes.

As ruas estavam escorregadias, cobertas de gelo. O sobrinho guiava com o maior cuidado. Não queria fazer coisa alguma que representasse um risco para o recebimento da fortuna. Os dez milhões de dólares seriam seus, porque os encontrara primeiro, e assim não teria de partilhar com os outros.

O sobrinho adorava lindas mulheres, adorava jogar e frequentar boates. *Posso viver com esse dinheiro pelo resto da vida,* pensou ele, na maior alegria.

O aeroporto estava apinhado, mas ele não teve a menor dificuldade para encontrar o Sr. Holmes. *Sou baixo, tenho apenas um metro e sessenta. E sou careca.* Não havia muitos homens calvos, com um metro e sessenta de altura, no terminal.

O sobrinho abordou o estranho.

— Sr. Holmes?

— Isso mesmo. Você deve ser o sobrinho.

— Exatamente. Muito prazer em conhecê-lo.

Os dois trocaram um aperto de mão.

— Trouxe bagagem? — perguntou o sobrinho.

— Não, porque não estou planejando ficar. Só vim aqui para lhe dar a informação que

queria.

Uma informação que vale dez milhões de dólares!

— É muita gentileza de sua parte, Sr. Holmes. Meu carro está lá fora. Vamos sair?

Os dois atravessaram o terminal apinhado, entraram no carro do sobrinho.

— Lamento que seu tio tenha morrido — disse o Sr. Holmes.

— Era um homem intratável, mas também um bom negociante.

— Todos nós o amávamos — mentiu o sobrinho. — Disse que estava metido num negócio de petróleo junto com meu tio?

— Isso mesmo. Éramos sócios. E descobrimos um novo campo petrolífero há dois dias.

— E disse que esse campo vale vinte milhões de dólares?

— É verdade. A parte de seu tio seria de dez milhões.

O sobrinho fez uma pergunta muito importante:

— Tem algum problema se entregasse esse dinheiro para mim?

O Sr. Holmes pensou por um momento.

— Acho que não. Você não é da família? — Sou.

— Então não vejo motivo para que não fique com o dinheiro.

O sobrinho ficou exultante. Seu sonho finalmente se convertera em realidade. Dez milhões de dólares, e era tudo seu!

— O título de propriedade de seu tio está num barracão no campo petrolífero. Só precisa ir até lá buscá-lo.

— Sensacional! — exclamou o sobrinho.

Só lhe restava agora saber onde era o campo petrolífero.

Chegaram na casa. O Sr. Holmes contemplou-a com a maior admiração.

— Uma bela casa — murmurou ele.

— Também acho. Era de tio Samuel. Agora pertence à família.

O Sr. Holmes saltou do carro e o sobrinho seguiu-o.

— Onde foi mesmo que disse que fica o campo petrolífero?

Os dois homens começaram a subir os degraus.

— Fica localizado em...

Os degraus se achavam cobertos de gelo, e nesse momento o Sr. Holmes escorregou, caiu de costas, batendo com a cabeça no concreto. Ele sentou, parecendo tonto. Tinha os olhos vidrados.

— Está bem, Sr. Holmes?

O sobrinho ajudou a se levantar. O Sr. Holmes olhou para ele.

— O que estou fazendo aqui?

— Veio me dizer onde fica o campo petrolífero.

— Que campo petrolífero?

— Não brinque com uma coisa assim.

O Sr. Holmes olhou ao redor.

— Onde estou?

— Na casa de Samuel Stone.

Ele fitou o sobrinho, perplexo.

— Quem é Samuel Stone?

E o sobrinho compreendeu o que acontecera. A queda deixara o Sr. Holmes com amnésia. Ele perdera completamente a memória. O sobrinho não podia acreditar.

— Não se lembra de Samuel Stone? — perguntou ele, na maior ansiedade.

O Sr. Holmes balançou a cabeça.

— Não me lembro de nada. Quem sou eu?

— Seu nome é Holmes. Veio de Oklahoma. Estava no negócio de petróleo com Samuel Stone.

O Sr. Holmes continuava perplexo.

— O que eu fazia no negócio de petróleo?

— Ganhava dinheiro! — gritou o sobrinho. — Estava prestes a me dizer onde fica o campo petrolífero!

Holmes suspirou.

— Sinto muito, mas não consigo me lembrar. Não estou me sentindo bem.

Ele começou a cair. O sobrinho amparou-o dizendo:

— Vou leva-lo para a cama.

Tinha certeza de que o Sr. Holmes recuperaria a memória depois de repousar um pouco. O sobrinho abriu a porta da frente sem fazer barulho, certificou-se de que não havia ninguém por ali e ajudou o Sr. Holmes a subir para um dos quartos de hóspedes.

— Não estou me sentindo bem — repetiu o Sr. Holmes. — Tenho uma dor de cabeça terrível. Talvez seja melhor chamar um médico.

— Não há necessidade — assegurou o sobrinho.

A última coisa que ele queria naquele momento era que mais alguém encontrasse o homem que tinha a chave para dez milhões de dólares.

— Basta deitar e descansar um pouco. Tenho certeza de que vai se recuperar.

Ele ajudou o Sr. Holmes a se acomodar na cama e observou-o fechar os olhos. O Sr. Holmes pegou no sono no mesmo instante.

É a minha falta de sorte, pensou o sobrinho, irritado. Mais alguns segundos, e ele teria me contado onde fica o campo petrolífero. Agora, tenho de esperar até que recupere a memória.

O importante era não deixar que alguém soubesse que o Sr. Holmes se encontrava na casa.

O sobrinho podia ouvir os outros circulando pela casa.

Fechou a porta do quarto de hóspedes e desceu ao encontro do resto do grupo. Estavam comendo o desjejum.

— Você saiu cedo esta manhã — comentou David. — Não vi mais seu carro quando acordei.

— O dia estava tão bonito que resolvi dar um passeio.

Todos olharam pela janela. A nevasca era intensa.

— Acho um dia assim muito bonito — acrescentou o sobrinho. — E gosto de guiar na neve.

Ele quase balbuciava de tão nervoso. Depois que terminaram de comer, o advogado perguntou:

— Gostaria de jogar cartas?

— Não respondeu o sobrinho. — Tenho um trabalho a fazer.

Ele subiu a escada apressado. Certificou-se de que ninguém o observava e abriu a porta do

quarto de hóspedes. O Sr. Holmes já acordara. *Provavelmente ele recuperou a memória a esta altura*, pensou o sobrinho.

— Como se sente? — perguntou ele.

O Sr. Holmes lançou-lhe um olhar aturdido.

— Quem é você?

O sobrinho sentiu um aperto no coração.

— Sou o sobrinho de Samuel Stone.

— E quem é Samuel Stone?

— É o seu sócio! — gritou o sobrinho. — Você lhe deve dez milhões de dólares.

O Sr. Holmes ficou perplexo.

— Dez milhões de dólares? Não tenho dez milhões de dólares.

— Tem vinte milhões de dólares e metade disso me pertence. Tente se lembrar.

— Não consigo.

Ele fez menção de se levantar da cama.

— Estou com fome.

— Espere aqui — disse o sobrinho. — Vou buscar o desjejum. Não deve sair deste quarto.

Seria um desastre se os outros o vissem. O sobrinho prometeu:

— Voltarei num instante.

Ele desceu, entrou na cozinha e disse à cozinheira:

— Estou com fome.

Ela fitou-o, surpresa.

— Mas acabou de comer!

— É verdade, mas a neve sempre me deixa faminto. Poderia preparar uma bandeja para mim? Talvez alguns sanduíches.

Ele ficou observando a cozinheira preparar os sanduíches e arrumá-los numa bandeja.

— Devo levar para a sala de jantar?

— Não — respondeu o sobrinho. — Pode deixar que eu mesmo levo.

Ele pegou a bandeja, subiu para o quarto de hóspedes. Não viu que David o procurava.

E David ficou espantado. Por que o sobrinho levaria uma bandeja com sanduíches para o segundo andar?

No quarto de hóspedes, o sobrinho anunciou ao entrar:

— Trouxe sanduíches para você.

— Não estou com fome — declarou o Sr. Holmes. — Quero sair daqui.

— Não pode sair!

— Por que não?

E foi nesse momento que David entrou no quarto. O sobrinho ficou em pânico.

— Quem é esse homem? — perguntou David.

— Esse é... isto é, era... ou melhor, é um velho amigo meu, o Sr. Jones.

— É esse meu nome? — indagou o Sr. Holmes. — Sr. Jones?

— Não sabe qual é o seu nome? — perguntou David.

— Claro que ele sabe seu nome — interveio o sobrinho. — Não é mesmo, Sr. Jones?

— Não.

— Parece que está havendo alguma confusão — disse David.

— Afinal, conhece ou não seu nome?

— A verdade é que ele passava pela frente da casa — mentiu

o sobrinho —, caiu, bateu com a cabeça e ficou com amnésia.

— Está querendo dizer que você não o conhece? — indagou David.

— Nunca o tinha visto antes, em toda a minha vida.

O Sr. Holmes não contestou, porque não sabia quem era o sobrinho, nem mesmo quem ele era.

A viúva e o advogado passavam pelo corredor, e ouviram vozes no interior do quarto. Entraram e viram o estranho deitado na cama.

— Quem é ele? — perguntou a viúva. — E o que está fazendo em minha casa?

— Não sei quem ele é — respondeu David.

O sobrinho se apressou em falar, pois não queria que os outros descobrissem a verdade:

— É um estranho. Passava pela casa, caiu e bateu com a cabeça. Eu o trouxe até aqui para descansar um pouco.

— Ele não pode descansar em minha casa — protestou a viúva. — Tire-o daqui.

O advogado concordou:

— É isso mesmo. Não queremos estranhos nesta casa.

— Esperem um pouco — disse David. — O homem está doente. Não podem expulsá-lo nesse estado.

— Claro que posso — insistiu a viúva. — E imediatamente.

— Ela virou-se para o homem na cama e acrescentou: — Quero que saia daqui em cinco minutos.

— Ele não tem para onde ir — reagiu David.

— É problema dele — disse o advogado.



O sobrinho estava furioso. Chegara bem perto de se apossar do tesouro de dez milhões de dólares, mas o Sr. Holmes de nada mais lhe servia, agora que perdera a memória. Também se sentia disposto a expulsá-lo para a rua.

— Cinco minutos — repetiu a viúva.

David observou os outros deixarem o quarto e depois se aproximou da cama.

— Lamento que isso tenha de acontecer, Sr. Jones, ou qualquer que seja seu nome.

— Eu gostaria de saber qual é o meu nome — murmurou o homem.

David ficou com pena. Deu um tapinha no ombro do Sr. Holmes e disse:

— Venha comigo. Vou leva-lo a um hospital e providenciar para que cuidem de você.

É muita bondade sua. — O Sr. Holmes levantou-se da cama.

— Aquelas pessoas têm um coração muito frio, querendo expulsar um homem doente para a rua.

— Não tinham más intenções — alegou David, que sempre dizia coisas boas a respeito de todo mundo.

A viúva, o sobrinho e o advogado estavam na biblioteca,

observando David sair com o homem para a rua. A viúva escarneceu:

— David tem o coração muito mole. Precisa aprender a ser mais duro.

— E implacável — acrescentou o sobrinho.

O sobrinho não disse nada. Receava que descobrissem de alguma forma quem era o Sr. Holmes e o culpassem por tentar enganá-los na caça ao tesouro.

— Estou com medo — disse o Sr. Holmes a David. — Não consigo lembrar quem sou, onde moro, ou qualquer outra coisa.

Não tenho dinheiro, nem para onde ir. O que vai acontecer?

— Não se preocupe — tranquilizou-o David. — Cuidarei de você.

Ele abriu a porta da frente, e os dois deixaram a casa.

Nevava ainda mais agora e soprava um vento forte. Desceram os degraus.

— Tome cuidado — advertiu David.

Mas era tarde demais. O Sr. Holmes escorregou, caiu, bateu com a cabeça num degrau. David abaixou-se para ajudá-lo, alarmado.

— Você está bem?

O Sr. Holmes abriu os olhos.

— Quem é você?

David ficou aturdido.

— Como?

O Sr. Holmes levantou-se, olhou ao redor.

— Esta é a casa de Stone?

— É sim.

— Onde está o outro sujeito?

A perplexidade de David era cada vez maior.

— Que outro sujeito?

— O sobrinho. O que me trouxe até aqui.

— Não estou entendendo.

— Falei com o sobrinho e disse a ele que tinha dez milhões de dólares para Samuel. Éramos sócios num campo petrolífero.

David compreendeu tudo.

— Recuperou a memória!

— Mas do que está falando? — indagou o Sr. Holmes. — Nunca perdi a memória.

— Disse ao sobrinho onde fica o campo petrolífero?

— Não. É nos arredores de Enid, Oklahoma.

— E vale dez milhões de dólares?

— Vinte milhões. Dez para mim, dez para Stone. Mas agora que Samuel está morto, acho que pertence aos herdeiros.

— Tem toda razão — confirmou David, feliz. — Vamos entrar.

Na biblioteca, o grupo ficou chocado quando David entrou com o estranho.

— O que o Sr. Jones está fazendo aqui? — indagou a viúva.

— Pensei que o tivesse levado embora.

— Ele não se chama Sr. Jones — explicou David. — É o Sr. Holmes. Conte tudo a eles, Sr. Holmes.

O Sr. Holmes contou.

Todos ficaram na maior satisfação ao saberem do dinheiro.

Menos o sobrinho. Quisera ficar com tudo só para si. Se o sobrinho fosse mais gentil e acompanhasse o Sr. Holmes na saída da casa, seria o único a saber da localização do tesouro.

Quando souberam do truque sujo do sobrinho, o advogado advertiu:

— Nunca mais faça isso. Devemos todos assistir às fitas juntos. Lembre-se disso no futuro. E quero que todos prometam.

— Eu prometo — murmurou o sobrinho.

— Eu prometo — disse a viúva.

— Eu prometo — murmurou o advogado.

Mas todos falaram com os dedos cruzados.

Capítulo Oito

Samuel Stone tinha um cachorro que era do tamanho de um pônei. Era um dinamarquês, enorme e feio, e todos o chamavam de — Estúpido. Era um cachorro amigável, vivia abanando o rabo, e tentava lamber todo mundo no rosto. Mas as pessoas não gostavam dele.

Sempre que Estúpido se aproximava, o sobrinho o chutava, o advogado o empurrava para longe e a viúva berrava. Ele comia demais, era um incômodo para todos. A viúva disse ao advogado:

— Sabe quanto custa alimentar esse cachorro? Ele come mais do que todos nós juntos. Gostaria de me livrar dele.

— Samuel o adorava — lembrou o sobrinho.

— Samuel morreu — respondeu a viúva. — estúpido me pertence agora. Posso fazer o que quiser com ele.

— E o que pretende fazer? perguntou David.

— Vou vendê-lo. Ele tem bom *pedigree* e provavelmente vale muito dinheiro.

— Se quer minha opinião — disse David —, acho que está cometendo um erro. O animal pertence a esta casa. É o seu lar.

— Não é mais — declarou a viúva, decidida.

Naquela mesma tarde, a viúva levou Estúpido a uma loja de animais domésticos.

— O que deseja? perguntou o dono.

— Eu gostaria de vender este cachorro.

A viúva não queria contar que Estúpido causava muitos problemas, receando que assim o homem se recusaria a comprá-lo. Por isso, inventou uma mentira.

— Vou me mudar para uma casa menor e infelizmente não teremos o espaço necessário para ele.

— É uma pena — comentou o dono da loja. — Trata-se de um belo animal.

A viúva mostrou-lhe o *pedigree* e disse:

— Ele é muito valioso. Detesto ter de me separar, porque o amo demais.

— Posso compreender.

— Quanto me dá por ele?

— Mil dólares.

A viúva sentiu-se bastante satisfeita.

— Está ótimo. — Ela pegou o dinheiro e acrescentou: Adeus, Estúpido.

O homem fitou-a, surpreso.

— Estúpido?

— É um nome carinhoso que demos a ele.

A viúva voltou para casa, feliz com a transação. Não apenas se livrara do animal, mas ainda ganhara mil dólares.

David continuou com o forte pressentimento de que a viúva cometera um erro. Sentia que Samuel não teria gostado da venda do cachorro. *Mas talvez seja melhor para Estúpido viver em outro lugar*, pensou David. *Ninguém aqui o tratava bem.*

Na manhã de segunda-feira, o grupo voltou a se reunir na biblioteca, a fim de ouvir Samuel, na fita de vídeo, dar as pistas para o próximo tesouro. Todos estavam muito excitados e se perguntavam qual seria o tesouro desta vez.

Como sempre, o mordomo entrou na sala para inserir a fita e ligar a televisão. Olhou para o grupo e perguntou:

— Estão prontos?

Todos responderam em coro:

— Estamos!

O aparelho foi ligado, e o rosto de Samuel Stone surgiu na tela.

— Muito bem, aqui estamos de novo. Sei que estão contestes por me verem. — Ninguém se sentia contente por vê-lo, exceto David. — Tenho um mistério que é um osso duro de roer. Estão procurando por uma coisa grande, muito velha, e não muito inteligente, sem uma perna em que se apoiar. Estão acompanhando? Tigre pode ajudá-los.

A tela ficou escura. Todos se entreolharam, aturdidos.

— Ele chama isso de uma pista? — gritou a viúva. — Como vamos descobrir onde está o tesouro por aí?

— Quem não tem uma perna em que se apoiar? — indagou o advogado.

— E quem é Tigre? — especulou o sobrinho.

David era o único que não se mostrava irritado. Pensava no que Samuel Stone dissera.

— Uma coisa grande, muito velha... — murmurou ele e de repente se lembrou de algo. — Samuel não era um dos curadores do Museu de História Natural, que fica no centro da cidade?

— Era, sim — confirmou o advogado. — Ele tinha um grande interesse pelo assunto. Era fascinado por dinossauros.

— Então é isso! — exclamou o sobrinho, excitado. — Os dinossauros eram grandes e velhos, e não muito inteligentes.

— Ei, espere um pouco! — disse a viúva. — Está sugerindo que devemos procurar por um dinossauro? Eram tão grandes quanto um edifício. Não se poderia esconder um dinossauro em parte alguma.

Há mais uma coisa — interveio David. — Parte da pista é —um mistério que é um osso duro de roer. Talvez seja um osso de dinossauro.

— Acho que é isso mesmo — concordou o advogado. — Por que não vamos ao museu e conversamos com o diretor?

Todos entraram em seus respectivos carros e seguiram para o Museu de História Natural, em disparada, cada um querendo chegar antes dos outros.

O diretor do museu se surpreendeu ao vê-los entrar correndo, ao mesmo tempo.

— Somos a família de Samuel Stone — explicou a viúva. — Samuel adorava dinossauros, não é mesmo?

— É verdade. Este aqui há poucas semanas e aconteceu uma coisa lamentável na ocasião.

— O que foi? — perguntou o sobrinho.

— Venham comigo.

Seguiram o diretor até a sala de exposição principal. Ali, bem no meio, havia o esqueleto de um enorme dinossauro. O diretor se adiantou e apontou.

— Estão vendo aqui? O osso da canela desapareceu. O Sr. Stone pediu permissão para levá-lo, pois ia escrever um ensaio a respeito para uma revista científica. Pois o osso desapareceu depois que ele o levou para casa.

O grupo se entreolhou.

— O que significa *desapareceu*? — indagou o advogado.

— O Sr. Stone me telefonou para dizer que não conseguia encontrá-lo. Achava que seu cachorro pegara o osso e enterrara em algum lugar do jardim.

— Então está no jardim! — Exclamou a viúva. — Quanto vale esse osso, se o encontrarmos e trouxermos de volta?

— A exposição é incompleta sem isso. O museu estaria disposto a pagar cinco milhões de dólares pela devolução.

Cinco milhões de dólares.

— Muito obrigado — murmurou o sobrinho.

O grupo se retirou, apressado. Lá fora, a viúva declarou:

— Duvido muito que esse osso esteja enterrado no quintal dos fundos.

— Concordo — disse o sobrinho.

— Também acho que o osso não está lá — acrescentou o advogado.

David não falou nada.

Havia uma loja de ferragens a dois quarteirões da casa.

Meia hora depois, a viúva, o sobrinho, o advogado e David se encontraram nessa loja. Todos tinham ido comprar pás.

— Quem encontrar o osso primeiro, fica com ele — propôs o sobrinho.

Ele tinha certeza de que o encontraria antes dos outros.

— Combinado — respondeu o advogado. — Será tudo de quem o achar.

Todos voltaram correndo para casa, com suas pás, e começaram a cavar. O mordomo olhou pela janela e não pode acreditar no que via. Ali estavam os herdeiros de Samuel Stone,

escavando o quintal dos fundos. Era uma estranha cena.

O terreno era tão grande que, quatro horas depois, embora tivessem trabalhado com o maior afinco, apenas uma pequena parte fora escavada.

— Nunca conseguiremos encontrar — disse o sobrinho. — Pode estar em qualquer lugar.

Todos entraram na casa.

— O que vamos fazer agora? — indagou a viúva.

— Uma das pistas foi —um tigre pode ajuda-los — lembrou David. — O que isso significa?

O mordomo entrou na sala.

— Com licença, Sra. Stone, mas parece que Tigre desapareceu.

Todos se viraram para ele, aturdidos.

— O quê? Quem é Tigre?

— O cachorro do Sr. Stone.



— Está se referindo a Estúpido? — perguntou o sobrinho.

O mordomo respondeu friamente:

— Sei que o chamavam de Estúpido, mas o Sr. Stone só o chamava de Tigre.

Todos trocaram olhares, espantado. O advogado foi o primeiro a falar:

— Foi Tigre que enterrou o osso! Ele sabe onde está!

— Precisamos trazê-lo de volta — declarou o sobrinho.

Todos se viraram para a viúva, com olhares acusadores.

— Você o vendeu.

— Como eu podia saber que era a chave para um tesouro?

— Está tudo resolvido — garantiu o advogado, na maior felicidade. — Tudo o que temos de fazer agora é trazer estúpido de volta... isto é, Tigre, e deixa-lo desenterrar o osso de dinossauro. — Ele esfregou as mãos em satisfação. — Cinco milhões de dólares! Dividiremos o dinheiro.

— Vamos logo embora — disse o advogado.

Entraram em seus carros e seguiram a viúva até a loja de animais domésticos em que ela vendera Tigre.

— Boa tarde — disse o dono da loja.

— Boa tarde — respondeu a viúva. — Estou me sentindo muito infeliz. Depois que vendi Estú... Tigre, compreendi o quanto o amo. Tenho tanta saudade que decidi comprá-lo de volta. — Ela tirou os mil dólares da bolsa. — Aqui está seu dinheiro.

— Lamento muito, mas não poderá comprá-lo de volta.

— Como assim?

— Vendi o cachorro há cerca de uma hora.

— *Vendeu?* Mas não pode fazer isso!

— Já fiz.

— Quem o comprou? — perguntou o sobrinho.

— A Sra. Smith.

— Tenho de recuperar meu pobre cachorro. Qual é o endereço da Sra. Smith?

O dono da loja forneceu o endereço à viúva. Um minuto depois, eles partiram para falar com a Sra. Smith.

A viúva e os outros correram até a casa da Sra. Smith. Ela abriu a porta.

— Onde está Tigre? — indagou a viúva.

— Quem é Tigre?

— Meu cachorro. Acaba de comprá-lo.

— Não está mais comigo.

— Como assim?

— Dei à minha neta. É seu aniversário.

— Tenho de recuperar Tigre — insistiu a viúva. — Não imaginava o quanto o amava. Não suporto ficar sem ele.

— Lamento muito, mas é tarde demais — disse a Sra. Smith.

— Já dei o cachorro.

— Posso falar com sua neta?

— Se você quiser...

Ela forneceu à viúva o endereço da neta e todos seguiram para lá. Ao chegarem, depararam com uma menina de dez anos brincando com Tigre, na maior felicidade. Ficaram emocionados ao verem o cachorro, porque ele era a chave para o tesouro.

— Olá, Tigre — disse a viúva.

O cachorro latiu para ela.

— Bom cão, Tigre — disse o sobrinho.

O cachorro rosnou para ele.

— Gosto de você, Tigre — disse o advogado.

O cachorro tentou mordê-lo.

David foi o único que Tigre permitiu que o afagasse. A mãe da menina apareceu nesse instante e perguntou:

— Quem são vocês?

— Este é o meu cachorro — explicou a viúva. Quero-o de volta.

— Não é mais seu cachorro. Foi um presente de aniversário para minha filha.

— Pagaremos por ele — insistiu a viúva.

— Não quero seu dinheiro.

— Não está entendendo. Tigre e eu somos muito ligados.

A viúva entendeu a mão para afagar o cachorro, que quase a mordeu. Ela retirou a mão bruscamente.

— Ele não parece gostar muito de você — comentou a mulher.

— É apenas uma brincadeira que costumamos fazer — mentiu a viúva. — Ele finge tentar

me morder.

— Sinto muito, mas não posso deixar que levem o cachorro.

O grupo ficou desesperado. Se Tigre não pudesse encontrar o tesouro enterrado para eles, não teriam a menor possibilidade de descobri-lo.

— Está bem — disse o advogado. — Nos compreendemos.

Espero que ele seja feliz aqui.

— Ele será — garantiu a mulher.

O grupo se retirou. Naquela noite, enquanto a mulher e a filha dormiam, a viúva, o sobrinho e o advogado voltaram a casa, foram em silêncio até a casinha de cachorro nos fundos, onde Tigre ficava. O cachorro estava preso por uma corrente, mas eles a cortaram e arrastaram-no para o carro. Meia hora depois, tinham-no de volta na mansão de Samuel Stone.

Levaram Tigre para o quintal dos fundos, onde haviam escavado.

— Pronto, menino — disse o sobrinho. — Vá pegar o osso.

Tigre olhou para ele e permaneceu imóvel. A viúva exortou:

— Pegue o osso, Tigre. Encontre o osso bonito.

Tigre levantou as orelhas, parecia entender. Correu para o fundo do jardim. E começou a cavar com as patas.

— Ele obedeceu! — exclamou o advogado.

Um minuto depois, Tigre desenterrou um osso. Só que era um osso de boi comum.

— Não é esse, seu cachorro idiota! — disse a viúva, desapontada. — Onde está o osso grande que você enterrou?

O cachorro olhou para ela por um momento e depois deitou na grama.

— Tigre! — gritou a viúva.

Ele não se mexeu.

— Se o deixarmos sozinho, talvez ele desenterre o osso por sua própria iniciativa — sugeriu o advogado.

— Boa ideia — respondeu o sobrinho.

Os três entraram na casa, ficaram observando Tigre pela janela. O cachorro continuou deitado no mesmo lugar, dormindo.

— Não adianta — disse a viúva. — O terreno é tão grande que poderíamos escavar durante um ano sem encontrar nada.

Acho que estamos sem sorte.

O sobrinho comentou:

— É uma pena. Eu pretendia comprar dois Rolls Royces e um pequeno barco com a minha parte do dinheiro.

— O que me incomoda é que tenho a impressão de que o cachorro sabe exatamente o que queremos, e está fazendo isso conosco de propósito — acrescentou a viúva.

— Talvez ele os ajudasse se todos vocês o tratassem melhor — disse David.

Continuaram a olhar pela janela até anoitecer, e Tigre continuou sem fazer qualquer movimento para desenterrar o osso de dinossauro. Todos jantaram, e finalmente chegou o momento de irem para a cama.

— Esta é a primeira vez que não conseguimos encontrar um tesouro — ressaltou o sobrinho. — E isso me deixa angustiado.

Foram para seus respectivos quartos e sonharam que eram atacados por imensos dinossauros.

David sonha que um dinossauro avançava em sua direção, cada vez mais próximo. Podia sentir o bafo quente em seu rosto. E acordou. Tigre estava na cama, ao seu lado, e tinha na boca o osso do dinossauro. David sentou, completamente desperto agora.

— Tigre, seu pequeno patife! — Ele abraçou o enorme cachorro. — Obrigado por me trazer o osso.

Tigre abanou o rabo.

Na manhã seguinte, quando o grupo se reuniu para o desjejum, David apareceu com o osso do dinossauro. A viúva foi a primeira a notar.

— Você conseguiu! — exclamou ela. — Como o encontrou?

O advogado insinuou, num tom de acusação:

— Saiu de madrugada para escavar e não nos disse nada!

— Não fiz nada disso — respondeu David. — Tigre encontrou o osso e o levou para mim.

— Então vamos dividir o dinheiro — propôs o sobrinho. — Pertence a todos nós.

David balançou a cabeça.

— Não. Pertence ao museu.

— Mas o diretor disse que pagaria cinco milhões de dólares por esse osso!

— Não é justo — insistiu David. — Ele nos contou que

Samuel o levou emprestado. Deveria ter devolvido. O museu não pode ser obrigado a pagar para recuperá-lo.

A viúva ficou horrorizada.

— Está querendo dizer que vai *dar* de volta?

— É exatamente o que tenciono fazer. As crianças visitam um museu para ver como um dinossauro parecia. Acho que devem ser capazes de ver um dinossauro completo.

— Essa é a coisa mais repulsiva de que já ouvi falar! — protestou o sobrinho. — Você está mais interessado em crianças do que no dinheiro!

— Tem razão, estou mesmo.

Não havia nada que eles pudessem fazer para dissuadi-lo.

— E mais uma coisa — acrescentou David. — esta é a casa de Tigre. Ele fica aqui. Não quero que tornem a vendê-lo.

Naquela tarde, David foi ao Museu de História Natural, levando o osso do dinossauro. O diretor se emocionou ao vê-lo.

— Você o trouxe de volta! — exclamou ele. — Isso é maravilhoso! As crianças ficarão felizes!

Ele foi repor o osso no lugar certo do esqueleto do dinossauro.

— Pronto, assim está muito melhor. — Ele virou-se para David. — Como devo fazer o cheque?

David balançou a cabeça.

— Não precisa fazer nenhum cheque. O osso pertence ao museu. Estou apenas devolvendo.

— É muita generosidade de sua parte — disse o diretor. — Mas eu gostaria de fazer alguma coisa por você. Posso doar um dinheiro para a sua instituição de caridade predileta?

David sorriu.

— Eu ficaria muito satisfeito. Faça o cheque em nome da Fundação Samuel Stone.

— Com todo prazer, e quero que saiba que sou profundamente grato.

A viúva estava furiosa. Achava que fora ludibriada e que David tirara um dinheiro que lhe pertencia. Se ao menos David não fosse um pessoa tão decente... Ela chamou os outros para uma reunião e disse:

— Na segunda-feira, Samuel vai nos dar as pistas para o próximo tesouro. Certo? — O sobrinho e o advogado acenaram com a cabeça em concordância. — Pois tenho uma ideia. Por que não fazemos alguma coisa para que David não possa estar presente? Assim, teremos a certeza de que o dinheiro será só para nós. Afinal, ele sempre dá o dinheiro aos pobres.

— Uma ideia brilhante! — exclamou o advogado. — Vamos pensar em algum plano para afastá-lo.

Quando David voltou, todos tinham caras inocentes. Não podia imaginar que conspiravam contra ele. Na manhã seguinte, a viúva voltou à loja de animais domésticos com Tigre e tornou a vendê-lo. Usou os mil dólares que recebeu para comprar um vestido novo.

Capítulo Nove

Vocês se lembram que no capítulo anterior o grupo decidiu que encontraria um jeito de afastar David e ouvira a nova gravação sem a sua presença? Acreditam realmente que os três seriam capazes de fazer uma coisa tão desonesta? Podem apostar que sim! Estavam ansiosos em se livrarem de David e assim, na manhã da segunda-feira seguinte, pouco antes de ser exibida a fita em que Samuel Stone apresentaria as pistas para o tesouro seguinte, quando David desceu para o desjejum, o sobrinho lhe disse:

— Telefonaram do seu escritório, David. Querem que você vá até lá imediatamente.

— Disseram que deveria se apressar — acrescentou o advogado.

— Parece que é uma emergência — sugeriu a viúva.

David ficou perplexo.

— Informaram qual era o problema?

— Não disseram apenas que era importante que você aparecesse lá o mais depressa possível.

David hesitou. Sabia que estava quase na hora de Samuel Stone aparecer na televisão, mas, como era um homem de bons princípios, concluiu que era mais importante ajudar alguém em

dificuldades.

— Está certo — disse ele. — Irei agora mesmo.

Os outros deixaram escapar um suspiro de alívio. O plano dera certo. Havia conseguido se livrar de David. Agora, poderiam solucionar o enigma e ficar com todo o dinheiro.

Esperaram até ouvirem o carro de David se afastar, depois chamaram o mordomo.

Estamos prontos — anunciou o sobrinho. — Ponha a fita.

O mordomo olhou ao redor.

— Onde está o Sr. David?

— Ele teve de sair. Não se preocupe com isso. Apenas ponha a fita para rodar.

— E depressa! gritou a viúva.

Ela mal podia esperar para se apossar do próximo tesouro.

Mas o mordomo sacudiu a cabeça.

— Sinto muito. Recebi instruções para só mostrar a fita se todos estiverem presentes.

— *O quê?* — O advogado estava indignado. — Isso é um absurdo! Quem lhe deu essas instruções?

— Samuel Stone.

— Mas ele já morreu. Estou ordenando que mostre a fita agora.

O mordomo se manteve obstinado.

— Lamento, senhor, mas não posso fazer isso.

E não houve nada que eles dissessem que o levasse a mudar de ideia. O tiro saía pela culatra. Não tinham opção, a não ser esperar pela volta de David. Ao chegar, ele disse:

— Deve ter havido algum engano. Fui ao escritório, mas não havia ninguém ali.

— Provavelmente foi uma brincadeira de mau gosto — sugeriu o sobrinho.

A viúva balançou a cabeça.

Algumas pessoas fazem brincadeiras abomináveis.

O sobrinho virou-se para o mordomo e disse, impaciente:

— Vamos assistir à fita agora.

— Pois não senhor.

O mordomo inseriu a fita, ligou a televisão. Samuel Stone surgiu na tela no instante seguinte. Franziu o rosto. Correu os olhos pela sala, fitando um a um.

— Presumo que estão todos aqui — disse ele. — Devo admitir que me sinto doente em pensar que estou dando todo o meu dinheiro a vocês, sanguessugas. Nenhum de vocês jamais teve um dia de trabalho honesto em toda a sua vida.

Os olhos se deslocaram para a cadeira de David, e a voz acrescentou:

— Exceto você, David, e é tão estúpido que daria todo o meu dinheiro aos pobres. Um desperdício.

— Não é um desperdício — protestou David.

O rosto de Samuel Stone assumiu uma expressão furiosa.

— É, sim! Bom, suponho que a única maneira de lhes fornecer essa pista é contar uma coisa que nunca antes revelei a ninguém. Estive apaixonado uma vez. — Ele olhou para a viúva.

— Não comece a se animar, porque não foi por você.

Os olhos se desviaram para a criada, de pé no fundo da sala. Ele sorriu.

— E também não foi por você. essa é outra história. Seja como for, essa jovem e eu íamos casar. Comprei um colar muito caro e dei a ela. E no dia seguinte descobri que ela me enganava com outro homem. Ela era um animal. Rompi o noivado, tirei-lhe o colar e dei a outro animal... de quatro patas! Se pensarem direito na ursada que fizeram comigo, vão descobrir o colar, e será de vocês.

A televisão ficou escura. Os quatro se entreolharam, incrédulos.

— Mas é só isso? — gritou a viúva. — Ele teve algum romance idiota, deu o colar, e agora devemos descobrir onde está?

— Que tipo de pista é essa? — bradou o sobrinho.

— Não temos nada em que nos basear! — protestou o advogado.

David estava pensativo.

— Temos, sim — anunciou ele.

Todos se viraram em sua direção, porque era o mais inteligente do grupo.

— O quê?

— Há duas pistas — explicou David. — Ele disse que deu a um animal de quatro patas, e que deveríamos pensar na *ursada* que lhe fizeram.

— Um urso! — exclamou o sobrinho. — Ele deu o colar a um urso. Mas isso não faz sentido. Não há ursos por aqui.

— Ei, esperem um pouco! — interveio o advogado, muito excitado. — Não há um circo na cidade?

— Há, sim, senhor — confirmou o mordomo. — Começou a funcionar há duas semanas.

— Quando o Sr. Stone ainda estava vivo — lembrou o advogado.

— Isso mesmo — disse o sobrinho. — Seria típico de tio Samuel deixar o tesouro onde poderíamos ser mortos ao tentar pegá-lo.

— Tem razão, é de fato uma coisa que ele faria com o maior prazer — concordou a viúva.

O advogado correu os olhos pelo grupo.

— Só há uma maneira de descobrirmos se estamos certos.

Naquela noite, o advogado, a viúva, o sobrinho e David foram ao circo e assistiram ao espetáculo. Era espetacular.

Havia palhaços e acrobatas, gente andando na corda bamba, mágicos e também o mais sensacional, animais selvagens. Um treinador de animais apresentou um número variado com leões, tigres e leopardos. Um momento depois, como David previra, apareceu um homem com um urso domado... e usava um traje estilizado, tinha um colar no pescoço. O grupo ficou no maior entusiasmo.

— Eu descobri! — exclamou a viúva.

— Não — protestou o advogado. — Foi eu quem descobriu!

— Se não fosse por mim — declarou o sobrinho —, nem estaríamos aqui agora!

Ninguém estava disposto a conceder qualquer crédito a David.

— Mas como vamos pegar o colar? — indagou a viúva.

O sobrinho suspirou.

— Receio que não haja a menor possibilidade.

— Tem razão — concordou o advogado. — É melhor esquecermos.

— É uma pena — acrescentou a viúva —, mas nunca conseguiríamos chegar perto daquele urso.

David fitou-os, e teve certeza de que todos mentiam.

Nenhum deles queria renunciar ao tesouro.

No início do dia seguinte, quando desceu para o desjejum, David descobriu que os outros haviam saído. Ele sorriu para si mesmo, porque sabia exatamente onde se encontravam.

Terminou o desjejum, pegou seu carro e foi até o circo.

A viúva esta conversando com o diretor do circo.

— Você é muito bonita — disse ele. — E já trabalhou no trapézio antes?

— Isso mesmo. Desde que era pequena.

— Muito bem, está contratada.

A viúva ficou radiante.

— Obrigada!

Agora que fazia parte do circo, poderia se aproximar do urso e pegar o colar. O próximo a falar com o diretor foi o sobrinho.

— Sempre quis ser um palhaço.

— E estamos mesmo precisando de um palhação — disse o direto. — Muito bem, está contratado.

Maravilhoso!, pensou o sobrinho. *Agora posso pegar o colar.*

O advogado entrou em seguida no escritório do diretor.

— Sou um malabarista — anunciou ele.

— Sempre podemos aproveitar um bom número de malabarismo.

Ao chegar ao circo, David procurou o diretor e perguntou:

— Contratou alguém esta manhã?

— Contratei, sim — respondeu o diretor. — Três pessoas muito boas. Uma trapezista, um palhaço e um malabarista.

David, é claro, sabia quem eram os três.

— Eu gostaria de trabalhar aqui como um cordoeiro.

Era o homem que cuidava das cordas que sustentavam a lona e todos os equipamentos.

— Está contratado.

E, assim, todos os quatro agora trabalhavam no circo, ansiosos em se apoderarem do colar

do urso. Só que as coisas não correram como haviam planejado.

A viúva se esgueirava para as jaulas dos animais quando o diretor a viu e comunicou:

— Vai haver um ensaio de trapézio agora.

Ela fitou-o aturdida.

— Como?

— Vá para o picadeiro principal. Estão à sua espera. Você vai ensaiar para o novo número de trapézio.

A viúva entrou em pânico.

— Não posso fazer isso... eu...

— Não quer fazer o número?

A viúva nunca estivera num trapézio em toda a sua vida, mas se fosse despedida não poderia chegar perto do urso. Ela sorriu e respondeu:

— Está certo. Farei o número.

Dois minutos depois, ela estava parada no centro do picadeiro, e um homem vestido de malha lhe dizia:

— Vamos ensaiar nosso novo desafio à morte, o triplo salto-mortal. Não há nada igual.

A viúva fitou-o espantada.

— Desafio à morte, triplo salto-mortal?

— Isso mesmo.

O homem pôs uma corda em suas mãos e ela se descobriu sendo içada pelo ar.

— Ei, espere um pouco! — gritou a viúva.

Mas já era tarde demais. Ela foi suspensa até uma barra muito acima do chão. Havia dois homens ali. Um deles segurava um trapézio, e disse a viúva:

— Aqui está seu trapézio. Balance bem, dê um triplo salto-mortal, e seu parceiro no outro trapézio vai pegá-la.

A viúva olhou para o chão distante e pensou: Vou morrer! E foi nesse instante que uma voz gritou pelo alto-falante:

— Intervalo para o almoço!

— Mas que droga! — exclamou o homem. — Esses sindicatos vão acabar com a gente. Como podemos ensaiar direito se a todo instante temos de fazer intervalos para o café ou almoço?

Momentos depois, a viúva descobriu-se sendo baixada para o chão. Seguiu direto para as jaulas dos animais.

O sobrinho vestira um traje de palhaço e ensaiava com os outros palhaços.

— Temos um número muito engraçado — disse um dos palhaços. — Aqui está o que vamos fazer.

Ele abriu a água de uma mangueira, o jato acertou o sobrinho no rosto, derrubando-o no chão. Os outros palhaços bateram nele com bastões de beisebol de borracha.

— O público adora esse número — dissertam eles ao sobrinho.

Continuaram a bater e o sobrinho pensou: *Tudo bem. Valerá a pena quando em me apossar do colar.*

Enquanto isso, o advogado receber alguns bastões para ensaiar seu número de malabarismo. Jogou-os para o ar. O único problema é que, ao caírem, ele não conseguiu pegá-los e bateram na sua cabeça. O diretor estava observando, e comentou:

— Isso foi engraçado. Inclua no seu número.

Depois do almoço, David, a viúva, o advogado e o sobrinho esgueiraram-se até a jaula do urso. Era um urso preto e enorme.

Parecia muito perigoso, mas era manso. Usava uma roupa com um chapéu engraçado e dava para ver o colar brilhante em seu pescoço. O grupo ficou parado fora da jaula, com medo de entrar. Foi o advogado quem falou primeiro:

— Um de nós tem de entrar, ou nunca teremos o colar.

— Então por que você não entra? — perguntou o sobrinho.

E começaram a discutir. Depois de um momento, David propôs:

— Vamos tirar a sorte para decidir quem entra.

Havia quatro palitos, e um deles era mais curto do que os outros. O que tirasse o mais curto é que teria de entrar. A viúva tirou-o.

— Por que logo eu? — gritou ela. — Vamos fazer de novo.

— Nada disso — protestou o sobrinho. — Você perdeu.

Entre logo e peque o colar.

Ela suspirou.

— Está bem. Mas se esse urso me matar, vou processar vocês todos!

Os três ficaram observando, enquanto ela abria a porta da jaula e entrava. O urso estava deitado no chão, sem se mexer.

— Urso bom — murmurou a viúva. — Isso é que é um amigo urso...

Ela foi avançando lentamente.

— Amigo urso. Não vai querer me machucar, não é? — O urso a fitava. — É isso aí, você gosta de mim, não é?

O urso ainda permanecia imóvel. A viúva tomou coragem, estendeu a mão e afagou-o. O urso quase pareceu sorrir para ela.

— É um bom urso...



A viúva soltou o fecho do colar e gritou:

— Peguei!

O urso começou a se levantar. A viúva saiu correndo da jaula, trancou a porta. Levantou o colar.

— Consegui!

Ela se pôs a examiná-lo e empalideceu no mesmo instante.

— Qual é o problema? — perguntou David.

— É falso! — exclamou a viúva. — Olhem só! Não são diamantes, mas contas de vidros!

Todos examinaram o colar e tiveram de concordar com ela.

O colar não valia nada.

— Aquele velho safado! — gritou a viúva. — Ele nos enganou! — Ela virou-se para David e acrescentou: — E a culpa é toda sua! Foi você, quem disse que o colar de diamantes estava no urso!

— Ei, esperem um pouco! — interveio o advogado. — David podia estar certo. Samuel Stone disse que deu o colar a um animal de quatro patas. Talvez a referência ao urso fosse apenas para nos despistar. é possível que o colar esteja com um dos outros animais do circo.

Todo ficaram muito excitados.

— Vamos nos dividir e procurar nas jaulas de todos os animais — sugeriu o advogado. — Quem encontrar o colar, terá de dividir o dinheiro com os outros.

— Combinado — disse o sobrinho.

O urso era manso, mas os outros animais eram selvagens...

e como! O sobrinho enfiou o braço na jaula do leão, e quase foi mordido. O advogado abriu a porta da jaula do tigre, e o tigre fugiu, mas não tinha o colar. David foi verificar entre os leopardos, mas o colar não estava ali.

Ao final, concluíram que haviam enfrentado muito sofrimento por nada. Samuel Stone os enganara.

Naquela tarde, sentaram todos na biblioteca, com expressões sombrias.

— Não há a menor possibilidade — disse a viúva. — Nunca encontraremos o colar.

Ela pensou nas palavras de Samuel Stone: *Comprei um colar muito caro.*

David pensou bastante e comentou:

— Perdemos uma pista em algum lugar. Ele disse que deu o colar a um animal de quatro patas e usou a palavra —ursada.

— Já analisamos tudo isso — declarou o sobrinho, ríspido.

— Eu desisto.

Mas David continuou:

— Onde mais se pode encontrar um urso?

— Na Floresta — respondeu o advogado.

— No Alasca — acrescentou a viúva.

David sacudiu a cabeça.

— Isso não nos ajudaria em nada. — Ele teve uma súbita ideia. — Que tal um jardim zoológico?

— Em que isso pode ajudar? — perguntou a viúva.

David virou-se para o advogado.

— Samuel Stone tinha alguma ligação com o jardim zoológico?

— Já que falou nisso, lembro que ele pertencia ao conselho de administração do zoológico local!

A sala se torou subitamente impregnada de eletricidade.

— É isso! — exclamou a viúva. — É o urso do zoológico!

Todos se levantaram.

— Vamos embora!

Meia hora depois, eles caminhavam apressados pelo jardim zoológico, olhando para as jaulas dos diversos animais. Havia elefantes, girafas, macacos, hipopótamos, leões, tigres e, na última jaula... um urso! O urso tinha um lindo colar no pescoço.

Todos se adiantaram para ver melhor.

— É verdadeiro! — sussurrou a viúva. — Deve valer uma fortuna!

— Mas como vamos entrar para pegá-lo? — indagou o sobrinho.

Foram para o gabinete do diretor do zoológico.

— Quero comprar o urso — anunciou o advogado.

A viúva virou-se para ele.

— Nada disso! Eu é que vou comprar!

— De jeito nenhum! — gritou o sobrinho. — O urso tem de ser meu!

— Não sei do que estão falando — disse o diretor. — O urso não está à venda.

— Tudo está à venda — garantiu o advogado, pois é assim que os advogados pensam. — Ofereço cinquenta mil dólares por ele.

O sobrinho apressou-se em berrar:

— E eu ofereço cem mil dólares!

A viúva lançou um olhar furioso para os dois.

— Duzentos mil dólares!

O diretor assistia à cena na maior confusão, enquanto os lances subiam.

— Dou trezentos mil dólares – disse David.

— Quatrocentos mil! — gritou a viúva.

— Quero aquele urso de qualquer maneira! — insistiu o advogado. — Quinhentos mil dólares!

— Seiscentos mil!

— Setecentos mil!

— Oitocentos mil!

Todos gritavam suas cifras. O advogado disse:

— Novecentos mil!

A viúva se levantou e declarou:

— Um milhão de dólares.

Houve um súbito silêncio. Todos a fitavam, atônitos. O diretor perguntou, a voz pausada:

— Está disposta a pagar um milhão de dólares por aquele urso?

— Isso mesmo — confirmou a viúva. — Terá o dinheiro amanhã.

Ela sabia que só precisava levar o colar a um joalheiro,

receber os quinze ou vinte milhões de dólares que valia, pagar um milhão ao diretor e ficar com o resto.

O diretor levantou-se. Apertou a mão da viúva, dizendo:

— Negócio fechado. O urso é seu.

A viúva olhou para os outros. Fora mais esperta do que eles. O diretor acompanhou-a até a jaula do urso.

— Onde quer que o urso seja entregue? — perguntou ele.

— Pode ficar com o urso — respondeu a viúva. — Só quero aquele colarzinho em seu

pescoço.

O diretor fitou-a, perplexo.

Isso é tudo o que quer?

— É sim.

Poucos minutos depois, treinador do urso tirou o colar e entregou-o à viúva. Ela examinou-o de perto e compreendeu no mesmo instante que os diamantes eram verdadeiros. *Estou rica*, pensou. *Vou comprar o mundo*.

Naquela tarde, a viúva foi à joalheria mais exclusiva da cidade, levando colar. Um funcionário se adiantou assim que entrou na loja.

— Em que posso servi-la, madame?

— Gostaria de falar com o gerente, por favor.

— Pois não, madame.

O gerente apareceu em seguida.

— Boa tarde, madame. Desejava me falar?

— Isso mesmo. Tenho um colar que gostaria de vender.

— Vamos para a minha sala, por favor. — Ele levou-a para uma sala grande e bem-decorada. — Trouxe o colar?

— Está aqui.

A viúva abriu a bolsa, tirou o colar. O gerente pegou-o, começou a examinar.

— É um lindo colar.

A viúva sorriu.

— Sei disso.

Quanto ele ia oferecer? Dez milhões de dólares? Quinze milhões? Vinte milhões? Ele pegou uma lupa, estudou o colar de uma forma meticulosa.

— As pedras são lindas.

A viúva ficou radiante.

— Os engastes são perfeitos.

A viúva ficou ainda mais radiante.

— É sem dúvida um colar extraordinário.

A viúva estava na maior felicidade.

— Então, quer compra-lo?

— Claro que quero.

Ela relaxou. Finalmente encontrara sua fortuna.

— Ofereço um milhão de dólares.

— Como?

O homem fitou-a.

— Vale um milhão de dólares.

— Não pode ser! — exclamou a viúva. — Tem de valer muito mais!

— Sinto muito, mas é isso o que vale.

A viúva sentiu um aperto no coração. Comprara um urso por um milhado de dólares e isso era tudo o que o colar valia.

Tivera os maiores problemas por nada.

— Deseja ou não vender o colar? — pergunta o gerente.

Ela não tinha opção. Precisava pagar pelo estúpido urso.

— Está bem. Aceito a oferta.

Na manhã seguinte, ela voltou ao zoológico e entregou ao diretor um cheque de um milhão de dólares.

É muita generosidade sua — disse ele. — Tem certeza de que não levar o urso?

— O que eu faria com um urso?

Todos estavam no pátio almoçando.

— Um desperdício de tempo — comentou a viúva. — Tivemos o maior trabalho por nada.

— Não foi por nada — disse David.

— Como assim? — indagou a viúva, a voz ríspida. — Recebi um milhão de dólares pelo colar e tive de entregar tudo ao zoológico.

— É justamente esse o benefício — explicou David. — Conversei com o diretor do zoológico esta manhã. Vão usar o dinheiro para comprar mais animais, construir novas e

melhores jaulas, contratar mais zeladores. Por sua causa, será um dos melhores zoológicos do país. Deveria estar emocionada.

Todos olhavam espantados para David.

— Sabe David, há uma coisa que você não consegue entender — comentou o advogado. — é a ganância que move o mundo.

Capítulo Dez

Era a manhã de segunda-feira, o momento de Samuel Stone fazer seu aparecimento semanal na televisão, a fim de oferecer a seus herdeiros mais uma pista para sua fabulosa fortuna. A viúva, o sobrinho, o advogado e David sentavam em seus lugares designados, esperando que o espetáculo começasse. O mordomo entrou na sala com uma fita, inseriu no videocassete.

— Estão prontos? — perguntou ele.

— Estamos!

O rosto de Samuel Stone surgiu na tela.

— Aqui estamos de novo — disse ele. — Todos vocês pensaram, quando morri, que haviam se livrado de mim para sempre. Mas não é tão fácil. Eu bem que gostaria de ter podido levar minha fortuna comigo. Nenhum de vocês merece coisa alguma do meu dinheiro, mas não tenho mais ninguém a quem deixá-lo.

Ele olhou na direção da cadeira em que a viúva sentava.

— Se você encontrar meu dinheiro, vai desperdiçá-lo numa porção de roupas, e é bem provável que compre um iate.

Era exatamente o que a viúva tencionava fazer. Samuel Stone virou-se para o lugar em que o sobrinho se encontrava.

— E se bem conheço você, vai desperdiçar meu dinheiro em mulheres fáceis e carros velozes.

Era exatamente o que o sobrinho tencionava fazer. Os olhos se deslocaram para o advogado.

— Quanto a você, jamais ganhou um dólar honesto em toda a sua vida. Imagino que vai usar

o dinheiro que conseguir para construir um lindo escritório, a fim de impressionar os clientes.

Era exatamente o que o advogado tencionava fazer. Os olhos de Samuel Stone fixaram-se em David.

— E você é o pior de todos. Pelo menos os outros vão se divertir ao desperdiçarem meu dinheiro, mas o que você fará com a parte que encontrar? Vai desperdiçar com os pobres. Eles não merecem.

— Merecem, sim! — protestou David.

— Não discuta comigo — disse Samuel Stone. — Detesto gente pobre.

— Quando vamos ouvir as pistas? — Indagou o sobrinho.

— Vou dar as pistas afora. — Samuel Stone soltou uma risada.

— Esta é uma beleza. Vale no mínimo um bilhão de dólares.

Todos soltaram murmúrios de espanto.

— Ele disse um bilhão de dólares? — balbuciou a viúva.

— Você disse um bilhão de dólares? — perguntou o advogado.

— Todos me ouviram respondeu Samuel Stone.

O sobrinho disse:

— Acho que devemos...

— Cale-se! — ordenou o advogado. — Não queremos perder nenhuma palavra.

Samuel Stone já estava falando:

— Não acham que o que respiramos e bebemos poderia ser uma nova atração? Juntem tudo, e terão uma reação milagrosa.

Para resolver este enigma, vocês devem andar depressa. O mundo não pode rodar com petróleo para sempre.

E a tela de televisão ficou escura. Os quatro se entreolharam, confusos.

— Que tipo de pista é essa? — indagou a viúva.

— Ele devia estar louco comentou o sobrinho.

Todos gritavam uns para os outros. David tentou acalmá-los.

— Descobrimos o que significavam as outras pistas, vamos tentar esclarecer estas também.

O advogado declarou:

— Nem mesmo sei por onde começar.

— Pelo começo. Qual foi a primeira coisa que ele disse?

— Não acham que o que respiramos e bebemos poderia ser uma nova atração?

— O que isso significa? — perguntou a viúva.

— Ora, sabemos o que respiramos — disse David. — Respiramos ar.

— E o que bebemos? — interveio o sobrinho. — Poderia ser álcool?

David sacudiu a cabeça.

— Isso seria complicado demais, porque há muitos tipos de vinhos e outras bebidas alcoólicas. Qual é a coisa mais comum que se bebe no mundo? Água.

— Está querendo dizer que ele se referia a ar e água?

— Acho que sim. E, depois, ele disse: — Juntem tudo, e terão uma reação milagrosa.

— Que tipo de reação?

— É o que temos de descobrir — respondeu David. — Vamos passar à última parte. — Para resolver este enigma, vocês devem andar depressa. O mundo não pode rodar com petróleo para sempre.

— Não dá para entender — declarou o advogado. — O que ele tentava dizer?

David se mostrou subitamente muito excitado.

— Acho que já sei!

Todos se viraram para ele.

— E o que é?

David respondeu em voz pausada:

— Creio que ele encontrou alguma maneira de combinar ar e água como um combustível, para substituir o petróleo.

— Isso é um absurdo! — exclamou a viúva.

— É impossível! — acrescentou o sobrinho.

— Sei que parece impossível — admitiu David —, mas lembrem-se do resto: — Para resolverem este enigma, vocês devem andar depressa. Acho que essa última parte era uma

referência a automóvel, e se descobrirmos essa fórmula, valeria um bilhão de dólares.

David virou-se para o advogado e perguntou:

— O Sr. Stone solicitou recentemente o registro de alguma patente?

O advogado balançou a cabeça.

— Não, ao que eu saiba.

— Então estamos sem sorte — disse o sobrinho.

— Eu seria capaz de matar aquele homem! — lamuriou-se a viúva.

— Ele já está morto — lembrou o advogado. Seu rosto se iluminou no instante seguinte. — ei, esperem um pouco! Samuel Stone disse alguma coisa sobre a contratação de um professor para trabalhar numa invenção, mas não explicou o que era.

— Se ele contratou alguém, deve ter preenchido um cheque para lhe pagar. — David virou-se para a viúva. — Está com os canhotos dos talões de cheques do Sr. Stoen?

— Ele guardava tudo numa gaveta da escrivaninha no escritório.

Todos correram para o escritório. Havia um talão de cheques na gaveta. A viúva pegou-o, verificou os canhotos.

— Ele fez um cheque de cinquenta mil dólares para um certo professor Kevin Manning.

— Deve ser isso! — exclamou o sobrinho. — O professor Manning pode nos informar onde está a fórmula!

A viúva já procurava o nome na lista telefônica.

— Aqui está... Kevin Manning. Irei falar com ele e depois contarei tudo a vocês.

— Nada disso! — protestou o sobrinho. — Iremos todos juntos!

— Não confiam em mim? — indagou a viúva, com um ar de inocente.

— De jeito nenhum! — declarou o advogado.

Cinco minutos depois, todos estavam a caminho da casa do professor Manning.

Ficava num bairro pobre, era pequena, em péssimo estado de conservação. Correram para a porta da frente e tocaram a campainha. Não houve resposta.

— Aposto que ele fugiu com a fórmula — disse a viúva. — Roubou nosso bilhão de dólares.

O sobrinho espiava pela janela da sala de estar.

— Vamos entrar — propôs ele. — Pode haver pistas lá dentro.

— Isso é ilegal – protestou David.

— Você se preocupa demais — declarou o advogado. — Ele tem razão. Vamos ver o que podemos descobrir na casa. Não ser difícil arrombar a porta da frente.

Mas não precisaram fazer isso. Para surpresa de todos, a porta não estava trancada. Um a um, entraram na casa.

Encaminharam-se para a sala de estar e estacaram abruptamente, atordoados. O corpo de um homem se achava estendido no chão, no meio da sala. Havia um buraco de bala na cabeça.

— Santo Deus! — balbuciou o sobrinho. — Alguém assassinou o professor!

A sala se encontrava na maior desordem, com abajures, cadeira e mesas viradas.



— Quem o assassinou procurava pela fórmula — comentou David.

— Será que a encontraram? — indagou a viúva.

David sacudiu a cabeça.

— Não sei. Parece que fizeram uma busca meticulosa.

Ele foi até uma escrivaninha com vários papéis em cima, folheou-os. Parou subitamente.

— Vejam isto! — Ele ergueu um envelope endereçado a Samuel Stone. — esqueceram esta carta. O professor ia manda-la pelo correio para Samuel Stone. Pode conter a fórmula.

— Abra logo! — exigiu o advogado.

Enquanto todos observavam, David abriu o envelope. Havia lá dentro plantas de um motor e equações matemáticas que nenhum deles entendeu. Mas todos compreendiam uma coisa: tinham nas mãos um bilhão de dólares.

— É incrível! — exclamou o sobrinho. — Esta é uma fórmula para fazerem carros andar com ar e água. Sabem o que isso significa? Vai revolucionar o mundo inteiro!

A viúva sorriu.

— Tenho certeza de que vai revolucionar o meu mundo. Não vale um bilhão de dólares... vale centenas de bilhões de dólares.

O mundo não vai mais precisar de petróleo. Com esta fórmula, podemos acionar fábricas, companhias, trens...

Ela estava tão excitada que teve de sentar. David olhou para o cadáver do professor.

— Acho que devemos telefonar para a polícia e comunicar o assassinato.

— Não podemos fazer isso — protestou o advogado. — Se chamarmos a polícia, terão de nos interrogar. E seremos obrigados a falar sobre a fórmula. Vamos sair daqui primeiro.

Ligaremos de nossa casa.

— Não creio que seja certo — insistiu David.

— É problema seu — resmungou o advogado. — está sempre pensando no que é certo.

Voltaram para casa com a fórmula mágica, e nunca se viu um grupo mais feliz. Estavam ricos além dos seus sonhos mais delirantes. Assim que entraram, David foi para o telefone e ligou para a polícia.

— Quero comunicar um assassinato — disse ele.

Um minuto depois, estava falando com o inspetor Bandy, chefe da seção de Homicídios.

— Disse que queria comunicar um assassinato?

— Isso mesmo.

Ele forneceu ao inspetor Bandy o endereço da casa do professor Manning. Depois de desligar, David comentou:

— Eu me sinto melhor assim. Agora, podem procurar o assassino.

O advogado disse:

— Sentem-se todos. Precisamos discutir o que vamos fazer agora. — Ele levantou o envelope que continha a fórmula. — O que temos aqui é algo que vai abalar o mundo... revolucionário... e a Sra. Stone tem razão, vale bilhões de dólares. Todos no mundo vão lutar para usar isto. As companhias petrolíferas, em particular, irão à loucura. E o mesmo acontecerá com os países árabes. Vamos deixar todos falidos da noite para o dia. Nossa primeira providência é verificar se a fórmula está patenteada.

Darei um pulo ao departamento de patentes...

— Mas não sozinho — interrompeu-o o sobrinho. — Iremos todos juntos. Ninguém vai ficar fora da vista dos outros.

David olhou para o seu relógio.

— O departamento de patentes está fechado agora, mas podemos ir de manhã bem cedo para registrar a fórmula.

— Nunca pensei que me tornaria tão rica! — exclamou a viúva. — Eu seria capaz de beijar o velho Samuel Stone!

— Ele está morto — lembrou o advogado.

O telefone tocou. Era para David. O inspetor Bandy.

— Comunicou um assassinato, na Elm Street, 214?

— Isso mesmo.

— E disse que havia um corpo na sala de estar?

— Exatamente.

— Isso é alguma brincadeira?

— Como assim? — perguntou David.

— estamos na casa agora. Não há nenhum corpo aqui.

Ao desligar, David olhou para os outros e disse:

— Alguma coisa muito estranha está acontecendo.

— Como assim? — indagou o sobrinho.

— Era a polícia. O corpo desapareceu.

— O que isso significa? — perguntou a viúva.

— Creio que sei o que significa — respondeu David. — Havia alguém na casa quando

estivemos lá, e essa pessoa provavelmente assassinou o professor, e nos viu pegar a fórmula e sair.

— Acha que ele nos seguiu? — perguntou o sobrinho.

— É bem provável.

A viúva estava apavorada.

— Está querendo dizer que nossas vidas correm perigo?

David acenou com a cabeça.

— Exatamente.

E David tinha razão. De madrugada, ouviram alguém tentando entrar na casa. Acenderam todas as luzes e a pessoa escapou. Mas todos tinham o pressentimento de que voltaria. Reuniram-se na sala de estar para determinar o que fazer em seguida.

— Eles não podem ter certeza de que a fórmula se encontra em nosso poder — declarou David. — Creio que seria um erro procurar o departamento de patentes imediatamente. Se nos virem seguindo para lá, talvez tentem nos matar. Acho que devemos agir de uma maneira normal e esconder a fórmula até que não haja mais suspeitas. Continuaremos a nos comportar como antes.

— Combinado — disse a viúva. — Amanhã irei ao cabeleireiro e farei compras.

— E eu irei ao meu clube e tomarei alguns drinques — acrescentou o sobrinho.

— E eu irei ao meu escritório — decidiu o advogado. — Você tem razão, David, não devemos fazer nada que desperte suspeitas.

Na manhã seguinte, a viúva foi ao cabeleireiro e depois foi fazer comprar numa grande loja de departamento. Entrou num elevador vazio e, um momento antes das portas fecharem, um homem enorme também entrou. Já tirava uma faca do bolso quando outras pessoas entraram no elevador. A viúva escapou por um triz.

Quando o sobrinho passava por um prédio, a caminho de seu clube, um homem no telhado jogou uma pedra enorme em sua direção. O sobrinho abaixou-se para pegar uma moeda na calçada nesse instante e a pedra não o atingiu por pouco.

O advogado atravessava a rua quando um carro se aproximou em alta velocidade. O advogado mal teve tempo de pular para trás, a fim de se salvar do atropelamento.

David ficou seguro, porque não saiu de casa, mas tinha intensa impressão de que todos corriam perigo. As pessoas empenhadas em obter a fórmula já haviam assassinado uma

peessoa, e ele tinha certeza de que não hesitariam diante de nada. As ricas e poderosas companhias petrolíferas seriam levadas à falência quando a nova fórmula entrasse em operação.

Todos os postos de gasolina do mundo seriam fechados.

Ao jantar, naquela noite, todos se mantinham muito quietos.

— Estou com medo — murmurou a viúva.

Todos estavam assustados, mas não queriam admitir.

Foram deitar cedo, mas nenhum deles conseguiu dormir.

Ouviram estranhos ruídos durante a madrugada, mas decidiram que era apenas a imaginação. Pela manhã, ao descerem para o desjejum, a primeira coisa que fizeram foi verificar o cofre em que fora guardada a fórmula. Ainda estava lá.

Mas alguma coisa perturbava David. *Não consigo determinar o que é.* Ele correu os olhos pela sala, com a nítida impressão de que havia algo errado. E, subitamente, percebeu o que era. As coisas estavam fora dos seus lugares. Um abajur mudara de posição. Uma mesa fora deslocada. Alguém estivera na casa! Os ruídos durante a madrugada haviam sido reais. Mas por que alguém entraria na casa sem levar coisa alguma? E David logo compreendeu a resposta. Foi levantar o abajur. Havia um microfone escondido ali. Ele deu uma olhada por baixo da mesa deslocada de sua posição. Encontrou mais um microfone.

Os outros observavam-no, curiosos.

— O que está fazendo, David? — perguntou o sobrinho.

David se empertigou.

— Nada.

Ele levou um dedo aos lábios, gesticulou para que os outros saíssem da casa em sua companhia.

— Qual é o problema? — indagou o advogado.

— Instalaram microfones na casa — explicou David. — Podem ouvir tudo o que dissermos. Talvez haja até câmeras ocultas.

— Está querendo dizer que podem nos vigiar? — sussurrou o sobrinho.

— É possível — respondeu David.

— Oh, Deus! — lamentou a viúva. — Vão nos matar!

— Eu deveria ter previsto que é uma coisa grande demais para resolvermos sozinhos — declarou David. — O que temos nas mãos pode abalar toda a economia mundial. Vão nos matar para não permitirem que a fórmula seja revelada.

— Podemos chamar a polícia — sugeriu o advogado.

— Eles são mais poderosos do que a polícia. Não percebe a enormidade da situação? De nada adiantaria chamar a polícia.

Precisamos pensar em outra coisa.

— Não vamos lhes entregar a fórmula — declarou a viúva.

Ela não tinha a menor intenção de renunciar ao dinheiro com que compraria muitas roupas, iates e luxuosas *villas* no sul da França.

— Nunca! — concordou o sobrinho.

Ele também não pretendia renunciar ao dinheiro com que compraria carros velozes e mulheres lindas.

— Vocês dois têm toda razão — acrescentou o advogado.

Ele não desistiria de seu sonho de um imponente prédio para instalar seu escritório, a fim de impressionar os clientes.

David era o único que não tinha tanta certeza. Adoraria dar tudo aquele dinheiro para ajudar os pobres e desabrigados, mas achava que todos corriam perigo de vida. As pessoas que enfrentavam agora eram poderosas demais para serem detidas por qualquer coisa. Era evidente que estavam determinadas a se apossar da fórmula de qualquer maneira.

— O que vamos fazer? — perguntou o sobrinho. — Se a casa está grampeada, podem ouvir tudo o que dissermos.

E, de repente, David encontrou a solução e exclamou:

— Mas é isso!

— É isso o quê? — indagou a viúva.

— Muito simples — explicou David. — Como podem ouvir tudo o que dissermos, só falaremos as coisas que quisermos que escutem.

— E o que queremos que eles escutem? — perguntou o advogado.

— Que não temos mais a fórmula.

— Mas nós temos — lembrou o sobrinho.

— Vamos destruí-la.

Todos o fitaram espantados.

— Ficou maluco?

— Não a destruiremos de verdade — disse David. — Apenas fingiremos que a destruímos e eles nos deixarão em paz.

Todos manifestaram sua admiração.

— Um plano brilhante! — exclamou o advogado. — Mas como faremos isso?

— Arrumarei um envelope e porei um papel em branco dentro — explicou David. — Entraremos na casa e teremos uma conversa em que fingiremos que tomamos a decisão de queimar a fórmula. Acenderemos o fogo na lareira e queimaremos o papel em branco. Eles pensarão que o problema foi resolvido e nos deixarão em paz. Daqui a alguns dias iremos ao departamento de patentes e registraremos a fórmula. E depois que isso acontecer, será tarde demais para que eles tentem alguma coisa. Não haverá mais qualquer sentido em nos matar.

A viúva abraçou David.

— Você é um gênio!

— Quando faremos isso? — perguntou o sobrinho.

— Amanhã de manhã — respondeu David. — E agora vamos entrar, para que eles possam escutar nossa conversa.

— Certo.

Voltaram ao interior da casa e começaram a conversar, mas tudo o que diziam agora era em benefício dos microfones ocultos. David abriu a conversa, em voz bastante alta para que os microfones pudessem captar;

— Estive pensando a respeito da fórmula. Acho que é perigoso demais continuarmos a guarda-la.

— Também pensei a mesma coisa — acrescentou o advogado. — O que podemos fazer?

— Acho que devemos queimá-la — declarou o sobrinho.

— É a melhor coisa que poderíamos fazer — arrematou a viúva.

— Então estamos todos de acordo — disse David, bem alto.

— Queimaremos a fórmula amanhã de manhã.

— Combinado! — exclamaram os outros, em coro.

— Já me sinto muito melhor por essa decisão — comentou David. — Agora não temos mais com que nos preocupar.

Todos piscaram uns para os outros, felizes por terem enganado as pessoas na escuta. David bocejou, bem alto.

— Acho que vou me deitar agora.

— Eu também — anunciou a viúva. — Agora que decidimos queimar a fórmula, posso ter uma noite de sono tranquilo.

Despediram-se uns dos outros e foram para os seus respectivos quartos. Exceto David. Ele foi em silêncio até a escrivaninha, pegou um envelope igual ao que continha a fórmula. Meteu um papel em branco no envelope e fechou-o.

Pela manhã, queimariam o envelope falso e manteriam o verdadeiro. Assim que acabou de aprontar tudo, David foi se deitar. Sonhou que era atacado por um exército de metralhadoras.

Na manhã seguinte, quando todos desceram para o desjejum, David acenou com a cabeça na direção do abajur e da mesa, a fim de lembrar aos outros os microfones ali escondidos.

— Vou me sentir muito melhor depois que queimarmos a fórmula — disse a viúva.

— E eu também — acrescentou o sobrinho.

— Comeremos primeiro e depois cuidaremos disso — declarou David. — Gostaria que nunca tivéssemos ouvido falar dessa fórmula.

Mas é claro que ele não falava sério. Sentia-se excitado com a perspectiva de todo aquele dinheiro para ajudar os pobres e desabrigados. Foram juntos até o cofre e David tirou o envelope com a fórmula.

— Vamos queimar a fórmula na lareira da biblioteca — anunciou ele, em voz alta.

Passaram todos para a biblioteca. David pôs o envelope com a fórmula ao lado do envelope falso.

— Temos de acender o fogo.

— Pode deixar que eu faço isso — disse o sobrinho.

Ele pegou uma caixa de fósforos e acendeu a lenha, que estava na lareira.

— Pronto, temos agora uma boa fogueira — comentou David, em benefício das escutas invisíveis.

Foi nesse momento que o mordomo entrou na sala.

— Com licença, senhor, mas há um homem na porta que deseja lhe falar.

— Quem é? — perguntou David.

— Ele disse que seu nome é Bandy.

O grupo se entreolhou e todos seguiram David para a outra sala. O mordomo observou-os, especulando o que o inspetor da policia queria. Já ia se retirar, mas notou os dois envelopes na mesa, lado a lado. Eram idênticos. Perplexo, ele pegou os envelopes para examiná-los. Não havia a menor diferença entre um e outro. O mordomo tornou a larga-los na mesa, mas trocou a posição. O envelope com a fórmula ficou no lado esquerdo, não mais no direito.

Na sala de estar, o grupo confrontou o inspetor Bandy, que informou:

— Encontramos o corpo do professor. Estava na mala de um carro. Eu gostaria que me acompanhassem para identificá-lo.

— Claro — respondeu David. — Pode ser mais tarde? Temos uma coisa muito importante para fazer agora.

— Pode ser esta tarde, a qualquer hora.

— Obrigado.

Eles observaram o inspetor se retirar e depois voltaram apressados à biblioteca, onde o fogo ardia alto agora.

— Muito bem — Anunciou David, bem alto —, aqui vamos nós! Estamos queimando a fórmula!

Ele pegou o que julgava ser o envelope falso e jogou no fogo. Observaram o papel queimar, em silêncio, sorrindo uns para os outros.

— Lá se foi a fórmula — disse a viúva. — Mas que diferença isso faz? É apenas dinheiro.

— Tem toda razão.

David sorriu. Pegou o outro envelope e abriu-o. Todos ficaram espantados quando ele tirou o papel em branco.

— Santo Deus! — balbuciou David. — Queimei o envelope com a fórmula!

A viúva desmaiou.

Capítulo Onze

Era a segunda-feira mágica, o dia em que nosso grupo se reunia para receber outra chance de ganhar uma fortuna.

Sentaram para o desjejum no terraço e conversaram sobre as pistas que dali a pouco ouviriam.

— Espero que ele apresente alguma coisa bem simples desta vez — comentou a viúva. — Era o homem mais astucioso que já conheci.

— E põe astucioso nisso — concordou o advogado.

— Por outro lado — lembrou David —, conseguimos esclarecer todas as pistas até agora.

— É verdade. — O sobrinho suspirou. — E algumas eram bastante complicadas.

O mordomo aproximou-se da mesa e disse à viúva:

— Um certo Sr. Popov deseja vê-la.

A viúva se mostrou perplexa.

— Não conheço nenhum Sr. Popov. — Ela olhou para os outros. — Algum de vocês conhece?

Todos balançaram a cabeça.

— Não.

O mordomo acrescentou.

— Ele disse que era amigo do Sr. Stone.

— É o que todos dizem agora — comentou o sobrinho. — Deve estar querendo alguma coisa.

— Mande-o embora — ordenou a viúva.

— Pois não, madame.

O mordome se retirou.

— Popov... — murmurou o advogado. — Parece um nome russo.

O sobrinho olhou para seu relógio.

— está na hora do nosso encontro com tio Samuel.

Todos sentaram na biblioteca, cada um em seu lugar determinado, esperando o mordomo inserir a fita e ligar a televisão.

A viúva detestava ver o rosto do falecido marido a cada semana, odiava ouvir sua voz. Pensara que se livrara para sempre de Samuel Stone quando ele morrera, mas o homem descobrira uma maneira de voltar da sepultura.

O mordomo entrou na sala.

— Mandou aquele russo embora? — perguntou a viúva.

— Mandeí, sim, madame. Ele foi bastante persistente. Disse que era muito importante.

— Claro, importante para ele — resmungou o sobrinho.

Virou-se para o mordomo. — Vamos começar logo. Quero saber quais são as novas pistas.

— Pois não, senhor.

O mordomo foi inserir a fita, ligou a televisão. Um momento depois, o rosto de Samuel Stone apareceu na tela.

— Aqui estamos de novo. Outra manhã de segunda-feira.

Imagino que tiveram as maiores dificuldades para encontrar o último tesouro. E para ser franco, espero que também tenha dificuldades para descobrir este.

Ele soltou uma risada mesquinha.

— Seu velho miserável! — exclamou a viúva.

Samuel Stone franziu o rosto para ela e a viúva teve a súbita impressão de que ele estava prestes a agredi-la. Não pode deixar de e perguntar se o marido estava realmente morto.

— Dê-nos logo as pistas — exortou o sobrinho.

Ele esperava deslindar o enigma antes dos outros e ficar com todo o dinheiro. Samuel Stone disse:

— Sigam a regra de ouro e sejam perfeitos como um ovo.

Ajuda se tiverem um saudável desjejum. E atenção na hora do *rush*.

A tela ficou escura. A viúva continuou a fita-la por mais um momento, atônita, e depois gritou:

— É só isso? E diz que são pistas, seu velho desgraçado?

Como ousa fazer uma coisa assim comigo?

— Calma — murmurou David. — Ele não pode ouvi-la.

— Ah, como eu gostaria de ter sido mais mesquinha com ele quando ainda estava vivo!

— Foi bastante mesquinha — lembrou o sobrinho.

David interrompeu-os:

— Discutir entre nós não vai ajudar em nada. Vamos examinar as pistas.

— Que pistas? — bradou a viúva. — Ser perfeita como um ovo? Ter um saudável desjejum? O que isso pode significar.

— A pista é com certeza um ovo — disse o advogado.

O sobrinho acrescentou, muito excitado:

— Ele pôs alguma coisa num dos ovos!

— Só pode ser isso! — exclamou o advogado.

Todos correram para a cozinha. A viúva abriu a geladeira.

Havia duas caixas de ovos ali, uma dúzia em cada caixa. Ela tirou as caixas, levou para a mesa da cozinha.

— Como saberemos qual é o ovo certo? — indagou o sobrinho.

— Vamos experimentar todos — decidiu o advogado.

Observaram a viúva partir o primeiro ovo. Espalhou-se sobre a mesa.

— Nada — murmurou ela. — é apenas um ovo.

Ela experimentou o seguinte. Aconteceu a mesma coisa. Um a um, a viúva partiu todos os ovos. Ao final, a cozinha estava toda suja. E não havia o menor sinal de qualquer tesouro.

— Ele nos enganou de novo? — gritou a viúva. — Não há nada nestes ovos!

— Vamos conversar na sala — sugeriu David.

Depois que todos sentaram, David disse:

— Agora, vamos analisar as pistas com todo cuidado. Ele disse —sigam a regra de ouro, e —atenção na hora do rush.

— O que isso pode significar? — perguntou o sobrinho.

— Regra de ouro... — murmurou David, pensativo. — Há uma lenda sobre um ovo de ouro. — Ele fez uma pausa, franziu o rosto. — Que ovo valeria uma fortuna? Os únicos ovos que conheço que valem alguma coisa são os ovos Fabergé. — O rosto de David iluminou-se de repente. — É isso mesmo! Atenção na hora do rush pode ser um código para russo! Os ovos Fabergé vieram da Rússia.

— O que é um ovo Fabergé? — perguntou o sobrinho.

David explicou:

— Há muitos anos, quando o czar reinava na Rússia, um artesão chamado Fabergé criou lindos ovos, feitos de ouro e pedras preciosas.

— Quanto valeria um ovo assim? — indagou a viúva.

— Talvez cinco milhões de dólares.

— E vieram da Rússia? — acrescentou o sobrinho.

— Isso mesmo.

— Por Deus! O homem que esteve aqui! Como era mesmo seu nome?

— Popov — informou o advogado.

— É isso, Popov! Você disse que era um nome russo!

— Provavelmente ele veio aqui para nos entregar o ovo, e eu o mandei embora! — lamentou a viúva.

— Precisamos encontrá-lo — declarou o advogado.

— Como faremos isso? — perguntou o sobrinho.

Eles correram para falar com o mordomo.

— O Sr. Popov já foi embora? — perguntou o advogado.

— Foi, sim, senhor.

A viúva agarrou-o pelo braço.

— Ele disse para onde ia?

— Falou que voltaria para seu hotel.

— O sobrinho agarrou o outro braço do mordomo.

— E disse qual era o hotel?

O mordomo sacudiu a cabeça.

— Não senhor.

— Não há muitos hotéis na cidade — disse o advogado. — Vamos encontrá-lo.

Cinco minutos depois, eles procuravam na lista telefônica e telefonavam para todos os hotéis da cidade. Tiveram sorte na décima ligação.

— Há um Sr. Popov hospedado aí?

— Há, sim. Ele acaba...

O sobrinho desligou.

— Encontrei-o! Ele está no Beverly Hilton Hotel!

Todos correram para seus carros, cada um querendo chegar na frente dos outros, na esperança de ficar com o tesouro só para si. Foram retardados pelo tráfego intenso.

O sobrinho foi o primeiro a alcançar o hotel. Correu para o recepcionista.

— Quero falar com o Sr. Popov — disse ele, ofegante.

— É o cavalheiro que telefonou há poucos minutos?

— Sou sim.

— Tentei avisá-lo pelo telefone que o Sr. Popov já deixou o hotel.

— Como assim?

— Ele foi embora. Está a caminho do aeroporto.

Os outros chegaram bem a tempo de ouvir a última informação. Sem dizer nada, saíram do hotel e partiram para o aeroporto.

O Sr. Popov preparava-se para embarcar no avião quando ouviu seu nome ser chamado pelo sistema de alto-falantes.

— Sr. Popov, compareça ao telefone branco de cortesia, por favor. Sr. Popov, compareça ao telefone branco de cortesia, por favor.

Ele não imaginava quem poderia estar à sua procura. Olhou para o relógio. Não queria perder o avião. Seguiu apressado até o telefone de cortesia e atendeu.

— Aqui é Popov.

Uma mulher e três homens o envolveram nesse momento, com os braços abertos.

— Sr. Popov — disse a mulher. — Não imagina como me sinto satisfeita por conhecê-lo!

Ele largou o telefone, espantado.

— Quem é você?

— Sou a Sra. Samuel Stone. Foi me procurar em minha casa.

— É verdade. Seu mordomo não me deixou entrar.

— Aquele homem estúpido! Como pôde fazer uma coisa dessas? Eu estava ansiosa em conhecê-lo!

— É mesmo!

— Claro que sim!

A viúva passou o braço pelo dele.

— Ei, espere um pouco! protestou o sobrinho. — Apresente-nos.

A viúva suspirou.

— Está bem. Este é meu sobrinho, este é nosso advogado e este é David.

— Prazer em conhecer a todos — disse o Sr. Popov. — E agora, se me dão licença, tenho de pegar meu avião.

A viúva se mostrou horrorizada.

— Avião? Está planejando nos deixar? Ora, acabamos de nos conhecer! Temos muito o que conversar! Não pode partir agora!

Popov estava confuso.

— Mas já deixei o hotel.

Foi então que o sobrinho fingiu estar horrorizado.

— Hotel? Estava hospedado num hotel? Quando poderia ficar em nossa casa?

— É isso mesmo — disse o advogado. — Teremos um agradável jantar.

— É muita gentileza de vocês — murmurou o Sr. Popov. — Tive a impressão de que não queriam me ver.

— Ao contrario, sua companhia nos proporciona o maior prazer! — exclamou o advogado. — Vou pegar sua bagagem.

Dez minutos depois, todos voltavam para casa.

O jantar foi bastante agradável. Insistiram em oferecer comida e bebida a Popov, até que ele ficou empanturrado e meio embriagado.

— Você e meu marido deviam ser muito ligados — comentou a viúva.

— Éramos mesmo. Fiquei triste ao saber de sua morte.

Assim que ouvi a notícia, vim direto para cá, trazendo uma coisa que ele sempre desejara possuir.

— E creio que sei o que é — murmurou a viúva, insinuante.

— Esta com você?

— Guardei na minha mala.

— Por que não nos mostra? — sugeriu o advogado.

— Querem ver agora?

— Gostaríamos muito — respondeu David.

Ficaram observando Popov subir a escada, meio trôpego.

— Esta foi a mais fácil de todas as pistas — disse o sobrinho. Caiu direto em nossas mãos.

— Mal posso esperar para ver aquele ovo! — exclamou a viúva.

Popov desceu três minutos depois, trazendo um objeto quadrado, grande, embrulhado em papel pardo.

— É um estranho formato para um ovo — comentou David.

— Aqui está — disse Popov. — Ele era louco por isto.

Ele removeu o papel pardo, e todos se descobriram a olhar para o quadro de uma casa.

— O que é isso? — indagou a viúva.

— É um dos meus quadros — explicou Popov. — Sou um excelente pintor. Samuel Stone viu este quadro em Moscou e se apaixonou. Sei que vão querer compra-lo em sua memória.

Era um quadro horrível.

— Onde está o ovo? — perguntou o advogado.

Popov ficou perplexo.

— Que ovo?

— O ovo Fabergé.

— Ah, deve estar pensando em meu irmão, Ivan. Ele é que tem o ovo.

— Seu irmão tem o ovo?

— Isso mesmo. Samuel comprou dele.

— E onde está seu irmão?

— Em Moscou. O que acham do meu quadro? Farei um preço bastante razoável.

— Saia daqui! — berrou a viúva. — Seu impostor! Deveria ser preso!

A perplexidade de Popov era total agora.

— Mas eu não fiz nada!

— Saia antes que eu chame a polícia!

Essas pessoas são completamente malucas, pensou Popov.

Cinco minutos depois ele já tinha deixado a casa.

— Podemos esquecer o ovo — murmurou o sobrinho.

— Tem razão — concordou a viúva.

— Também penso assim — acrescentou o advogado. — Está a Rússia. Não há sentido em tentar descobri-lo.

David escutou sem dizer nada, sabendo exatamente o que eles fariam em seguida. Todos iriam à Rússia.

Embarcaram num avião da Aeroflot no dia seguinte, a caminho de Moscou. Chegaram ao aeroporto separados, mas se encontraram dentro do avião. Ficaram um pouco embaraçados por serem apanhados em flagrante.

— Pensei a respeito e acabei mudando de ideia — explicou a viúva a David.

— Eu também — disse o sobrinho. — Vale a pena tentar.

— Concordo — acrescentou o advogado. — Nada temos a perder.

Chegando a Moscou, passaram pela alfândega no aeroporto e foram para o hotel. Procuraram o número de Ivan Popov na lista telefônica. Havia várias pessoas com esse nome. O primeiro era um açougueiro, que foi logo anunciando:

— Não temos carne hoje.

— Não queremos carne — sussurrou o sobrinho. — Queremos o ovo.

— Também não temos ovos — respondeu o açougueiro.

A visita seguinte foi a um mercado de frutas. Quando entraram, o dono disse.

— Estamos em frutas. Voltem amanhã.

— Não queremos frutas — sussurrou a viúva. — Queremos o ovo.

— Pois então procurem numa loja de ovos. Mas tenho certeza de que também não vão encontrar ovos lá.

A próxima escala foi uma sapataria.

— Estamos sem sapatos — anunciou o homem.

— Não viemos atrás de sapatos — disse David —, mas sim à procura do ovo.

— Vocês devem estar loucos. Eu tenho cara de quem vende ovos?

Ao saírem, o sobrinho comentou:

— Parece que estamos sem sorte. Tudo indica que será uma busca inútil.

— Ainda resta um endereço — lembrou David.

— É verdade — confirmou o advogado.

Era uma pequena livraria, numa pequena rua transversal. A placa na porta dizia IVAN POPOV. O grupo entrou. Havia um homem enorme sentado por trás de uma mesa.

— Sr. Popov? — indagou David.

— Sou eu. — O homem estudou-os por um momento. — Vocês são americanos.

— Tem razão — respondeu a viúva. — Fui casada com Samuel Stone.

O rosto de Popov se iluminou.

— Ah, vieram pelo ovo Fabergé?

— Está com você? — perguntou o advogado, excitado.

— Claro. Guardei-o para Samuel. Ele já pagou. E me disse para ficar com o ovo até sua volta. Não falou para entrega-lo a outra pessoa. Onde ele está?

— Samuel Stone está morto... — começou a dizer a viúva.

David interrompeu-a:

— Está morto de cansaço. Ficou descansando.

Os outros se viraram para ele, surpresos.

— Pois avisem-no de que estou à sua espera. Só entregarei o ovo a Samuel.

A viúva balbuciou:

— Ele lhe disse...?

— Foram suas instruções. Tinha medo de que alguém tentasse roubá-lo. Disse expressamente: — Fique com o ovo até eu vir buscá-lo.

— Portanto, não o entregaria a mais ninguém? — indagou o sobrinho.

— De jeito nenhum — respondeu Popov. — Digam a Samuel para se apressar. Estou ansioso em revê-lo.

— Está bem — murmurou a viúva. — Diremos a ele.

Os quatro deixaram a livraria e pararam na calçada, na maior depressão.

— Está acabado — disse o advogado. — Podemos voltar para casa.

David estava pensando.

— Não necessariamente.

Todos se viraram para ele.

— Como assim?

— Tenho uma ideia. Vamos nos encontrar no hotel.

Observaram-no se afastar pela rua, especulando sobre o que ele tencionava fazer.

Se seguissem David, poderiam vê-lo entrar numa loja que vendi maquilagem para teatro. David comprou meia dúzia de artigos e depois retornou ao hotel.

A viúva estava arrumando as malas, preparando-se para a viagem de volta, quando bateram na porta.

— Um momento, por favor!

Ela foi abrir a porta. Deparou com Samuel Stone parado ali, sorrindo, e gritou:

— Você morreu! Não pode estar aqui!

— Psiu! — disse David.

Ele entrou no quarto e fechou a porta. A viúva fitava-o com o maior espanto. Ele parecia exatamente com seu falecido marido. Tinha o mesmo bigode, a barba, as costeletas.

— Está igualzinho a Samuel Stone.

— Vamos voltar à livraria e pegar o ovo Fabergê — disse David.

— Acha que pode enganar Popov?

Meia hora depois, David entrou na livraria de Ivan Popov, que se levantou no mesmo instante.

— Samuel!

Ele se adiantou para abraçar David. Fazendo sua voz mais profunda, para ficar parecida

com a do velho Samuel Stone, David disse:

— É bom ver você, Ivan. Ainda está com o ovo?

— Claro que sim. Guardei para você, meu amigo.

David observou Popov ir até um pequeno cofre no canto, abri-lo, e tirar um lingo ovo Fabergé, incrustado com pedras preciosas.

— Aqui está — disse Popov. — É todo seu.

David contemplou o ovo em sua mão, com uma profunda admiração.

— É mesmo uma beleza. Muito obrigado. E agora tenho de ir, pois preciso pegar um avião.

— Volte para conversamos — disse Popov.

Os outros esperavam lá fora.

— Conseguiu? — perguntou a viúva, ansiosa.

David mostrou o ovo.

— É lindo! — exclamou a viúva, pegando o ovo. — Ficarei com ele.

David hesitou por um instante.

— Está bem.

O advogado olhou para o relógio.

— Há um avião que parte dentro de uma hora. Se quisermos pegá-lo, é melhor nos apressarmos.

Ao chegarem ao aeroporto, o sobrinho advertiu:

— Não deixem que vejam o ovo. Não é permitido tirar esses objetos de arte do país.

— Não se preocupe, ninguém vai ver — sussurrou a viúva.

— Está bem escondido na minha mala.

A pressa fora tanta que David nem tivera tempo de tirar a maquilagem. Na alfândega, o inspetor examinou o passaporte da viúva e carimbou-o. Examinou o passaporte do sobrinho e carimbou-o. Examinou o passaporte do advogado e carimbou-o.

Examinou o passaporte de David, olhou para ele, tornou a verificar o passaporte.

— Este passaporte não é seu.

— Claro que é — protestou David.

— Não é o seu retrato. Roubou este passaporte.

David percebeu subitamente qual era o problema. Soltou uma risada.

— Sou eu mesmo. Eles podem me afiançar. — David olhou para a viúva. — Diga a ele quem sou eu!

— Nunca vi esse homem antes — declarou a viúva.

— Mas o que está tentando fazer? — David virou-se para o sobrinho e o advogado. — Digam a ele quem sou eu!

O sobrinho declarou:

— Não conheço esse homem.

E o advogado acrescentou:

— É a primeira vez que o vejo.

O inspetor disse a David:

— Você está preso.

— Não podem fazer isso comigo! — gritou David.

O inspetor soprou um apito e dois guardas se aproximaram correndo.

— Segurem este homem enquanto eu chamo o chefe. — O inspetor virou-se para os outros. — Podem embarcar no avião agora.

— Obrigada — murmurou a viúva, docemente.

A viúva, o sobrinho e o advogado embarcaram no avião, muito satisfeitos com o golpe que haviam dado.

— Não precisaremos mais dar uma parte a David — disse a viúva. — Ficaremos com tudo só para nós.

— Boa ideia — aprovou o advogado.

David foi levado para uma sala e um dos guardas informou, antes de trancá-lo lá dentro, sozinho:

— O chefe estará aqui num minuto.

O inspetor foi até a sala do chefe, muito satisfeito por ter capturado um criminoso. *Posso até ganhar uma promoção por isso*, pensou ele. Entrando na sala, mostrou o passaporte ao chefe e disse:

— Este homem está tentando escapar da Rússia, usando um passaporte falso. Deve ser algum criminoso importante.

— Bom trabalho — elogiou o chefe, levantando-se.

— A pessoa não tem a menor semelhança com o retrato no passaporte — explicou o inspetor. — Não sei como ele pensou que poderia me enganar.

Seguiram apressados para a sala em que David ficara detido. ele estava sentado numa cadeira, de costas para a porta.

Virou-se quando a porta foi aberta. O inspetor ficou espantado.

A barba e o bigode haviam desaparecido.

— Onde está o homem com a barba e o bigode?

— Que homem? — disse David.

— Esse é o criminoso que você pegou?

—Não... sim... eu...

O chefe olhou do passaporte para David.

— Disse que ele não tinha a menor semelhança com o retrato. Mas é exatamente igual. Você ficou doido?

— Devo ter enlouquecido — balbuciou o inspetor.

O chefe virou-se para David.

— A Rússia lhe pede desculpas.

— Obrigado respondeu David. eu gostaria agora de embarcar em meu avião.

— Não tem problema. Darei uma ordem para que espere pelo seu embarque.

Dez minutos depois, a viúva, o sobrinho e o advogado observaram, incrédulos, David entrar no avião.

Mas daremos um jeito em você na próxima vez, pensou a viúva.

Ao voltarem aos estados Unidos, levaram o ovo a um negociante de arte, que lhes pagou seis milhões de dólares. A viúva lançou-se a um festival de comprar com sua parte,

adquirindo vestidos e casacos de pele. O sobrinho comprou um Ferrari esporte. O advogado comprou um prédio de escritórios. David deu sua parte a obras de caridade.

Capítulo Doze

Era outra segunda-feira. O dia da oportunidade. O dia em que o nosso grupo recebia mais uma chance de encontrar outra parcela da fortuna de Samuel Stone. Foram comer o desjejum no terraço.

— Espero que possamos deslindar o novo enigma bem depressa — comentou a viúva. — Tenho mais comprar a fazer.

Preciso de outro casaco de visom.

— E eu quero experimentar meu novo Ferrari — acrescentou o sobrinho. — É uma beleza. Talvez eu leve vocês para um passeio.

— Quero voltar logo ao meu prédio novo — declarou o advogado. — Deverá atrair uma porção de novos clientes.

Todos se viraram para David.

— Minha parte do dinheiro irá para obras de caridade — disse ele.

— Você é um tolo! — exclamou o sobrinho.

David deu de ombros.

— É possível, mas outras pessoas precisam do dinheiro mais do que eu.

O mordomo apareceu no terraço.

— Com licença, mas está na hora de exhibir a fita de Samuel Stone.

— Certo.

Todos se levantaram e foram para a biblioteca.

— O que será que ele tem reservado para nós desta vez? — indagou o sobrinho.

— Já vamos descobrir – respondeu o advogado.

Eles sentaram nos lugares marcados. O mordomo inseriu a fita, ligou a televisão. O rosto de Samuel Stone apareceu na tela.

— Esta é a última vez que vocês vão receber pistas de mim.

Espero que nenhum de vocês tenha encontrado qualquer dos meus tesouros. Eu detestaria pensar que desperdiçaram meu dinheiro.

Seus olhos se viraram para o lugar em que David sentava.

— Você especialmente, David. Tenho certeza de que desperdiçaria tudo com os pobres que precisam de coisas. Meu lema é o seguinte: —Se eles não conseguiram, não lhes dê. — Samuel Stone suspirou. — Bom, não há nada que eu possa fazer a respeito. Se vocês decifrarem este, terão de circular um pouco e poderão fazer a viagem seu um passaporte. Já era hora.

Perguntem ao Sr. Yamamoto. — Ele correu os olhos pela sala. — Quero lhes desejar sorte... a pior possível.

A tela ficou escura.

— É só isso? — gritou a viúva. — Vamos fazer uma viagem sem passaporte? Ele chama isso de pista?

— Quem é o Sr. Yamamoto? — indagou o sobrinho. Ele virou-se para o advogado. — É alguém com quem tio Samuel tinha negócios?

O advogado balanço a cabeça.

— Não. Nunca ouvi falar.

— Nem eu — acrescentou a viúva. — Como ele espera que encontremos um tesouro com essas pistas ordinárias?

Foi David, mais uma vez, quem acalmou os outros.

— O primeiro passo é descobrir o Sr. Yamamoto.

— Tem razão.

Eles tornaram a consultar a lista telefônica. Havia pelo menos meia dúzia de Yamamotos. O sobrinho fez menção de se retirar, na frente dos outros. David disse:

— Espere um pouco. Se queremos resolver este enigma, devemos permanecer unidos. E dividiremos o dinheiro, se o encontrarmos. Combinado?

Todos se entreolharam, depois acenaram com a cabeça. A viúva disse:

— Combinado, David. Vamos jogar limpo.

Mas ela pensou: *Tenho de encontrar uma maneira de me apossar das partes dos outros.*

— Ela está certa, David — disse o advogado. — Vamos dividir, e dividir em partes iguais.

Mas ele pensou: *Não, se eu puder evitar!*

E, assim, os quatro saíram juntos, cada um determinado a enganar os outros. Com exceção

de David.

O primeiro Yamamoto? — perguntou o advogado.

O homem levantou os olhos.

— Pois não?

O advogado não sabia como começar.

— Estamos aqui porque...

— Querem comprar algumas plantas?

— Não foi por isso que viemos — interveio a viúva. — Samuel Stone nos mandou. Conhece o Sr. Stone, não é?

— Não, não conheço.

O grupo trocou olhares.

— Não importa. Obrigado.

A escala seguinte foi na Serraria Yamamoto. Um enorme japonês carregava madeira num caminhão.

— Sr. Yamamoto? — perguntou o sobrinho.

Ele virou-se.

— Pois não?

Foi o advogado quem respondeu:

— Somos amigos de Samuel Stone.

O japonês estudou o grupo.

— O que vocês querem?

— Queremos uma coisa de Samuel Stone que está em seu poder — explicou a viúva.

— Não sei do que está falando — respondeu o Sr. Yamamoto. — Nunca ouvi falar de Samuel Stone.

A próxima escala também foi infrutífera. Era um restaurante e o Sr. Yamamoto se encontrava ocupado no preparo de um *sushi*.

— Tenho muitos clientes que frequentam meu restaurante — disse ele —, mas nunca ouvi falar de nenhum Samuel Stone.

Eles ficaram desorientados.

— Só resta mais um endereço — avisou David.

Era numa universidade. Perguntaram pelo Sr. Yamamoto e foram encaminhados a uma sala num dos prédios. Quando entraram, depararam com um homem pequeno e idoso sentado a uma escrivaninha, escrevendo.

— Com licença — disse David.

O Sr. Yamamoto levantou os olhos.

— Pois não. Em que posso ajuda-los?

— Não tenho certeza se pode.

David correu os olhos pela sala de aula e pensou: *Samuel Stone não se interessava por universidades*. Provavelmente estavam no lugar errado.

— Por acaso conheceu Samuel Stone? — indagou David.

O velho se levantou no mesmo instante.

— Ah, então foi Samuel Stone quem os enviou!

— Você o conheceu? — perguntou a viúva, ansiosa.

— Conheci, e muito bem. Samuel Stone financiou uma invenção. Está quase aperfeiçoada. Fiquei muito triste quando li que ele havia morrido. Nunca chegou a ver minha invenção.

— Somos os seus herdeiros — informou o advogado. — A invenção agora nos pertence.

— Podemos ver? — indagou o sobrinho, ansioso. — está aqui?

A viúva foi mais direta:

— Quanto vale?

O Sr. Yamamoto deu de ombros.

— É difícil dizer. O valor é inestimável.

— Ouviram isso? — disse o sobrinho, cada vez mais excitado. — É inestimável!

Sua mente fervilhou com visões de mais automóveis, iates, lindas mulheres.

— Podemos dar uma olhada? — perguntou David.

O velho fez uma mesura.

— Já que pertence a vocês, claro que sim. Venham comigo, por favor.

Saíram da sala, seguiram por um longo corredor, entraram numa enorme garagem. Havia um automóvel lá no meio. Parecia velho, empoeirado e desmantelado.

— Ai está! — anunciou o Sr. Yamamoto.

O sobrinho olhava aturdido para o automóvel.

— Chama isso de invenção? É um dos carros mais feios que já vi!

— Trata-se de um carro muito especial — comentou o Sr. Yamamoto.

A viúva interveio:

— De valor inestimável, hem? Aposto que não consigo arrumar cem dólares por isso. — Ela virou-se para os outros. — esta é a ideia que Samuel faz de uma brincadeira... e para cima da gente! — A viúva olhou para o professor e acrescentou: — Se ele lhe deu mais que umas poucas centenas de dólares para montar esse ferro velho, então conseguiu enganá-lo direitinho!

— Pelo menos podemos voltar de carro para casa — sugeriu o sobrinho.

— Não quero essa coisa estacionada na frente da casa! Os vizinhos vão pensar que perdemos todo o nosso dinheiro!

Um a um, todos entraram no carro. O sobrinho sentou ao volante.

— Deixem-me explicar como funciona — disse o Sr. Yamamoto.

— Há anos que dirijo carros — respondeu o sobrinho. — Não preciso de ninguém para me explicar coisa alguma. Adeus, professor.

Ele virou a chave na ignição, houve um jato de fumaça e um estrondo, como se o céu se abrisse. O grupo descobriu-se girando pelo espaço, numa espiral vertiginosa. Pareceu se prolongar por uma eternidade, até que ocorreu um súbito solavanco. O carro estava num vasto campo, e pessoas vestindo togas, guiando bigas, corriam na direção deles.

— Onde estamos? — perguntou a viúva.

David olhou ao redor.

— Eu diria que estamos no Coliseu da antiga Roma. — Ele olhou para o carro. — Isto é uma máquina do tempo!

— Você só pode estar brincando! — exclamou o sobrinho.

Os homens de toga alcançaram o carro.

— Que tipo de engenhoca é essa? Quem são vocês?

— Somos visitantes — respondeu o advogado, tentando esconder seu medo.

— Por que se vestem de maneira tão estranha, visitantes?

— O comandante virou-se para seus homens. — Prendam todos!

E os quatro visitantes se descobriram amarrados e levados para uma masmorra. O chefe disse:

— Vou comunicar o fato ao nosso grande César e perguntar o que ele quer fazer com vocês.

O comandante se retirou e eles ficaram sozinhos na cela.

— Por que o Sr. Yamamoto não nos avisou que sua invenção era uma máquina do tempo? — queixou-se o sobrinho.

— Porque você não lhe deu essa oportunidade! — gritou a viúva. — Ele bem que quis explicar como funcionava, mas você se recusou a ouvir, achava que sabia de tudo!

— O que será que vão fazer conosco? — perguntou o advogado.

David também pensava nisso. Poderiam acreditar na história do grupo?

— Não sei — disse ele. — Provavelmente nos deixarão ir embora.

O comandante voltou uma hora depois. Sorriu para eles e declarou:

— Falei com o nosso grande César. Ele vai deixá-los ir embora.

— Isso é maravilhoso! — exclamou a viúva. — Não se esqueça de agradecer a ele por nós.

— Acompanhem-me — disse o comandante da guarda.

— Tivemos sorte em escapar — comentou o sobrinho para os outros. — Pensei que iam fazer alguma coisa horrível com a gente. Afinal, os antigos romanos eram considerados bárbaros.

Foram conduzidos a uma arena. As arquibancadas estavam lotadas.

— Esperem aqui — ordenou o comandante.

— Muito obrigado — disse o advogado. — Se algum dia pudermos fazer alguma coisa por você...

— Vamos sair daqui — propôs a viúva.

Quando começaram a atravessar a rena, uma jaula no outro lado foi aberta e quatro leões saíram.

— Parecem leões — disse a viúva. — Devemos estar em alguma espécie de jardim

zoológico.

David olhou para a multidão aclamando nas arquibancadas e empalideceu.

— Eles nos entregaram aos leões!

— *O quê?* — gritou a viúva. — Mas não podem fazer isso!

— Já fizeram — disse o advogado.

Os leões se aproximavam.

David olhou ao redor. Na primeira fila estava um homem de toga, com uma coroa de ouro na cabeça.

— Aquele deve ser César — disse David.

Os leões se moviam mais depressa agora.

— Vão nos devorar! — berrou a viúva.

David correu até o lugar em que César sentava e se apressou em dizer:

— Grande César, se deixar os leões nos devorarem, isso lhe custará o resgate de um rei em ouro!

— Do que está falando? perguntou César.

— Trouxemos ouro conosco... toneladas de ouro.

O rosto de César ficou radiante.

— Toneladas de ouro?

— Isso mesmo. Mande recolherem seus leões.

César virou-se para o comandante da guarda.

— Recolha os leões.

— Pois não, poderoso César.

David observou soldados a cavalo obrigarem os leões a voltarem para a jaula.

— Agora — disse César —, mostre-me onde está o ouro.

— Está no automóvel em que viemos.

César não entendeu.

— O que é um automóvel?

David se lembrou que o automóvel ainda não fora inventado naquele tempo.

— Vou mostrar, senhor, se os seus homens nos levarem de volta ao lugar em que chegamos.

César torou a se virar para o comandante da guarda.

— Levem-nos de volta ao lugar em que foram encontrados e fiquem de olho neles. Quero aquele ouro. Se eles não tiverem, tragam os quatro para cá, a fim de serem entregues aos leões.

— O que está tentando fazer? — sussurrou o sobrinho para David. — Não temos ouro algum!

— Vai fazer com que todos nós sejamos mortos! — protestou o advogado.

— Apenas fiquem calados e me sigam — disse David.

Foram conduzidos de volta ao automóvel. Os soldados olhavam atentamente. Era uma estranha engenhoca.

— Onde está o ouro? — perguntou o comandante.

— Já vou mostrar — respondeu David.

Ele gesticulou para que os outros entrassem no carro. O sobrinho sentou ao volante.

— Agora! — gritou David.

O sobrinho apertou o botão. Nada aconteceu.

— Eu perguntei onde está o ouro! — insistiu o comandante.

— Já está vindo — disse David.

O sobrinho apertou outro botão. Nada aconteceu. Ele foi apertando todos os botões. O comandante se tornava cada vez mais impaciente.

— Saiam daí! — berrou ele. — Vão voltar para os leões!

E foi nesse momento que o sobrinho apertou o último botão. Houve uma nuvem de fumaça e o carro desapareceu.

O comandante da guarda olhava espantado para o espaço vazio em que antes estivera o carro.

Enquanto isso, os quatro giravam vertiginosamente pelo espaço, um tremendo estrondo ressoando em seus ouvidos.

— Estamos voltando agora? — perguntou a viúva.

— Como vou saber? — disse o sobrinho. — Nunca guiei um carro assim antes!

Houve um súbito solavanco e eles se descobriram no chão outra vez.

— Graças a Deus! — exclamou o advogado. — Estamos salvos!

Ele virou o rosto, e foi então que avistou, aproximando-se do carro, a cabeça se elevando pelo céu, um gigantesco dinossauro.

— Olhem só para aquilo! — gritou a viúva. — Viemos parar na Idade da Pedra!

Ela virou-se para o sobrinho e acrescentou, amargurada:

— Você e sua mania se pensar que é o melhor motorista do mundo! — é melhor sairmos logo daqui — declarou David.

O sobrinho já estava apertando mais botões, mas nada acontecia. O dinossauro se aproximava cada vez mais.

— Corram para salvar suas vidas! — gritou o advogado.

Todos saíram correndo do carro, entraram na selva. O capim se elevava acima de suas cabeças, as árvores de projetavam para o céu.

— Então a vida era assim há milhares de anos — disse David, admirado.

E foi nesse momento que avistaram meia dúzia de homens das cavernas, soltando grunhidos, com enormes porretes, aproximando-se depressa.

— Somos amigos! — gritou David.

Mas é claro que eles não entenderam. A linguagem ainda não fora inventada. David levantou a mão, num gesto de rendição. Um dos homens acertou com o porrete em sua cabeça.

Os outros foram derrubados em seguida. Despertaram numa caverna, cercados por homens e mulheres, que os observavam com espanto. Um dos homens comia carne crua de um animal que haviam matado.

O grupo podia ouvir os estranhos ruídos da selva. Os homens da caverna contemplavam os quatro com cara de fome.

Um deles apalpou o braço da viúva, para verificar se daria um bom alimento. Lambeu os lábios.

— Eles vão nos devorar! — gritou a viúva. Ela virou-se para David. — Você é o mais inteligente! Faça alguma coisa! Diga a eles quem somos!

— Como? — indagou David. — Eles não conhecem a linguagem.

Mais homens entraram na caverna. Foram se juntando em torno do grupo.

— Eles pretendem fazer alguma coisa com a gente! — gritou o sobrinho. — Acho que vão nos matar!

— Isso é contra a lei! — protestou o advogado.

O maior dos homens da caverna adiantou-se, erguendo seu porrete, ameaçador.

— Estamos perdidos! — berrou a viúva. — Vamos morrer!

E foi nesse instante que David teve uma inspiração. Enfiou a mão no bolso, tirou seu isqueiro e acendeu-o. A chama subiu e os homens da caverna recuaram, apavorados. David deixou a chama se extinguir, tornou a acender o isqueiro. Eles recuaram ainda mais, emitindo estranhos sons guturais. David disse:

— Somos todos deuses e, se vocês não saírem logo daqui vamos destruí-los!

Eles não compreenderam as palavras, mas viam que aquelas estranhas pessoas podiam tirar fogo do bolso e estavam aterrorizados. Começaram a se inclinar para o grupo.

— Assim é melhor — disse David, levantando-se. — Vamos sair daqui.

Eles voltaram à selva. Os homens e mulheres da caverna os seguiram.

Avistaram aves gigantescas, voando pelo céu, imensos animais, mais dinossauros. Os ruídos que os animais faziam era ensurdecadores. Atravessaram a selva, alcançaram o carro, entraram.

— Depressa! — gritou a viúva. — Vamos sair logo daqui!

O sobrinho tornou a sentar ao volante, começou a apertar botões. Nada aconteceu.

Um lagarto de mais de dois metros de altura se aproximava, projetando e recolhendo a língua.

— Depressa! — berrou a viúva.

— Estou tentando! — respondeu o sobrinho. — Estou tentando!

Ele continuou a apertar os botões. O lagarto estava cada vez mais perto. Já dava para sentir seu bafo quente. No instante em que ele chegava ao carro, o sobrinho apertou o botão certo.

Houve uma nuvem de fumaça e o carro partiu pelo tempo.

O grupo sentiu que girava pelo espaço, em meio a um tremendo barulho.

— Estamos indo para casa agora? — perguntou a viúva.

— Não sei para onde vamos — respondeu o sobrinho.

E foi nesse momento que pousaram no solo, com um solavanco.

— Pelo menos estamos seguros — comentou o advogado.

Olharam ao redor e viram homenzinhos verdes se aproximando.

— Santo Deus — exclamou o sobrinho. — Estamos em marte!

Levantaram os olhos e divisaram um disco voador passando pelo céu.

— Não sei se isto é Marte — disse David —, mas estamos num planeta estranho. E tenho a impressão de que fomos para o futuro.

— O que quer que seja — declarou a viúva —, não gosto daqui. Quero voltar para casa.

Os homenzinhos verdes estavam mais perto agora. Abriam a boca, mas nenhum som saía; apesar disso, os quatro puderam ouvir o que eles pensavam.

Um dos homenzinhos verdes pensou: *Ah, temos visitantes!*

O segundo pensou: *Vamos tê-los no banquete esta noite.*

E o terceiro pensou: Eles devem ser deliciosos.

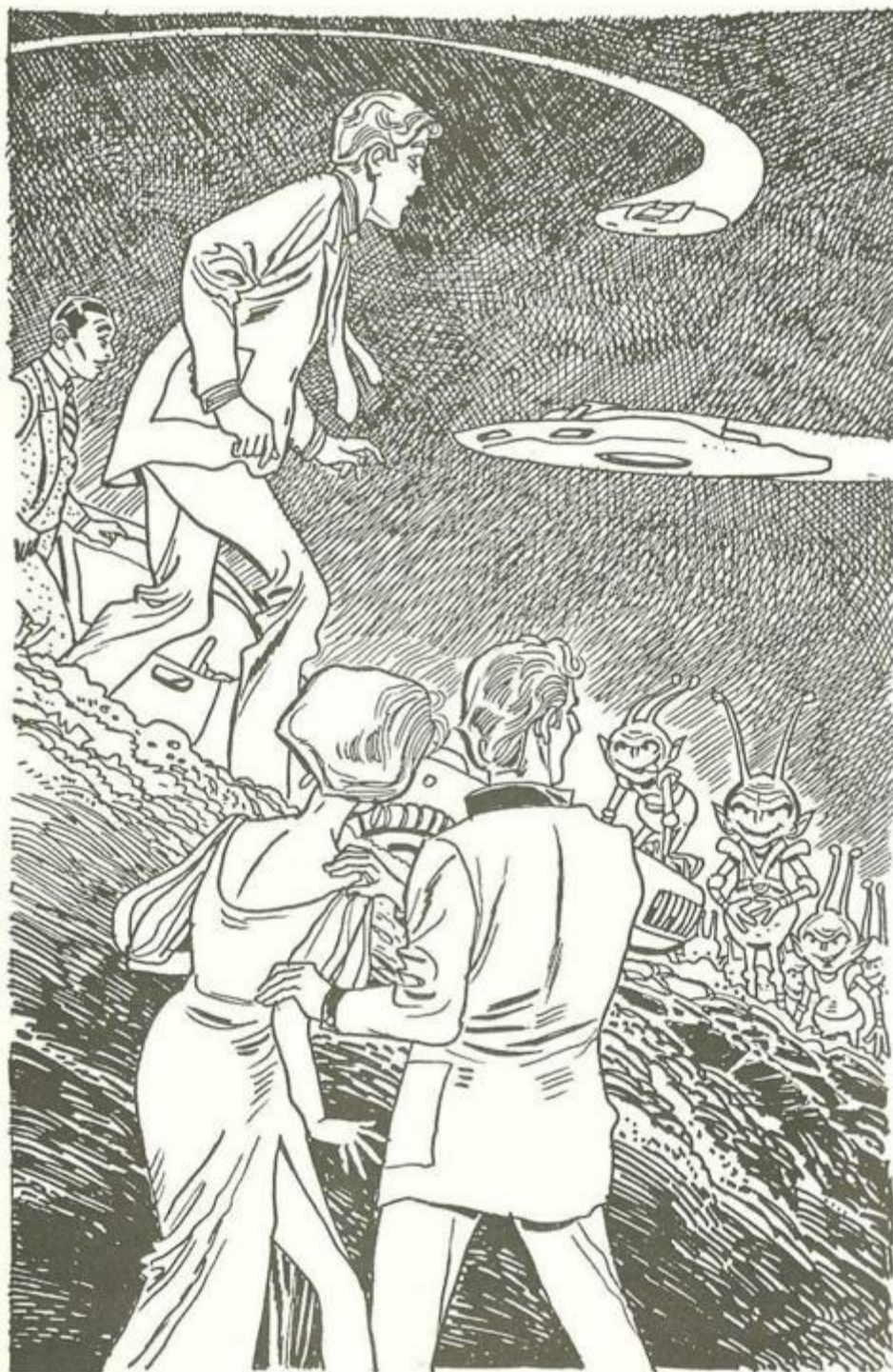
A viúva berrou:

— Por que todo mundo quer nos devorar?

David tentou transmitir um pensamento para os homenzinhos verdes: Somos amigos. Não queremos fazer mal algum a vocês.

O primeiro homenzinho verde pensou : *Guardarei a mulher para a sobremesa.*

O segundo homenzinho verde pensou: Saiam dessa máquina.



— Não saiam! — advertiu David.

Os homenzinhos verdes estavam quase alcançando-os.

— Depressa! — gritou David.

Ele emperrou o sobrinho para o lado, sentou ao volante e começou a apertar os botões no painel.

Houve uma nuvem de fumaça, um clarão, e o carro desapareceu.

Lá se vai nosso jantar, pensaram os homenzinhos verdes.

O grupo girava outra vez pelo espalho, com o estrépito do universo em seus ouvidos.

— Não consigo mais aguentar isso! — gritou a viúva. — Por favor, quero voltar para casa! Não me importo se nunca mais receber nenhum dólar da fortuna de Samuel Stone! Pode ficar com tudo!

— Eu também! — acrescentou o sobrinho. — Fique com a minha parte!

— Só quero voltar para casa! — suplicou o advogado. — Pode ficar com a minha parte também!

Continuaram a girar, cada vez mais depressa, até que todos se sentiam tontos, e de repente o céu pareceu se abrir e ousaram com um solavanco. Estavam de volta à garagem de onde haviam partido, e o Sr. Yamamoto se encontrava ali, esperando-os.

— Conseguimos voltar! — exclamou a viúva. — E agora estamos ricos!

— Poderemos vender esta máquina do tempo por milhões! — acrescentou o sobrinho

O advogado se apressou em corrigi-lo:

— Centena de milhões!

— Esperem um pouco — interveio David. — Vocês disseram que o dinheiro seria todo meu. Que renunciavam à sua parte para mim.

— Foi quando pensamos que íamos morrer — explicou a viúva.

— Sinto muito se está arrependida — declarou David —, mas tudo o que eu receber por esta máquina irá para obras de caridade.

— Está querendo dizer que vai dar todo o dinheiro? — indagou o advogado, horrorizado.

— Isso mesmo — confirmou David.

— Gostaram do passeio? — perguntou o Sr. Yamamoto.

— Foi muito interessante — respondeu David. — O que planeja fazer com isto?

— A universidade quer comprar — informou o Sr. Yamamoto. — Pretendem fazer experiências e construir outras.

— Quanto estão dispostos a pagar? indagou David.

— Ofereceram dez milhões de dólares.

— Muito bem, fico com o dinheiro.

A viúva olhou espantada para David.

— Quer dizer que vai guardar tudo só para você?

— Não será para mim — explicou David. — O dinheiro irá para os que precisam mais do que eu.

Era de manhã. Não conseguiram dissuadir David de suas intenções. Ele recebeu os dez milhões de dólares, entregou tudo à Fundação Samuel Stone para os desabrigados. Finalmente haviam encontrado toda a fortuna de Samuel Stone.

— Imagino que ele se divertiu ao nos observar enfrentar tantos problemas — disse a viúva, amargurada.

David sorriu.

— Tenho certeza de que ele se divertiu.

E David estava certo.